

**MOVIMENTO  
CONSERVACIONISTA  
TERESOPOLITANO  
2022**



# Verão

## 2022

**Jornal Resistência Verde  
S.O.S. Terra**



**JORNAL RESISTÊNCIA VERDE - S.O.S TERRA**  
**Volume 1**  
**2022**

**Diretor Executivo: Cassia Cristina Cunha**

**Conselho Editorial e Projeto Gráfico: Cassia Cristina Cunha e Thaís Parméra**

**Editor de Arte: Thaís Parméra**

**Colaborador: Victor Hugo Borges Saraiva**

**Para mais informações acesse: <http://resistenciaverde.blogspot.com/>  
e-mail do jornal: [jornalresisteciaverde@gmail.com](mailto:jornalresisteciaverde@gmail.com)**

**As matérias publicadas são de total responsabilidade de seus autores**

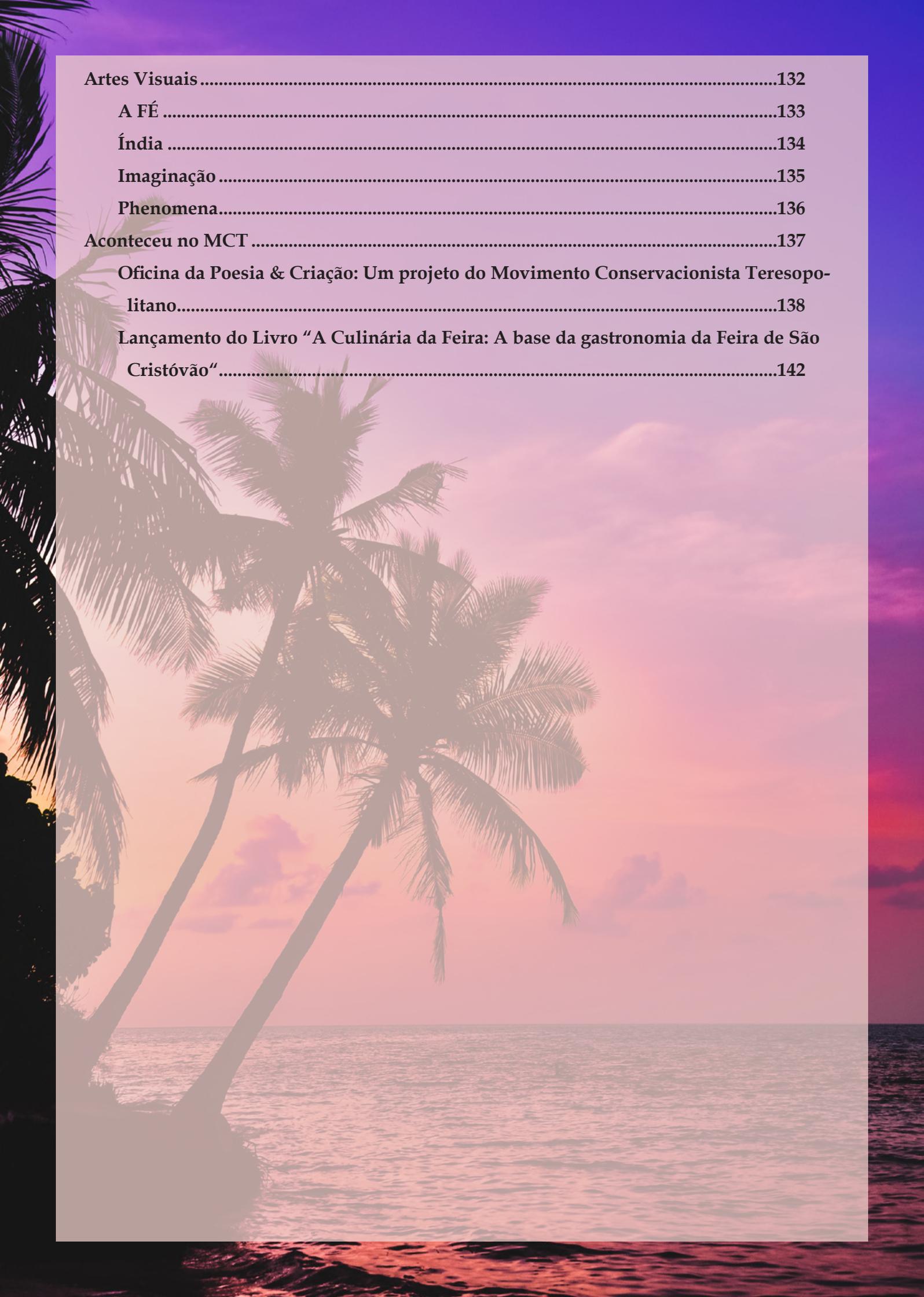
**MOVIMENTO CONSERVACIONISTA TERESOPOLITANO**



# Sumário

Editorial.....	6
Meio Ambiente.....	9
Carta ao Inquilino habitante do Planeta Terra .....	10
Direitos Humanos, Sociedade e Diversidade.....	14
Residência pedagógica da UERJ na Pandemia sob a ótica de um residente em Ciências Sociais .....	15
As novas faces do fascismo e do populismo na atualidade.....	28
A igreja do diabo: Uma breve análise da realidade na literatura e sociedade de Machado de Assis. ....	36
O “18 de Brumário” de Marx: Um breve esquema da movimentação política da luta de classes na França.....	41
Reflexões sobre a Mentira na política moderna e nos regimes totalitários .....	62
O Ensino Remoto Emergencial e seus desafios: Um estudo de caso a partir das aulas de Sociologia do Colégio Pedro II.....	73
Divulgação da Ciência, Pesquisa e Inovação.....	83
Curie, Curie, Curie, Curie! .....	84
Literatura e Entretenimento .....	89
O (não) sentido da Arte soberana .....	90
Rainha .....	93
A Carta da Terra das Cidades Pobres.....	98
O trenzinho do suburbano.....	102
A Filosofia da Comparação Palestra proferida pelo Prof. Cenóbio Lacerta Viridis da Universidade da Sabedoria.....	110
Amanheceu .....	114
Poesia .....	118
Implodir.....	119
Poesia .....	121
Mundo.....	122
Coisas Urgentes.....	125
Patente.....	126
Poesia .....	129
Gritos da Fábrica.....	130
Liberdade a Mil!.....	131

Artes Visuais .....	132
A FÉ .....	133
Índia .....	134
Imaginação .....	135
Phenomena.....	136
Aconteceu no MCT .....	137
Oficina da Poesia & Criação: Um projeto do Movimento Conservacionista Teresopolitano.....	138
Lançamento do Livro “A Culinária da Feira: A base da gastronomia da Feira de São Cristóvão” .....	142



# Editorial

*Thaís Parméra  
Cassia Cristina Cunha*

O **verão** sempre dá a ideia de alegria e da vivência plena da vida. É quando a natureza se torna exuberante e desfruta do bom tempo, da explosão da vida e da liberdade da existência.

Essa edição comemorativa do verão também se apresenta dessa forma. Nos deleitamos na expectativa de novos tempos de bonança, mas não esquecemos que essa vitalidade que nos permeia nos dá força para as lutas que são expostas pela realidade que nos cerca.

Iniciamos **2022** com a sombra da permanência da **pandemia da Covid-19** que soma **663 mil mortes** no nosso país até o momento da construção desse editorial. E esse número continua a aumentar todos os dias, muito embora a maior parte da sociedade tenha se “cansado” da realidade. É impossível não ser impactado por esse número que se aglutina a tantas histórias de luto, sofrimento, dor e descaso.

Se a pandemia por si só não fosse já tão dolorosa, ainda somos nesse momento uma nação

flagelada por um poder opressor que se assenta no mais alto cargo do poder executivo. Ele, como um **vampiro desumano**, se enebria do morticínio e fomentado por ele mesmo e seus asseclas. Não satisfeito, incrusta as suas garras na luta sistemática e premeditada contra a democracia, as liberdades e a verdade. **O fascismo não é mais uma sombra ou um pesadelo distante.** Ele se senta a nossa mesa e todos os dias faz investidas contra a nossa liberdade e o nosso futuro.

Dentro desse cenário de caos, estamos vendo o despontar de **uma nova guerra na Europa.** A Rússia, em sua sede totalitária e imperialista, invadiu a Ucrânia. Mais uma expressão da violência, do terror, do assassinato premeditado e sistemático baseado na demonstração de uma força que se esgota na maldade e se refestela no sofrimento humano. Mais uma vez **a humanidade apunhala a si mesma.**

Nesse semestre estamos vivendo dias que são marcos impor-

tantes da nossa luta em favor das **Mulheres, dos Povos Indígenas e do planeta da Terra.**

Todas essas datas comemorativas ultrapassam o mero calendário anual porque **ressoam uma luta intergeracional a fim da plena existência da humanidade em um contexto de Paz, dignidade e sobrevivência.** A utopia de novos tempos nos motiva a sonhar uma sociedade mais igualitária e um planeta sustentável para toda a Biosfera.

A partir de todo esse cenário altamente desafiador, **nos revestimos da vitalidade da luta pelas causas justas** e, como um Jornal que engajado com as causas ambientais, culturais e humanitárias, reafirmamos o nosso compromisso para com elas.

Para essa edição, trouxemos seis seções temáticas que abordaram temas diversos e muito relevantes.

A seção **“Meio Ambiente”** trouxe um texto clássico de Vido-cq Casas, o fundador do MCT e do Jornal Resistência Verde S.O.S. Terra, que fala sobre a incompatibilidade das ações humanas com a sobrevivência do ser humano no planeta Terra.

A seção **“Direitos Humanos, Sociedade e Diversidade”** trouxe seis artigos dos mais variados temas como relatos de experiência práticas pedagógicas no âmbito das dificuldades enfrentadas pela pandemia da Covid-19; a questão do fascismo e da mentira nos regimes totalitários; análise da literatura e sociedade em Machado de Assis e um relato esquemático sobre a movimentação política da luta de classes na França a partir do “18 de Brumário” de Marx.

A seção **“Divulgação da Ciência, Pesquisa e Inovação”** trouxe um artigo que faz um relato crítico e bem humorado da família Curie e o desbravamento de Marie Curie e suas filhas na sociedade e na Ciência em seus preconceitos patriarcais na primeira metade do século XX.

A seção **“Literatura e Entretenimento”** trouxe 15 trabalhos que incluem contos, crônicas e poesias.

A seção **“Artes Visuais”** trouxe quatro trabalhos que incluem arte digital, ilustrações e abstrações.

A seção de notícias **“Aconteceu no MCT”** apresenta duas matérias sobre as atividades de-

envolvidas por projetos do MCT como a Oficina da Poesia & Criação e a notícia do lançamento de um livro de Gilberto Teixeira, um membro do MCT.

As imagens usadas nessa edição são de domínio público e estão disponíveis em sites gratuitos a exemplo do Unsplash, Pexels, Pixabau e PNGTree. Os trabalhos expostos na seção “Artes Visuais” foram fornecidos diretamente pelos artistas a partir de autorização expressa dos mesmos.

**Convidamos você a se juntar a esse rol de lutas que visam a sobrevivência justa e digna de toda a Humanidade.**

Levantamos a nossa voz contra todas as forças opressoras, intolerantes, violentas e que apregoam a morte. Resistimos como o sol da liberdade para transformar o mundo e a nossa realidade.

**Se não resistirmos, morreremos!**

Conselho Editorial  
Jornal S.O.S. Terra  
Resistência Verde



SEÇÃO TEMÁTICA I

# MEIO AMBIENTE

# Carta ao Inquilino habitante do Planeta Terra

Vidocq Casas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT)

*Nota do editor:*

*Esse texto foi publicado pela primeira vez em 2013 por Vidocq Casas, fundador do Movimento Conservacionista Teresopolitano e do Jornal Resistência Vede S.O.S. Terra. Ele foi escrito na esperança de despertar nas pessoas mais consciência ecológica e reflexão para os graves problemas ambientais que estão provocando o devastador aquecimento do nosso planeta. Este alerta é o nosso veemente protesto e repúdio às políticas dos dirigentes dos países ricos do 1º Mundo, que continuam omissos e nada fizeram contra as poluentes e crescentes emissões de CO<sub>2</sub> na atmosfera em decorrência do consumismo e produção tecnológica extrema de manufaturados que estão esgotando e destruindo os recursos naturais, principalmente a vital água doce e o abençoado ar de que precisamos puros, para vivermos sadicamente. Não podemos mais continuar remando contra a maré, temos de nos unir, a favor da vida, para garantir a sobrevivência e o futuro da humanidade e da Terra.*

*Só nos resta revolucionariamente gritar e protestar para acordar mais luz contra as trevas! Ainda mais diante de um mundo cada vez mais excludente, perdulário e violento tanto pela guerra como pelo avassalador poder das elites que tentam nos sufocar a liberdade e matar de vez a cidadania. Precisamos é da poesia transcendente e humana que todo homem precisa para viver e ser: amor, fraternidade, justiça, dignidade, igualdade e liberdade! A poesia combate a guerra, a violência, o desamor e a falta de respeito aos direitos humanos ao mais sagrado deles: a vida!*

*Thaís Parméra*



Senhor habitante,

Lamento informá-lo que os seus compromissos de morador, há centenas de milhares de anos, estão quase vencidos, por sua irresponsabilidade, insensibilidade e ganância desenfreada consumista e predatória, sem nenhum respeito à Natureza, que lhe dá a vida e tudo aquilo de que precisa para o manter vivo e sadio.

Devido à sua falta de consciência, amor e de respeito, com o maior dom da existência humana, que é a sua preciosa vida, **não nos será mais possível abrigá-lo, em nosso planeta**, com segurança e perspectivas de um futuro feliz.

Infelizmente, o seu amanhã é negro e **sem projeções de melhoria**. A destruição programada e célere que você vem fazendo, com os recursos naturais, que são vitais para a vida de todos, estão

provocando a **morte da Biosfera**, o Ecossistema vital da Terra, ou melhor, o meu coração: a vida do mundo!

O meu sangue que são os mares, oceanos, lagos, rios, as nascentes e a chuva estão ficando poluídos e desaparecendo do solo, pelo desmatamento vertiginoso e impiedoso que você comete criminosamente e sem piedade. Lamentavelmente, o assassinato de nossas florestas, matas e bosques pelo machado e motosserras, além das queimadas criminosas, em nome do desenvolvimento e progresso imediatista (produção e lucro a qualquer preço!), estão envenenando o ar vital que respiramos.

Esta contaminação absurda chegou ao extremo e já atinge as camadas superiores da atmosfera, pelos gases e fumaças tóxicas, vindas das descargas venenosas dos milhões e milhões de automóveis e



das chaminés das fábricas. Este terrível pesadelo provocou o aquecimento global do planeta, com o efeito estufa, provocando buracos irreversíveis na camada de ozônio com alterações espaciais, resultando o degelo das calotas polares, que lamentavelmente, vêm provocando o aumento dos oceanos, a destruição das regiões costeiras marinhas e ilhas oceânicas densamente habitadas, trazendo

**catástrofes terríveis**

como os tsunâmis, tufões, furacões, erupções vulcânicas, terremotos, enchentes e chuvas torrenciais, que ceifam vidas preciosas e trazem prejuízos materiais incalculáveis às populações indefesas. Não o satisfeito, na sua insanidade, você, ainda, comete **crime de lesa-humanidade**, pelo uso perigoso da energia nuclear, tecnologia de que você não tem nenhum controle.

O lixo atômico que contém resíduos de materiais radioativos letais como o Rádio, Tório, Urânio e Lítio entre outros, levam mais de 100.000 anos para serem neutralizados.

Que homem, animal ou vegetal, poderá sobreviver à malignidade



provocada pelas substâncias e produtos radioativos?

Os alimentos, vindos tanto do reino animal quanto vegetal, também estão envenenados por substâncias químicas, metais pesados e chuvas radioativas em detrimento da cadeia alimentar. O lixo que você produz nas cidades está empestiando todos os ecossistemas, habitats e ninchos da natureza poluindo os lençóis freáticos e extinguindo para sempre, as águas puras e vivas das nascentes subterrâneas, os aquíferos da



preciosa e insubstituível água doce, fonte da vida!

Como será possível você e eu vivermos num ambiente letal, hostil e insalubre, até mesmo para os microorganismos e vírus?

Sem água viva, o ar e o verde que é vida da natureza, morrerão! Esta é a hora do **Alerta Vermelho**, o grito final em defesa da vida.

Se você quiser continuar vivendo e morando aqui comigo, **faça já uma mudança radical**, de 180°, **em benefício de todos**, principalmente, de você.





Se não puder mudar seu modo de vida e suas ações deletérias, **serei obrigada a despejá-lo!**

A sua desmesurada arrogância, egoísmo e ambição desenfreada o transformou na fera da vida, como o predador implacável e insano criador de um mundo de extermínio e exclusão em detrimento da cidadania.

A sua desumanidade e extremo individualismo e submissão ao poder político e à riqueza gerenciada e programada pela Globalização e Informática só tem produzido guerras, terrorismo, fome, pobreza e desperdício **acelerando o apocalipse ecológico e a marginalização do ser humano.** A sua insanidade fez do século XXI a era mais desumana e excludente da história da humanidade.

Minha esperança é que a luz da reflexão e do amor à dignidade da vida o afaste das trevas para a salvação de todos. **A humanidade já é uma espécie em extinção!**

Sinceramente, se não mudar de vida, repito, **tanto eu quanto você morreremos!**

**Gaia**, sua sobrevivente protetora Mãe Terra, sua casa global, a nave sideral da humanidade, a amiga sincera que tudo lhe oferece e nada pede em troca. Tristemente, lamenta dizer: só recebe poluição e destruição, até a morte!

**Se não resistirmos, morreremos!**

**O VERDE É VIDA!**





Seção Temática II

**DIREITOS HUMANOS,  
SOCIEDADE E  
DIVERSIDADE**

# Residência pedagógica da UERJ na Pandemia sob a ótica de um residente em Ciências Sociais

Marcos Antônio Vieira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

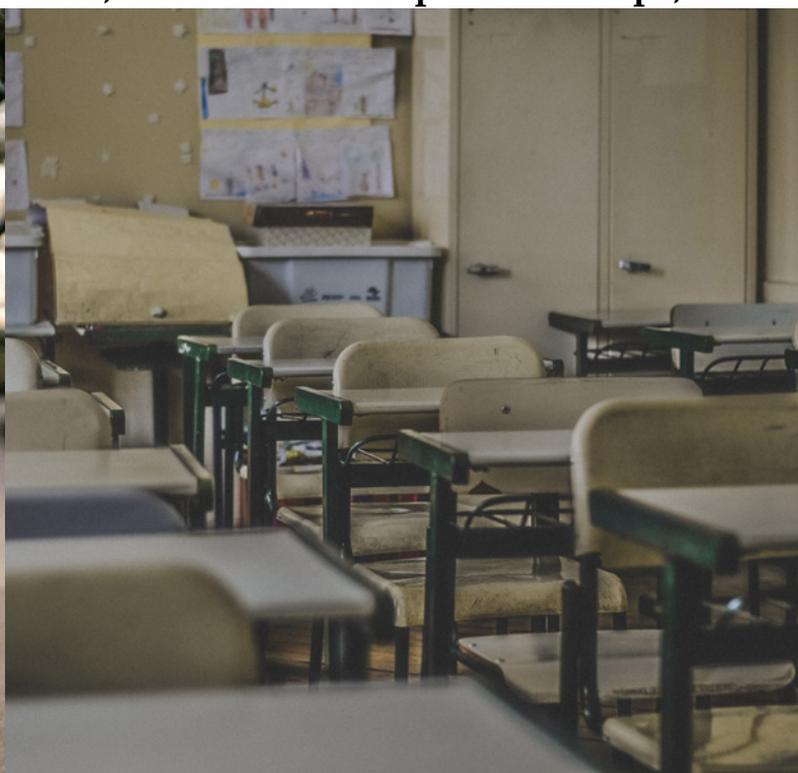
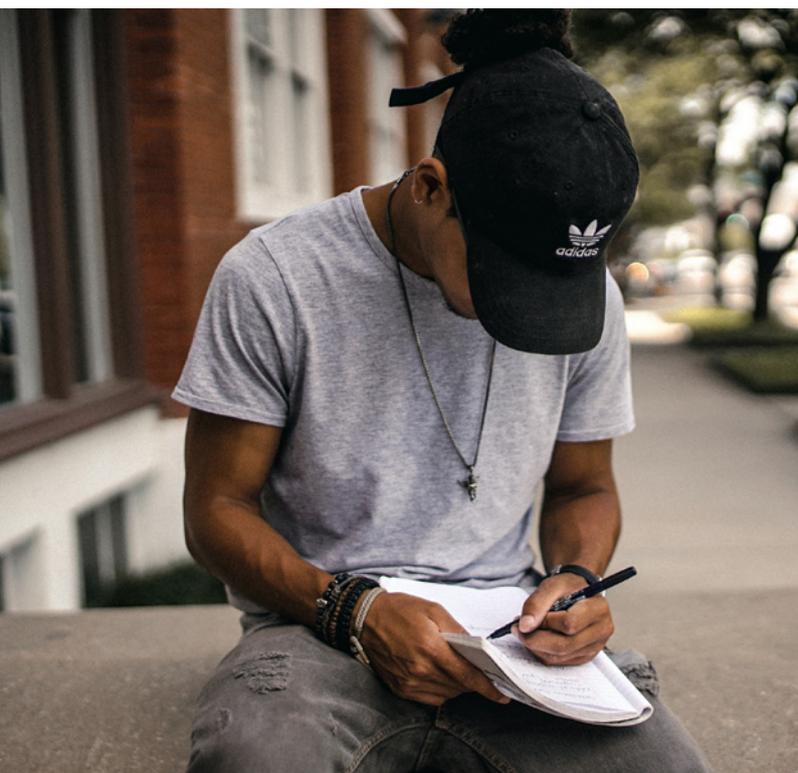
## Introdução

O **Colégio Estadual Antônio Prado Júnior**, situado na Rua Mariz e Barros, 273 A - Tijuca, Rio de Janeiro - RJ, vem realizando desde 2020, aulas remotas com as/os estudantes, com atividades propostas pela professora preceptora Bárbara, de Sociologia.

O intuito das aulas é tornar um momento de reflexão sobre as relações sociais no Brasil e oferecer ferramentas para as/os

alunas/os decidirem por si, que Estado elas/es querem para viver e ter argumento de defender as suas decisões, ou seja, não permitir que outras pessoas ou mídias digam para elas/es o que é bom. Nesse sentido, a **reflexão desenvolvida deve resultar em ações de combate às formas de tutela que persistem e se atualizam na sociedade brasileira.**

As apresentações das aulas síncronas foram realizadas na turma da educação secundária, pela plataforma google meet, consistiram na primeira etapa,





discussões sobre os temas propostos adaptadas às aulas síncronas e ao Currículo Mínimo 2012 de Sociologia.

Diversos assuntos foram abordados, dentre eles o Estado, suas características, a desigualdade e a intolerância presentes na sociedade brasileira, assim como a produção da fome enquanto fenômeno histórico e, como este contexto termina por expor algumas pessoas em risco ao ter que sair para trabalhar em plena pandemia.

Assim, fazer as/os alunas/os do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior ter a possibilidade de compreender e refletir a sociedade em que elas/es estão inseridas/os e a partir de uma perspectiva combativa às desigualdades cotidianas.

**Sendo assim, saber diferenciar que na sociedade há uma pluralidade de pensamentos em que podemos concordar ou não. Porém, com argumentos sólidos e não de senso comum.**

Outra atividade que a/o residente desempenha, e que se faz necessário pelas instituições educacionais, é avaliar as/os alunas/os. Desse modo,

eu caminhei no início com a residente Mônica, que finalizou a licenciatura em Ciências Sociais. Hoje, eu caminho com a residente Rafaelle, nas aulas síncronas da turma 3003, no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior. Isso, depois da residente Rita ter sido vítima fatal do Covid-19.

Neste relato de experiência, além de relatar acontecimentos que marcaram esses 12 meses, de Residência Pedagógica no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, registro a importância do programa para a aula de Sociologia.

Desse modo, destaco as atividades que envolveram os residentes em Ciências Sociais da UERJ, na proposta que realizaram na turma 3003 do terceiro ano do ensino médio. Estas atividades contribuíram para a formação destes estudantes como pessoas mais reflexivas na sociedade em que estão inseridas/os.

Veremos no próximo capítulo como foram construídas as aulas síncronas, e suas dinâmicas, ou seja, o método utilizado.

## 1. Atividades nas aulas síncronas ocorridas do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior

A minha primeira atividade ocorreu no dia 30 de maio de 2021, na turma 3002, com a residente Mônica, no qual abordamos Cidadania, Democracia e Direitos Humanos, dando ênfase para Intolerância Religiosa. Como fio condutor nos baseamos na Cartilha dos Direitos Humanos da Organizações das Nações Unidas (ONU) e no artigo 5º da Constituição Federal de 1988 - “Constituição Cidadã” e para o debate uma reportagem sobre o Complexo de Israel, no Rio de Janeiro, no qual deixamos o link para os alunos pesquisarem e lerem a reportagem na íntegra.

A partir da minha segunda atividade com a residente Rafaelle, foi feita uma enquete, no qual deixamos as/os alunas/os livres para escolherem, qual tema elas/es gostariam de estudar. Em primeiro lugar, ficou desigualdade social e em segundo lugar, gênero e em terceiro lugar, desigualdade.

Então, a minha segunda atividade ocorreu no dia 23 de junho de 2021, na turma 3003, com a residente Rafaelle, no qual abordamos Desigualdade Social, dando ênfase para Insegurança Alimentar durante a Pandemia de Covid-19.

Como fio condutor nos baseamos nos teóricos: **Karl Marx, Max Weber e Michel Foucault.**



Para discussão, usamos três reportagens: A primeira, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); A segunda, do empresário Roberto Justus em dois momentos, o primeiro “Não podemos parar a economia por causa de 7 mil que vão morrer” e o segundo “Roberto Justus incentiva vacinação de brasileiros nos Estados o primeiro “Não podemos parar por causa de 7 mil que vão morrer” e o segundo “Roberto Justus incentiva brasileiros irem aos Estados Unidos para serem vacinados contra covid-19”;

A terceira, o líder religioso Edir Macedo em dois momentos, dizendo que “o coronavírus é inofensivo, obra do satanás” e o outro nos Estados Unidos tomando a vacina contra covid-19 da fabricante Janssen. Foram disponibilizados todos os links para as/os estudantes pesquisarem e lerem.

A terceira atividade ocorreu no dia 25 de agosto de 2021, na turma 3003, com a residente Rafaelle, no qual abordamos o Estado, e dando ênfase para dois conceitos: Alienação (Karl Marx) e Status (Max Weber). Para debater os dois conceitos, apresentamos uma reportagem em que o governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite se assumiu gay, em um programa de televisão. Dessa forma, fazer as/os estudantes “REFLETIREM”,

o que estava por trás dessa declaração, no qual deixamos disponível o link da reportagem, para as/os estudantes examinarem.



Com o pensamento de formar as/os educandas/os autônomas/os, Freire (1996) nos lembra que cada indivíduo tem sua experiência.

**Na condição de educadores, devemos fazer com que as/os educandas/os reflitam com olhar crítico sobre o lugar em que estão inseridos visando a transformação deste lugar.**

Dessa forma, tínhamos a consciência de que estávamos fazendo um trabalho certo, em que as aulas estavam sendo construídas em conjunto com a/o residente, a educadora e as/os educandas/os.

Como dito pelo autor:

“... Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?”

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso?

Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido.

Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos”.  
(FREIRE, 1996, p. 18).

Infelizmente, nem todas/os estudantes tiveram a oportunidade de participar das aulas, é o que veremos a seguir.

## 2. Tempos de Avanço ou Exclusão?

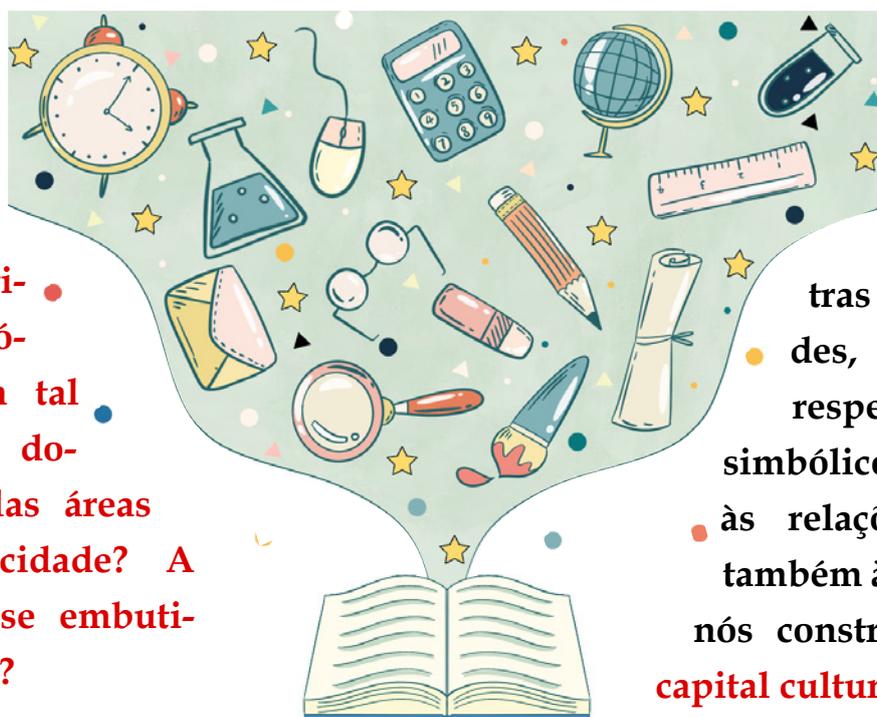
Com foco nas classificações entre as pessoas, Bourdieu (2003) destaca como a **cultura dominante se torna um instrumento de exclusão social**, sendo algo exclusivo de uma parte da população. Essa cultura dominante não é acessível a todos,

pois é feita para ser de poucos.

Porém, existem outras desigualdades, que dizem respeito ao nível simbólico, que são às relações sociais e também às relações que nós construímos com o **capital cultural**.

Esse capital vai tornar as pessoas mais instrumentalizadas para absorver a cultura dominante. Como dito pelo autor:

“É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, se-



gundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” (BOURDIEU, 2003, p. 41)

A análise de Bourdieu sobre a escola e sua desigualdade não vai ser explicada somente pelo fator econômico. O capital econômico não é suficiente, porque as pessoas são desiguais em outros níveis também. Assim, ele elabora a **teoria dos quatro capitais**. Vou optar em apresentar dois capitais: **social e cultural**, que serão suficientes para compreender o meu pensamento.

O **Capital Social** está relacionado às **redes de relações que os indivíduos constroem à medida em que interagem uns com os outros**.

Esse capital social está ligado a toda forma de interação social que a

pessoa estabelece, na qual ela pode obter algumas vantagens ou trocas.

As redes sociais em que a pessoa participa podem favorecer esta pessoa a ter mais capital: econômico, simbólico e cultural. Esse capital pode ser revertido em qualquer dos outros capitais.

O **Capital Cultural**, por sua vez, tem a ver com a **instrumentalização que os indivíduos recebem, podendo favorecer ou não a absorção da cultura dominante**.

O espaço por excelência onde a cultura dominante é compartilhada e propagada é na escola. Então, nós podemos entender que o **indivíduo que tem mais capital cultural é aquele que vai ter mais instrumentos da cultura dominante, e se dar bem na escola e na sua trajetória acadêmica**. Assim, mesmo considerando que a educação é um direito do cidadão, e sendo muito importante para a formação do indivíduo e também para o país, infelizmente a globalização mostra o seu lado mais perverso junto com a política da precariedade.



Nesse contexto, nem todos os alunos têm equipamentos eletrônicos, e quando se têm equipamentos, não têm condições de ter uma Internet de ponta para assistir às aulas.

Isso faz com que, dentre 40 estudantes inscritos, somente 6 estudantes participem das aulas síncronas na turma 3003, do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior. Com isso, a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro vem “formando” um número de jovens deficientes no aprendizado.

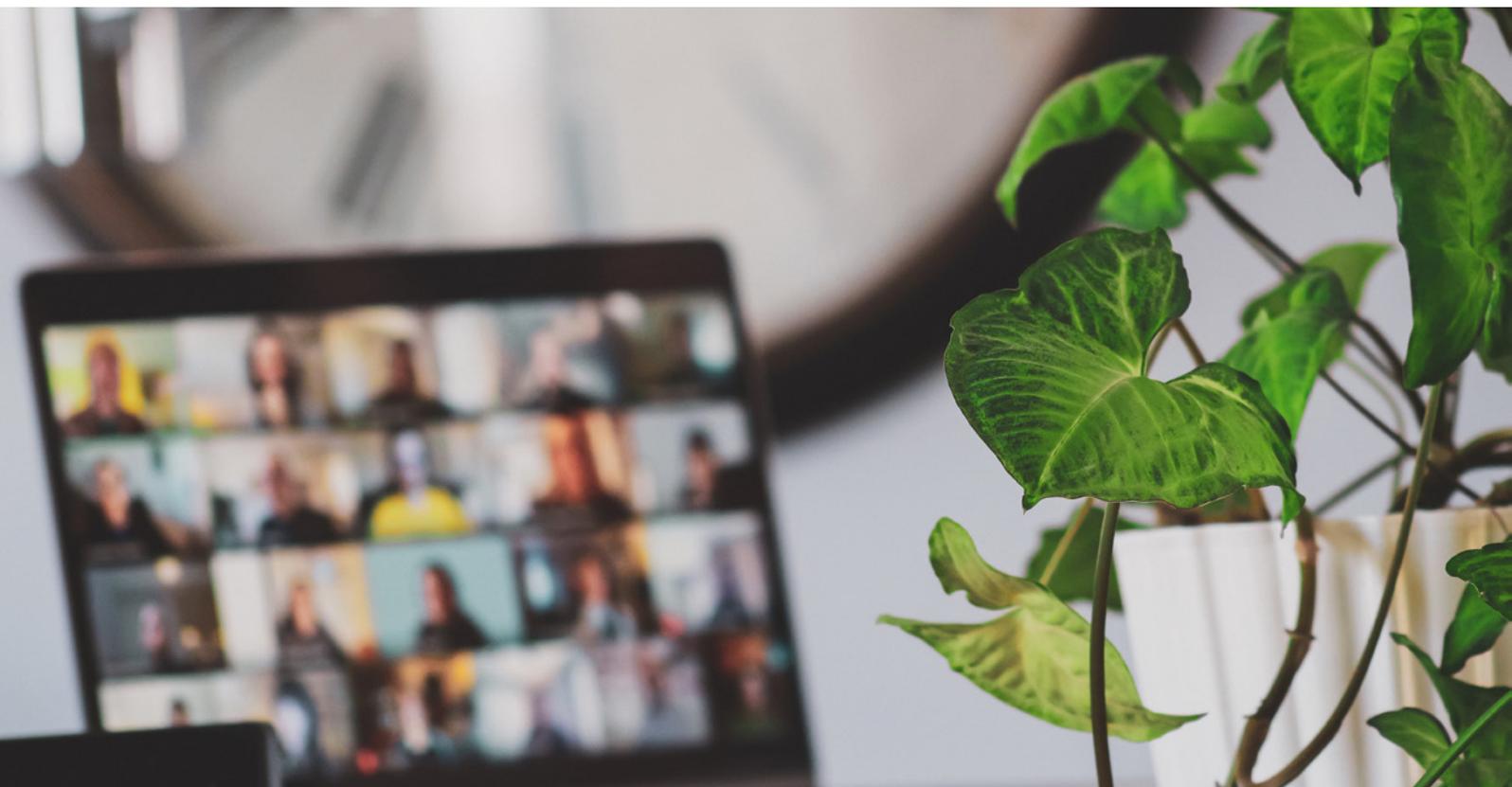
A **política da precariedade** se faz presente também em não formular projeto, mesmo depois de um ano de pandemia, para a distribuição do livro didático para as/os alunas/os. Pois, as/os estudantes

com o livro, teriam em mãos um material com conteúdo para fazê-los entender o que estava sendo ensinado nas aulas síncronas.

Além disso, o livro didático muitas das vezes, é o único livro que a/o estudante tem na sua trajetória escolar, ou seja, o livro é um bem em que a/o estudante tem para ler e compreender, refletir a sociedade em que está inserida/o através do que alguns autores escreveram. Podendo assim, compartilhar e dialogar com a/o professora/r e demais alunas/os conceitos.

É um modo das/os estudantes se instrumentalizarem de conhecimentos.

Desse modo, ficam 34 alunas/os excluídas/os de uma interação social com os seus



colegas de classe, com a professora e com a/o residente. São perdas incalculáveis por não estar trocando, compartilhando o conhecimento, e assim, perde-se momentos valiosos para sua vida, não só como aluna/o, mas também na sua formação de uma cidadania e de um cidadão.

**S e n d o assim, a violência simbólica nas escolas possui práticas de exclusão muito sutis, que não são perceptíveis.**

A escola é produto de uma sociedade desigual, a escola está sendo desigual, está reproduzindo a desigualdade.

Enquanto isso, a elite se reproduz, e a miséria está se reproduzindo de várias maneiras: na pobreza, nas classes menos favorecidas economicamente, e se reproduzem também em função da qualidade no acesso ou não a bens culturais.

Como dito por Bourdieu:

**“... não se pode conceber educandos**

**iguais em direitos e deveres frente à língua universitária e frente ao uso universitário da língua, sem se condenar a creditar ao dom um grande número de desigualdades que são; antes de tudo, desigualdades sociais” (BOURDIEU, 2003, P. 56).**



Assim, o autor vai dizer que o sucesso escolar não tem nada a ver com o desempenho individual.

As/Os estudantes terão uma socialização no qual elas/es têm mais instrumentos para compreender a cultura dominante, de modo a ter mais ou menos sucesso escolar.

Com isso, a escola não se transforma, e sim, conserva a desigualdade com a política pública de educação, no qual vai classificar as/os alunas/os que podem acompanhar as aulas síncronas e aquelas que ficam de fora de um direito que é a educação.

Essa **política pública da precariedade** também atinge as/os professoras/es e os/as residentes. É o que veremos.

### 3. Os dois lados da Pandemia

Uma pedra bruta tem o seu valor, mas o diamante para chegar a ser o que é e ter seu valor, “sofreu” muito para chegar a ser o que é, e ter o valor que agora possui. Uma estátua que foi um dia uma pedra inteira, antes de se tornar uma estátua, sofreu muito para chegar a ser o que é.

O suposto sofrimento dado pelo escultor leva a bruta pedra a captar a alma do seu autor. Vitória para a escultura, vitória para seu criador.

Na vida é a mesma coisa. Deus criou o homem e será através do suposto sofrimento que ele vai chegar à imagem e semelhança do seu mestre. São as experiências que contam. Elas somam. O agora é o presente. O passado

é um passo dado e o futuro cabe a tudo aquilo que você lapidou no hoje.

Citei o exemplo da escultura pois é semelhante à criação do homem. A Única diferença é que a escultura é estática, enquanto o homem é movimento e, desta forma, movimento é ação e ação é experiência adquirida.

Outro exemplo são as ostras que, ao adentrar um grão de areia em seu interior, através da irritabilidade, transforma o que era um simples grão de areia em uma pérola de valor.

Dentro de cada um de nós sempre houve a essência de uma alma pura. Serão as idas e vindas, os prós e os contras, os obstáculos da vida que darão o verda-



deiro sentido da palavra viver. A política realizada pelo governo federal na pandemia vem causando um sentimento ou emoção negativa pelas perdas de vidas e consequências que o vírus produz.

Enfim, tudo que a gente passa na vida é uma questão de experiência, tirar o positivo de dentro do que a gente chama de negativo é experiência.

O lado positivo foi a conclusão da Mônica em licenciatura, no dia 31 de abril de 2021, a quem desejo sucesso na sua nova caminhada como Professora de Ciências Sociais, formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, gratidão pelo convívio.

O lado negativo foi a perda da nossa residente Rita para

a Covid-19, pessoa com quem pude dividir alguns momentos em disciplinas que fizemos juntos e agora estávamos no mesmo grupo de residentes.

Com apoio da Prefeitura da UERJ, realizamos uma justa homenagem à Rita, com a plantação de um Ipê no espaço externo da universidade (imagens 1 a 5).

### 3.1. A Chegada

A residente Rafaelle chega no meu caminho por causa dos fatos ocorridos acima descritos. Acrescentando uma outra visão de mundo, outro conhecimento e me tornando uma pessoa mais flexível e sensível aos acontecimentos.

Uma vez que temos história de vidas distintas, com percepções de vida

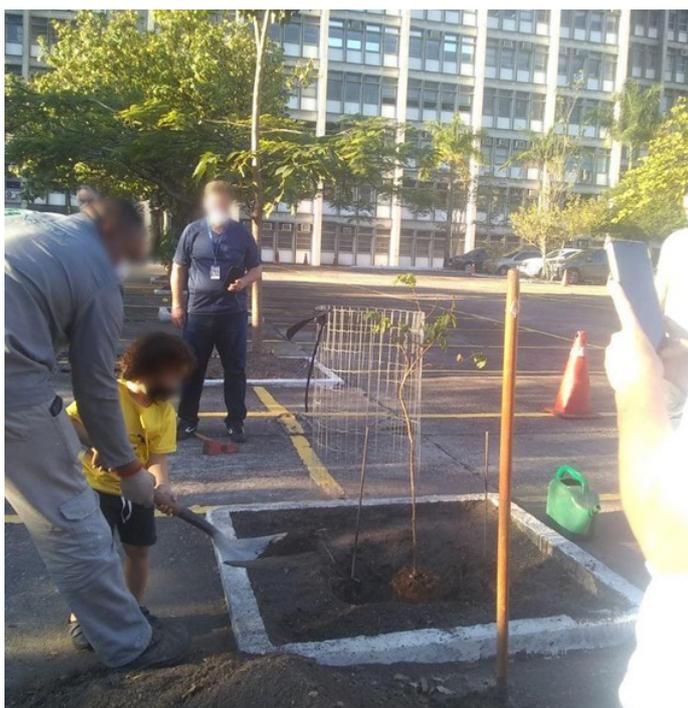


Imagem 1: Alfredo plantando a muda de Ipê  
Fonte: Silvia.



Imagem 2: Rita vive através do Ipê  
Fonte: Professora Bárbara.



Imagem 3: Encerramento da homenagem

Fonte: Professora Leila.



Imagem 4: Rita Presente

Fonte: Professora Leila.

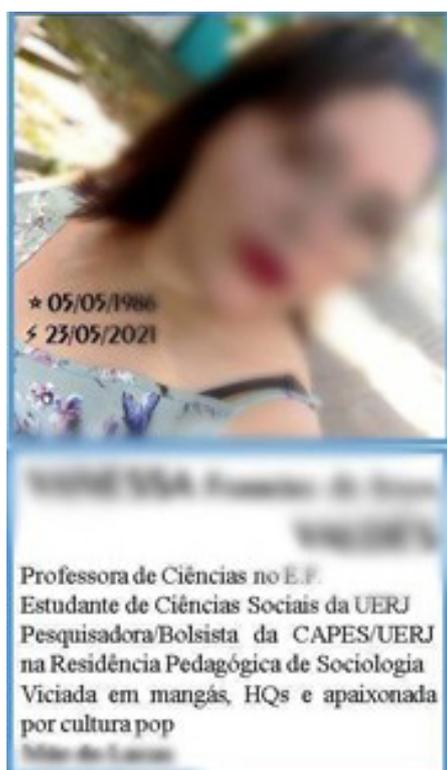


Imagem 5: Convite para a homenagem

Fonte: Equipe da Residência Pedagógica/Sociologia/UERJ

EM HOMENAGEM À ESTUDANTE,  
 PESQUISADORA E AMIGA QUE  
 PARTIU PREMATURAMENTE EM  
 DECORRÊNCIA DE COMPLICAÇÕES  
 DA COVID 19, PLANTAREMOS  
 UM PÉ DE IPÊ NO CAMPUS  
 MARACANÃ.

**19 de AGOSTO, 16h**

**USE MÁSCARA  
 MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO  
 VACINE-SE!**

Enquanto houver você do outro lado  
 Aqui do outro eu consigo me orientar  
 A cena repete, a cena se inverte  
 Enchendo a minh'alma d'aquilo  
 Que outrora eu deixei de acreditar  
 Tua palavra, tua história  
 Tua verdade fazendo escola  
 E tua ausência fazendo silêncio em todo  
 lugar  
 Metade de mim agora é assim  
 De um lado a poesia, o verbo, a saudade  
 Do outro a luta, a força e a coragem pra  
 chegar no fim  
 E o fim é belo incerto, depende de  
 como você vê  
 O novo, o credo, a fé que você deposita  
 em você e só  
 Só enquanto eu respirar  
 Vou me lembrar de você  
 Só enquanto eu respirar...

O anjo mais velho - Teatro Mágico

diferentes, que passa a somar na minha vida, e me faz crescer como indivíduo.

Sendo assim, as partidas fazem parte das nossas vidas, das nossas lembranças coletivas. Pois, as memórias individuais são apenas um ponto de

vista sobre a memória coletiva. Para Halbwachs (1990), a lembrança coletiva e a memória individual são sempre resultado dessa memória coletiva.

O indivíduo para o autor, é o resultado da socieda-

de. **A sociedade pensa a partir de quadros sociais.**

O autor vai expor que **uma memória só se mantém viva quando ela não é parada e tem pontos que conectam com outras para que a lembrança nos permita reconstruir uma história com base sólida.**

Nesse sentido, para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos, sendo necessário que ela não tenha

cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Para se obter uma lembrança, segundo Halbwachs, **é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos**

**outros**, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Assim sendo, podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Nós não temos como “esquecer” por completo o passado.

Pois, esse passado pode ressurgir es-

pontaneamente através das reuniões de grupo, da aula síncrona em dupla e etc. As lembranças que carregamos em nossas vidas ficam guardadas na memória e que por algum motivo mais simples que seja, vem à tona.

### **Considerações finais**

As atividades síncronas e assíncronas, no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, vêm



proporcionando uma aprendizagem para nós residentes, alunas/os e educadora, com uma nova maneira de interação social, diferente daquelas estabelecidas tradicionalmente na sala de aula.

Dessa forma, **os atores constroem juntos os temas a serem discutidos na aula, sem deixar de lado, os conceitos sociológicos.**

Infelizmente, nem todas/os as/os alunas/os estão participando, por vários motivos. Por exemplo, a falta de equipamento adequado ou falta de Internet. Com isso, mesmo as/os estudantes estando inseridas/os em uma instituição de educação pública, existe classificação das/os alunos. Alguns discentes vão adquirir “capital

cultural” e “capital social”. Isso acaba reproduzindo a visão da elite, e por outro lado, reproduz e aumenta a desigualdade social.

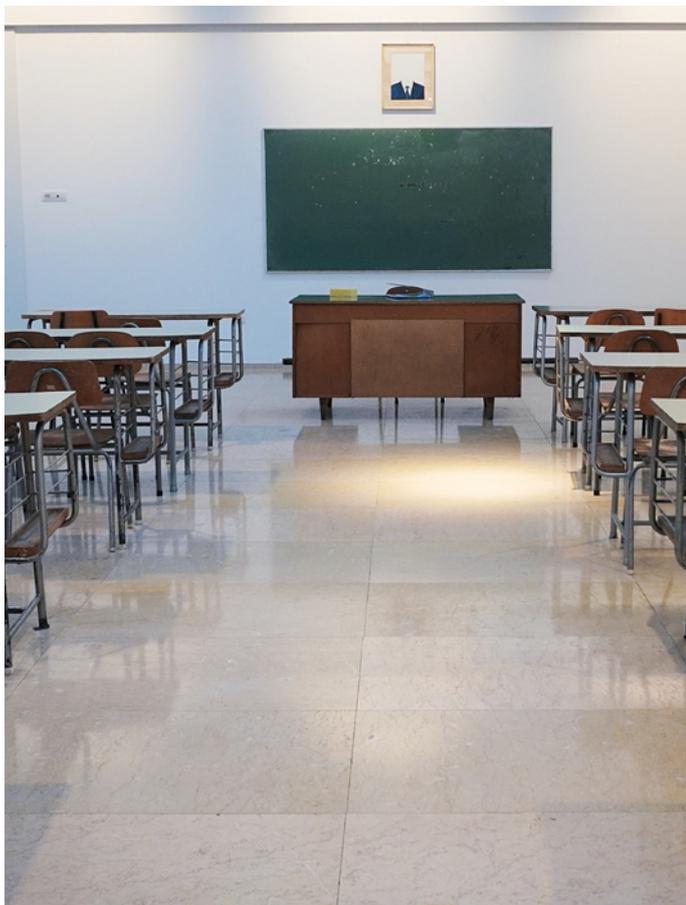
**A pandemia acaba apresentando para todos envolvidos novos desafios tendo em vista a busca de novos caminhos.** Além disso, aprendemos a lidar com as nossas emoções tanto positivas como “negativas”, com emoções negativas se tornando positivas, as quais fazem a gente crescer como ser humano. Sendo assim, constroem nossas memórias individuais, que acabam ganhando perfil de memória coletiva, ou seja, têm por base o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs, pois, segundo o autor, as memórias individuais são apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva.

### **Referências bibliográficas:**

BOURDIEU, Pierre. A Escola Conservadora: as Desigualdades Frente à Escola e à Cultura. In: Escritos de Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa, 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais



# As novas faces do fascismo e do populismo na atualidade

Cassia Cristina de Castro Cunha<sup>1 2 3</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

<sup>2</sup> Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT)

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente (GPMI/MCT)

Nos últimos tempos, os termos fascismo e populismo tem sido retomado no debate público a nível das mídias sociais, noticiários de TV e na academia.

Há também uma série de publicações de historiadores, filósofos, cientistas políticos, entre outros, que tem se dedicado ao tema em questão. Nessas investigações, busca-se compreender **qual o tipo de relação existente entre o fascismo e os movimentos políticos contemporâneos** levando em consideração o seu contexto histórico e a sua dinâmica no mundo real.

Nesse debate, a própria ideia de populismo não é consensual. Muitas vezes o termo populismo é usado para tentar definir determinados processos políticos de categorias específicas. Dentre algumas abordagens, **há um equívoco historiográfico em se igualar fascismo ao populismo.**

É natural, que no debate, seja identificados elementos ou características ideológicas do fascismo no populismo, mas **isso não significa que o fascismo seja igual ao populismo** (FINCHELSTEIN, 2017).



Para Finchelstein (2017), há atualmente no mundo um ressurgimento do populismo que tem se caracterizado por ser mais xenófobo, autoritário e intolerante do que outros populismo de épocas passadas. No curso da história as democracias também passaram por momentos de mudanças profundas e outras se mantiveram conservadoras.

Os termos fascismo e populismo tem sido usados como uma fusão de extremismo de direita e de esquerda, racismo, liderança ditadora, entre outros usos. Essas abordagens reproduzem concepções totalitárias “do nós contra eles” do populismo que diminuem as possibilidades de emancipação da democracia.

O populismo e o neoliberalismo podem diminuir o poder de decisão, a igualdade e a diversidade democráticas dos cidadãos. Mas eles não são o fascismo. O autor ainda ressalta que depois da queda do muro de Berlim em 1989, muitas vezes o populismo e o neoliberalismo estão entrelaçados.

O populismo é um modelo político que prospera em democracias onde há desigualdade e uma diminuição da legitimidade da representatividade. O populismo é hábil em enfraquecer a democracia sem a destruir, podendo seguir em direção ao autoritarismo. Mas quando o populismo destrói a democracia ele se transforma numa ditadura. Para o populismo, o líder e a nação representam um todo. O populismo, assim como o fascismo, não aceita a oposição de um espaço político legítimo, nem acusações de tirania, conspiração ou de ser antidemocrático. Normalmente, o populismo, quando confrontado, reage sem exceder o plano discursivo (FINCHELSTEIN, 2017).

Segundo Finchelstein (2017), no populismo os adversários são convertidos em inimigos. Isso ocorre muitas vezes de forma eloquente. Entretanto, a partir do momento que essa inimizade se transforma em práticas de identificação e perseguição de adversários, esse populismo pode se tornar um fascismo





ou uma ditadura no exercício da repressão. Essa passagem do populismo para o fascismo não é uma ocorrência usual, mas tem viabilidade de acontecer.

**O fascismo, além de promover a ditadura, arquiteta e exercita maneiras cruéis de violência política.** Nesse contexto, o fascismo se caracteriza como uma ditadura ultra violenta. Em contrapartida, o populismo é uma forma de democracia autoritária, mas não enaltece a ditadura. Além disso, a nível teórico, ele repudia a prática da violência política.

O desenvolvimento do fascismo incluindo a sua criação como regime político, sua derrota e os eventos posteriores a segunda Guerra Mundial foram relevantes para a compreensão do fascismo e do populismo no percurso da história e serviram para o debate público atual.

O termo fascismo tem sua origem na palavra “fascio”. Ele foi um símbolo de poder romano e foi utilizado como designação de um grupo político funda-

do por Benito Mussolini em 1919. Seus fundamentos ideológicos com bases antidemocráticas, nacionalismo radical são frutos de uma contestação intelectual a uma concepção da ordem liberal em escala mundial, produzindo reflexos que precedem a Primeira Guerra Mundial (FINCHELSTEIN,2017).

**O fascismo aceitava a economia de mercado, mas tinha uma proposta de organização corporativista a fim de obter a acumulação de capital.** A sua filosofia de ação política a violência tinha um papel importante no domínio político. Consoante a isso vale ressaltar que a vitória do comunismo na Rússia, em 1917, e sua rejeição pelo resto do mundo serviram de ponte para o fascismo se revestir de oposição ao comunismo, ainda que ele incorpore algumas dessas estruturas.

Para Hitler e Mussolini, as experiências adquiridas como soldados nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial foram as mais representativas e serviram para solidificar a concepção de que a violência da guerra era um elemen-

to político importante. Mais tarde essa ideologia da violência se cruzou com o nacionalismo radical, o imperialismo, as ideias de esquerda antiparlamentares do sindicato revolucionário que modelaram o fascismo conhecimento atualmente. **Essa ideologia que valoriza a violência, a guerra e a militarização da política circularam não apenas na Europa, mas avançaram para outros países da América Latina, Índia, Iraque, entre outros países** (FINCHELSTEIN,2017).

Essa difusão do fascismo para outros lugares foi diferenciada segundo os contextos nacionais de cada país.

Na Argentina, intelectuais socialistas compreenderam a sua dimensão política.

Para os camisas azuis irlandeses, apesar da similaridade com a historicidade do fascismo italiano, a solução irlandesa não poderia unicamente ser resolvida pelo fascismo, apesar do fato dos camisas azuis se tornarem o maior movimento político da Irlanda.

Já para os fascistas portugueses, ter um mesmo ideal não significava ser apenas uma cópia do fascismo italiano. (FINCHELSTEIN,2017).

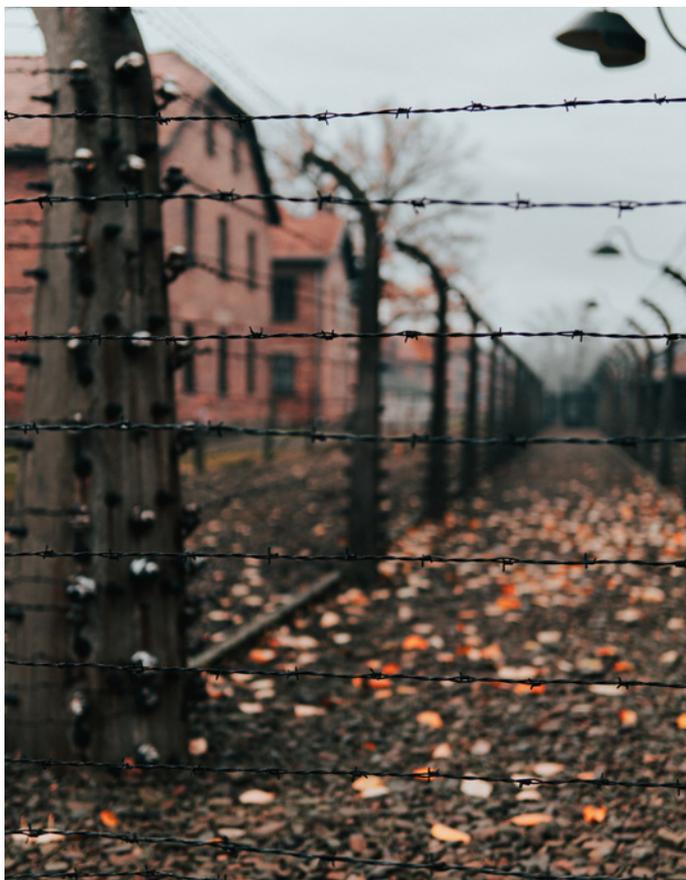
O fascista brasileiro Miguel Reale, considerava o fascismo como uma ideologia da extrema direita, de caráter universal e transnacional, onde o nacionalismo compreenderia uma revolução social. Para ele, essa revolução era um direito da nação e de todas as forças produtivas, não podendo ser feita em nome de uma classe.

A questão central era que **as raízes do fascismo em cada nação assumiam variantes nacionais e interpretações políticas.**

Elas tinham uma equivalência, uma relação revolucionária e

constituíam uma concentração dos movimentos nacionalistas de direita que se propunham a salvar cada país construindo uma nova e real transcendência civilizatória com bases na unidade, universalidade e autoridade (FINCHELSTEIN,2017).





Adolf Hitler serviu ao exército alemão na Primeira Guerra. Ao seu final, participou de um pequeno partido político que depois se chamou nacional-socialista. Com isso, ele se tornou um político e, através da política de massa, propagou suas ideias que sofriam grande influência das ideologias de Mussolini. Estes dois líderes (**Hitler e Mussolini**) tinham convicções antiliberais, antidemocráticas, cujo instrumento ideológico não era fechado. **Ambos acreditavam na existência de uma crise no mundo.**

**Eles compartilhavam uma concepção modernista da política, da tecnologia, da estética e na formulação discursiva da guerra.** Para Mussolini, as ideias tinham que ter um valor prático e serem capazes de concretizar metas políticas de curto prazo. Enquanto estrategista,

Mussolini considerava que a realidade política deveria decidir as articulações teóricas. Ele articulou de forma concreta sua concepção de poder, violência, inimigo interno, imperialismo, liderança salvadora da nação e do povo a fim de realizar na prática as suas ações políticas (FINCHELSTEIN,2017).

Segundo Finchelstein (2017), Mussolini criava uma fusão imediata da ação violenta com a realidade preservando, assim, sua ideologia fascista com características conservadoras, elitista e anti-tradicionais. **O fascismo era uma forma peculiar de pensar e não uma doutrina.** Para Mussolini, o importante era a ação política do presente e não o passado com suas referências. Ele buscava produzir uma modernidade totalitária. Assim, o fascismo em sua essência era uma modernidade reacionária.



Finchelstein (2017) explica que a divulgação do fascismo a nível mundial aconteceu através de livros, material panfletário e outros recursos.

Nos diferentes países em que a ideologia fascista foi introduzida muitos interpretes tiveram dificuldades em encontrar soluções ideológicas mediadoras que conciliassem as concepções do ideal com a prática fascista. **Assim, as ideias básicas sobre o divino, raça, povo, império, líder salvador da pátria, passado glorioso, entre outras ideias, tinham que ser moldadas face as especificidades diferenciadas de cada lugar** como, por exemplo o que ocorreu com a Europa, Oriente Médio e América Latina.

No caso da Índia, as ideologias fascistas serviram de base para criar um



autoritarismo pós colonialista. Já no Japão, o fascismo trouxe a urgência de modernizar o império. Na América Latina, o fascismo foi utilizado para propostas autoritárias de anti-imperialismo.

**Consoante a isso, pode-se dizer que em todos os lugares e países com fascismo, a estética teve um papel proeminente para a política e ideologia fascista.** A estética era parte integrante da política e a guerra representava a experiência estética do fascismo mais extrema. A estética e o ritual compunham a apresentação do fascismo para o mundo. Ao mesmo tempo, uma experiência sensorial do poder e domínio do líder desse mundo perfeito era utilizada para proporcionar ao povo para apresentar um espetáculo político. Essa troca do debate pela experiência sensorial criou mudanças significativas na política con-





temporânea. Mas o fascismo precisava justificar esse ideal de um mundo mítico ante a dinâmica das transformações das suas ideologias políticas. **Dessa forma, a prática fascista centralizava-se numa coleção de rituais e espetáculos políticos a fim de integrar a teoria fascista em experiências reais (FINCHELSTEIN,2017).**

Mussolini definia o fascismo **“como um momento histórico categórico, uma revolução mítica e sagrada da nação, do líder e do povo”**. Nessa perspectiva, ele acreditava na superioridade do fascismo em relação ao mundo. Para Mussolini, o fascismo tinha em sua essência um código próprio, uma forma de interpretação. Essa associação de significantes criaram um núcleo rígido que continha as bases comum do fascismo. Para ele, os distintos grupos formavam a estrutura do fascismo possuíam o mesmo espírito (FINCHELSTEIN,2017).

Finchelstein (2017) diz que o fascismo é uma ideologia mística internacional e tem uma matriz construída por

elementos binários tradicionais como **“civilização contra barbárie”, “povo contra não povo”, “nós contra eles”, “povo contra seus inimigos”**, tendo movimentos nacionais diferenciados, onde estes elementos binários se associam a outros elementos contemporâneos, ultranacionalistas. antiliberais, antissocialistas e contrarrevolucionários do fascismo.

Segundo Finchelstein (2017), durante o período entre as duas primeiras Grandes Guerras, com a crise do capitalismo e do liberalismo, o fascismo se propagou internacionalmente. **A estratégia do fascismo era destruir a democracia internamente, com a finalidade de criar uma ditadura totalitária e, assim, atingir o objetivo de aniquilar a sociedade civil, o pluralismo e a tolerância política.** A legitimidade da ordem fascista apoia-se no poder do líder, do povo e da nação.

Assim, a representação política é usurpada e o poder é delegado ao ditador que age em nome do povo. Essa ditadura do povo tem como objetivo criar uma

ordem e um novo homem. Para isso, era necessário a dialética entre o inimigo, a ditadura e o povo. Dessa forma, **a metodologia utilizada pelo fascismo face o inimigo é a perseguição e a aniquilação.**

Finchelstein (2017) explica que Hitler e Mussolini consideravam que a violência, o sacrifício, a mentira, o racismo, as ações fictícias do inimigo do povo eram elementos importantes para o funcionamento do fascismo. A consequência dessa ideologia foi o **antisemitismo** que tornou os judeus o inimigo ideal. A sua perseguição se tornou mais evidente na Alemanha a partir de 1919. Posteriormente, com a ascensão da Alemanha Nazista e o advento da Segunda Grande Guerra, em 1939, a perseguição aos judeus, considerados **"inimigos do povo alemão"**, foi exercitada como uma política do Estado Alemão. Essa **necropolítica** durou todo o período da guerra até o seu termino em 1945 com a derrota da Alemanha pelos Aliados.

A política nazifascista de perseguição aos judeus atingiu sua forma mais cruel e desumana no período de 1941 a 1945. A política fascista de extermínio dos judeus começou com o uso de grupos de extermínio ao ar livre. Depois, houve uma política de extermínio total

chamada de **Solução Final** que consistiu na implantação de campos de concentração de extermínio.

A finalidade desses campos era receber os judeus deportados de toda Europa e territórios conquistados. Eles eram executados de diversas formas (exemplo: câmara de gás) e seus corpos eram incinerados nos crematórios. Além disso, havia a prática corrente da tortura em diversos níveis desde a violência psicológica e emocional até a ocorrência da experiência em seres humanos de forma cruel.

De forma geral, o **Holocausto resultou na morte de 6 milhões de judeus e outras minorias como os ciganos, além de comunistas, socialistas, e outros inimigos do Estado.**

O Holocausto só terminou com o fim da guerra. Essa ideia de violência sacrificial incluía não só o inimigo, mas o **"eu"** fascista que se tornou manifesta no suicídio de Hitler em 1945 (FINCHELSTEIN,2017).

### Referência

FINCHELSTEIN, F. Do fascismo ao populismo na história. São Paulo: Almedina, 2019.



# A igreja do diabo: Uma breve análise da realidade na literatura e sociedade de Machado de Assis.

Fernando Reis da Cunha<sup>1</sup>

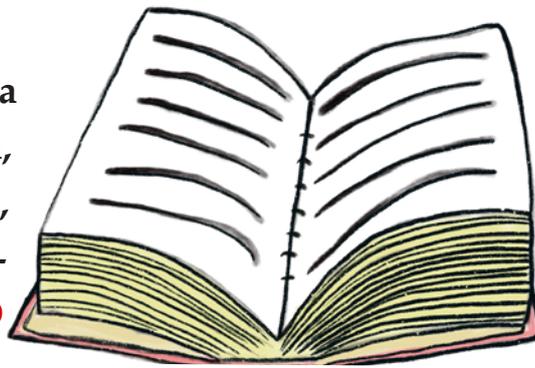
<sup>1</sup> Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

O presente ensaio pretende abordar a maneira de representar a realidade na literatura e como esta representação se relaciona com questões sociológicas e de cunho histórico-filosóficas, à luz das discussões de Erich Auerbach, Georg Lukács e Walter Benjamin. Como texto de apoio, o conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis é tomado como ponto central.

A representação da realidade na literatura, conforme Auerbach (2015), sofre uma mudança de paradigma com a obra “O Vermelho e o Negro”, de Stendhal, de 1830, onde o contexto histórico apresenta uma participação importante, pois é refletido nas atitudes e evolução de suas personagens. Não apenas as mudanças estruturais/estilísticas das obras literárias permitem um ponto de vista sociológico/histórico, mas também a recepção destas pelo público, a quem servem as publicações.

O Movimento Romântico francês se deu tardiamente, se comparado com

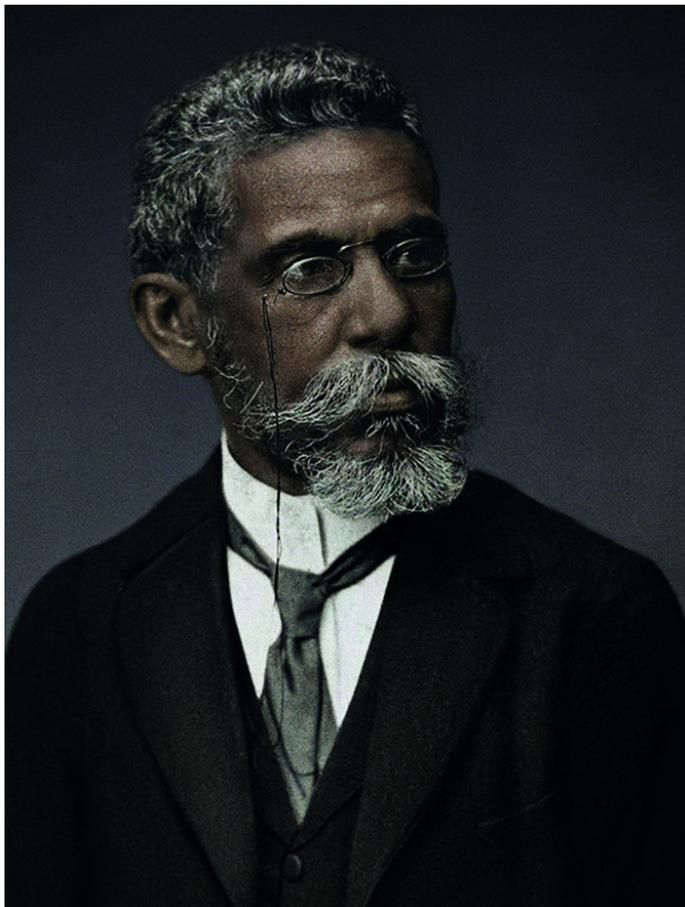
as Escolas inglesa e alemã e a partir de 1820, traz uma geração com uma particularidade: além de questões estilísticas relacionadas aos temas e linguagem clássicas, uma mescla de estilos, como o sublime e o grotesco, em Victor Hugo e a composição de elementos físicos, morais e históricos em Balzac (AUERBACH, 2015). Por outro lado:



“O historicismo e o realismo atmosféricos estão em estreita correlação (...). Os acontecimentos que tiveram lugar na França, precisamente entre 1789 e 1815, e as suas consequências nos anos sucessivos trouxeram como seqüela o fato de ser precisamente na França onde o Realismo moderno contemporâneo chegou mais cedo e mais fortemente se desenvolveu, e a unidade político-cultural do país deu-lhe, neste sentido, um avanço importante com respeito à Alemanha. A realidade francesa podia ser abrangida, em toda a sua variedade, como um todo. Em grau não menor do que a simpatia romântica pela totalidade atmosférica



dos espaços vitais, também uma outra corrente romântica contribuiu para o desenvolvimento do realismo moderno, a saber, aquela da qual já falamos tão repetidamente: a mistura de estilos. Foi ela que permitiu que personagens de qualquer classe social, com todos os seus entrelaçamentos vitais práticos-quotidianos, tanto Julien Sorel como o velho Goriot ou Mme Vauquer, se tornassem objetos de representação literária séria.” (AUERBARCH, 2015, p. 423-4).



A **Igreja do Diabo**, de Machado de Assis, publicada em 1884 no volume *Histórias sem data*, portanto durante a fase madura do autor (Realismo), trata de um tema universal e atemporal, o bem e o mal, o sagrado e o profano, representado, no texto, por uma disputa entre Deus e o Diabo.

A partir de uma narrativa épica, guardadas as curtas proporções de um conto, **o sobrenatural (Deus e o Diabo) serve de metáfora para a dualidade de embates importantes**, como os que estavam acontecendo na sociedade brasileira à época em que foi escrito: a abolição da escravatura, a Proclamação da República, críticas contra a centralização do Estado e a defesa do liberalismo, conforme as ideias de Tavares Bastos em seu **“A Província” (1975)**.

A dualidade dessas disputas entre o bem e o mal, sintetizando o comportamento humano, cuja natureza reside em quebrar regras, segue a dialética hegeliana, que, além disso, pode ser verificada pela **“unificação dos pressupostos da épica e do romance e sua síntese em epopeia que repousam na estrutura dualista**

do mundo dantesco.” (LUKÁCS, 2009, p. 69).

O Diabo aparece como uma figura totalizante, não luta contra a sua interioridade, conhece o seu destino e portanto, cumpre a profecia de atentar contra Deus e suas deliberações. Esta é a sua alma: insatisfeita e provocadora.

“Embora os seus [do Diabo] lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia assim, por dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos” (ASSIS, 2005, p. 5)

Enquanto Deus, mostra sarcasmo e impaciência diante da tentativa do Diabo em apontar as fraquezas dos humanos em seguir as regras e virtudes divinas. Portanto, o próprio Deus se mostra em conflito com a sua moral.

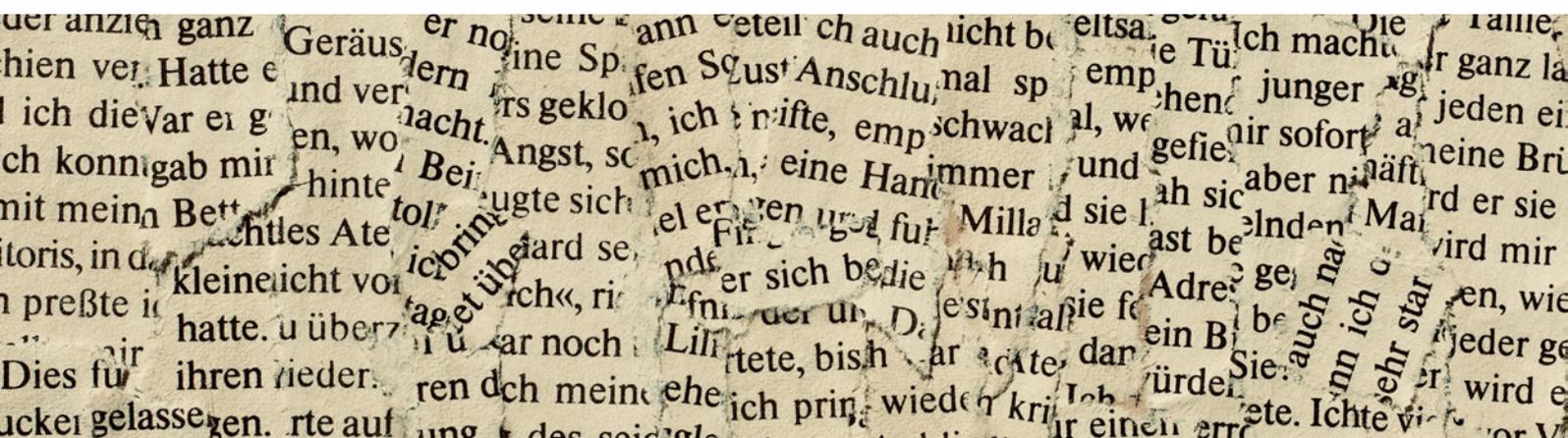
“- Retórico e sutil! Exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as tuas virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai, vai!” (ASSIS, 2005, p. 10)

Uma crítica interessante no texto de Assis é a associação da alienação do trabalho e do próprio ser com preceitos defendidos na igreja do Diabo:

“A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos.

Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo o caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo?” (ASSIS, 2005, p. 12-3).

Outra prática estimulada pelo senhor das trevas é o individualismo. Entretanto, apesar da tentativa de uma nova instituição, a vida em coletividade, a solidariedade e o “amor ao próximo” parecem ser, de acordo com Machado, uma condição inexorável, assim como a vida em sociedade.



**“Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor ao próximo. Era um obstáculo grave à nova instituição” (ASSIS, 2005, p. 14).**

O caráter coercitivo e coesivo de instituições como a religião e a moral são elementos presentes no conto. A questão da moralidade permeia todo o texto e, apesar do Diabo aproveitar-se de brechas na prática das virtudes ensinadas por Deus, as **“franjas de algodão em capas de veludo”**, a própria natureza humana é repleta de contradições e elimina o caráter circunstancial rousseuniano.

A ironia machadiana contempla, neste conto, a utilização do divino no cotidiano como uma forma epopeica, onde o destino já está definido (o insucesso do Diabo em angariar e fidelizar seguidores para a sua igreja), entretanto, o final revela as contingências da alma humana, imprevisível, portadora de um abismo característico do romance, a distância entre a alma e o mundo, o desen-

raizamento transcendental de que fala Lukács.

**“Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a**

**eterna contradição humana.” (ASSIS, 2005, p. 17)**

**“O romance é a epopeia do mundo abandonado por Deus” (LUKÁCS, 2009, p. 89).**

Neste sentido, em *A Igreja do Diabo*, Deus reconhece a natureza contingencial humana, cujas tomadas de decisão dependem de sua subjetividade, sua individualidade e contra isso não faz nada,

apenas se resigna em não conseguir controlar os destinos humanos.

Aliando **“informações que vem de longe”** com **“informações de perto”**, Machado de Assis reúne as características de um grande contador de histórias (BENJAMIN, 2020).

**Machado de Assis acompanha as tendências do Realismo Francês em termos estilísticos** (o emprego de ironia, como em Flaubert, a supervalorização de



determinadas características para representação de um grupo social, como em Balzac) e **a crítica social à burguesia brasileira**, principalmente quando o Diabo caracteriza como fácil a sedução de sua clientela através dos sete pecados capitais.

O autor brasileiro traz para a literatura, os atrativos dos contos orais e participa de um contexto histórico-filosófico em que a representação da realidade contempla o abismo infinito da alma humana em encontrar a sua essência.

### **Bibliografia**

ASSIS, M. A Igreja do Diabo. In: \_\_\_\_\_ Histórias sem Data. São Paulo: Martins Fontes, p. 5-17, 2005

AUERBACH, E. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015

BASTOS, T. A Província - Estudo sobre a descentralização no Brazil. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1975

BENJAMIN, W. O contador de histórias. In: LAVELLE, P. (org.) O contador de histórias e outros textos. 2ª ed. São Paulo: Hedra, 2020

LUKÁCS, G. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. MACEDO, J.M.M. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009

# O “18 de Brumário” de Marx: Um breve esquema da movimentação política da luta de classes na França

Thaís de Castro Cunha Parméra<sup>1 2</sup>

<sup>1</sup>Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT)

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente

## Introdução

O presente artigo visou fazer uma breve análise crítica do livro “18 de Brumário” escrito por Karl Marx cujo propósito foi destacar como o autor abordou a movimentação política das classes, suas divisões e representação.

Esse livro foi escrito diante da efervescência política ambientada na França durante meados do século XIX. O nome “18 de Brumário” é uma alusão a uma data da Primeira República da França que seria equivalente ao dia **09 de novembro de 1799** (MARX, 1851).

A palavra “Brumário” compreende o nome de um mês equivalente a novembro. **Esse nome é relativo ao contexto da Revolução Francesa que adotou a substituição do calendário gregoriano.** Vale lembrar que o calendário gregoriano é uma criação de cunho histórico cristão datada do século XVI e idealizada pelo Papa Gregório XIII.

Esse calendário foi oficialmente adotado por grande parte do norte global no século XVI e foi exportado colonialmente para os outros territórios conquistados pelo expansionismo europeu ao longo dos séculos posteriores. O ca-



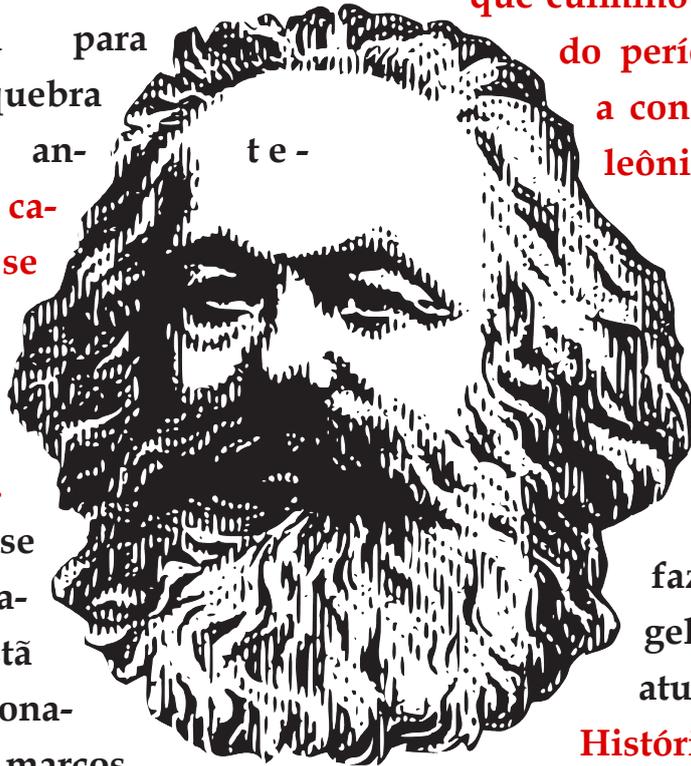
lendário gregoriano é usado até os dias atuais (TARSIA, 1995).

**No contexto da Revolução Francesa houve uma proposta de ruptura com o chamado Antigo Regime e todos os seus símbolos e instituições.** Uma dessas rupturas foi a substituição da adoção do calendário gregoriano.

Ela ocorreu para exemplificar a quebra do ordenamento anterior. Isso porque **o calendário gregoriano se baseava nas coisas que se encontravam além da razão ou "fora do mundo"**.

No caso, a base desse calendário gregoriano era a religião cristã *lato senso* que funcionava a partir de seus marcos temporais culturalmente específicos.

**A ideia de abandonar o calendário cristão se baseava em superar a tradição que era vista como algo opressor e iníquo.** O reordenamento do calendário da Revolução Francesa passa ser então o estabelecimento de uma nova tradição onde **os marcos temporais passaram a ser relativos a eventos da natureza** (e.g. colheita da uva; ocorrência de brumas; período de chuvas, neves, geadas, ventos, flores entre outros fenômenos naturais).



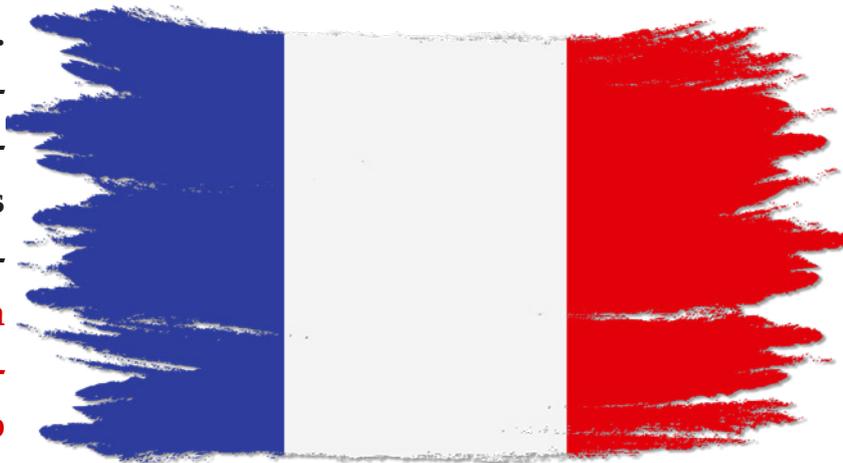
Marx escolhe "18 de Brumário" como título de seu livro a partir de um viés que ultrapassa a mera referência histórica dos eventos revolucionários. **Vale lembrar que a data 18 de Brumário, equivalente gregoriano ao dia 09 de novembro de 1799, equivalia ao golpe de Estado liderado por Napoleão Bonaparte que culminou no estabelecimento do período do Consulado e a consequente "Era Napoleônica" (MARX, 1851).**

A escolha desse título é permeada por uma ironia que aparece durante a parte inicial do primeiro capítulo. Marx faz uma citação de Hegel, altamente repetida atualmente, de que **na História ("os grandes fatos e grandes personagens") são encenados duas vezes. A primeira vez seria como tragédia e a segunda vez como farsa.** Tal citação já caiu nos ditados populares e nas análises rasas e repetitivas atuais.

Mas o real significado é que o cenário de tragédia ocorreria como um evento de ruptura. Já o cenário de farsa seria um contexto de repetição falsa e mentirosa de fatos/valores resgatados do passado como uma justificação ideológica para uma falsa nova ruptura visando manter o *status quo* (MARX, 1851).

O “18 de Brumário” demonstra o processo que levou ao golpe de estado de Luís Napoleão (futuro Napoleão III), sobrinho de Napoleão Bonaparte, em 1851. Nisso reside a ironia de Marx com o título uma vez que o contexto político dos eventos finais que ele relata na obra, tentam se apoiar em justificativas de um **resgate de um passado histórico de ruptura institucional na França** (golpe de estado de Napoleão Bonaparte no dia 18 de brumário).

A repetição farsante do passado evoca dois mitos ao mesmo tempo: **a revolução burguesa e o mito napoleônico.**



O golpe de Luís Napoleão, apesar de inapto, se escora na figura de Bonaparte que foi uma figura importante no passado e remetia as rupturas revolucionárias anteriores. Contudo, o golpe de Luís representou uma farsa, na análise de Marx, uma vez que a apresentação de um novo contexto político estava conjugada com o passado sem que houvesse qualquer acompanhamento de uma nova estrutura (MARX, 1851).

O livro 18 de Brumário representa relato de uma série de eventos político-históricos da movimentação política francesa **entre os anos de 1848 e 1851 no contexto da breve Segunda República**

**francesa que culminou com um golpe de Estado (MARX, 1851).**

Contudo, tal relato não se baseia somente em um caráter jornalístico de Marx, mas também em uma grande análise de conjuntura onde há a abordagem de uma perspectiva econômica e política que leva em consideração **as lutas de classe, o Estado, as classes sociais existentes e sobretudo suas representações políticas e partidárias.**

Exatamente por essa dimensão de conjuntura, o livro se torna uma referência para análise de outros golpes de Estado que iriam se desenrolar histori-

camente. A França se colocava como um local de destaque, digno de observações uma vez que ela representava uma tendência clássica da configuração política das principais nações europeias do século XIX (FERREIRA FILHO, 2018). Marx escolheu abordar a França uma vez que ele entendeu que nesse país estavam germinando coisas importantes a partir da existência de classes organizadas politicamente. Dessa forma, o “18 de Brumário” passa a ser **uma reflexão crítica de vários elementos como a luta política, as ideologias burguesas, o capitalismo liberal, a dinâmica da luta de classes entre outros aspectos.**

Esses eventos narrados por Marx são analisados dentro do contexto do movimento dialético da dinâmica das classes sociais (MARX, 1848).

### 1. Contexto Histórico

É válido apresentar um pequeno contexto histórico dos acontecimentos do relatados no livro 18 de Brumário que se passa entre os anos de 1848 e 1851.

No contexto do livro, o Antigo Regime, entendido como a monarquia absolutista, havia caído com a Revolução Francesa há apenas 59 anos. **Em 1799 houve o golpe “original” de 18 de Brumário de Napoleão Bonaparte que foi equivalente ao início da Primeira República.**

A partir disso, Napoleão governou em diferentes contextos (Consulado, Primeiro Império Francês, Governo dos 100 Dias). Ele trouxe uma série de reformas internas, sobretudo na estrutura da legislação Civil.

Além disso, ele trouxe várias conquistas militares expansionistas que ajudaram a França a consolidar a sua posição de destaque no continente europeu (FACCHINI NETO, 2021).

Após isso, **a monarquia é restaurada de 1814 a 1848 (excetuando o período**

**do Governo dos Cem Dias de Napoleão entre 1814 e 1815).** Esse período marca a restauração do governo da dinastia do Bourbon em um contexto de uma monarquia parlamentar.

Essa restauração começa com o governo de Luis XVIII (1814 a 1824) seguido pelo reinado de Carlos X (1824 a 1830). (BERAS, 2018; BOXUS, 2010).

Em 1830 houve a **Revolução de Julho de 1830** em resposta as medidas de caráter autoritário e de cunho absolutista de Luís XVIII.

A Revolta de 1830 foi amplamente apoiada pela burguesia e culminou com a sua abdicação de Luís XVIII em favor de Luís Felipe I da dinastia Orleans (BE-

RAS, 2018; BOXUS, 2010).

**Em 1848 Luís Felipe I abdica e tem-se o início da Segunda República (1848 a 1852)** com Luís Napoleão como presidente durante a feitura de uma nova Assembleia Constituinte (BERAS, 2018; BOXUS, 2010).

**Em 1852 Luís Napoleão dá um golpe de estado e institui o Segundo Império (1852 a 1870)** se tornando Napoleão III. Ele foi deposto em 1870 e teve início a **Terceira República (1870 a 1940).**



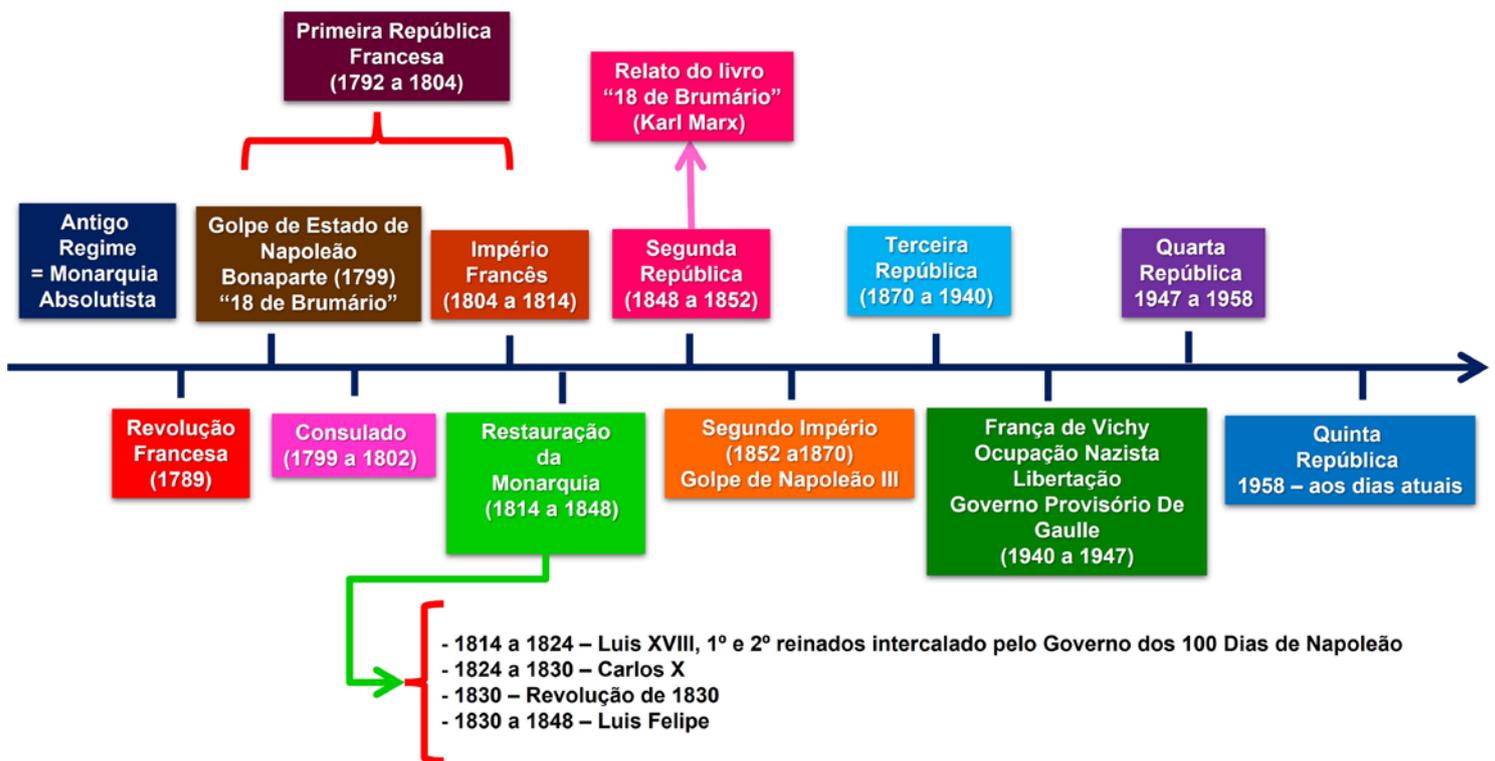


Figura 1 - Linha do Tempo da História da França com os principais eventos desde a queda do Antigo Regime até os dias atuais (BERAS, 2018; BOXUS, 2010; FERREIRA FILHO, 2018; MARX, 1851).

Em seguida houve todo o contexto da **Segunda Guerra Mundial** com a ocupação nazista e a libertação do seu território (1940 a 1947). Tal contexto foi superado nos períodos que são denominados **Quarta República** (1947 a 1958) e **Quinta República** (1958 até os dias atuais).

A **figura 1** demonstra a linha do tempo desse contexto histórico outra mencionado (BERAS, 2018; BOXUS, 2010; FERREIRA FILHO, 2018; MARX, 1851).

## 2. Eventos do "18 de Brumário"

Marx (1851) faz uma divisão dos eventos que envolvidos desde a inauguração da Segunda República (1848) até o golpe de estado de Luís Napoleão (1851).

Ele divide os acontecimentos em três períodos, a saber: **Primeiro Período**

(entre 24 de fevereiro a 04 de março de 1848); **Segundo Período** (entre 04 de maio de 1848 a 28 de maio de 1849) e **Terceiro Período** (28 de maio de 1849 a 02 de dezembro de 1851).

O **Primeiro Período** foi o mais breve de todos (entre 24 de fevereiro a 04 de março de 1848) e o seu contexto inclui a abdicação de Luís Felipe I (=queda da monarquia parlamentar) e a chamada "Revolução de Fevereiro" onde a burguesia e o proletariado estavam juntos com o ideal reformista. Marx (1851) chama esse evento de fraude universal. Tem-se a Proclamação da República e o estabelecimento do sufrágio universal masculino.

O **Segundo Período** (04 de maio de 1848 a 28 de maio de 1849) é dividido, segundo Marx (1851) em três etapas. A

**primeira etapa** ocorreu entre 04 de maio e 25 de junho de 1848. Nessa ocasião ocorre a chamada **“Insurreição de Junho”** quando o proletariado é duramente reprimido por todas as classes. O proletariado é derrotado e é excluído de qualquer representação política na Assembleia Constituinte. A **segunda etapa** ocorreu entre 25 de junho e 10 de dezembro de 1848. Essa etapa é caracterizada pela **“ditadura dos republicanos puros”** e há a elaboração da constituição. Em 10 de dezembro de 1848 Luís Napo-

leão é eleito através do sufrágio universal como presidente. Com a sua eleição, tem-se fim a ditadura dos republicanos puros. A **terceira etapa** ocorreu entre 20 de dezembro de 1848 e 25 de maio de 1849. Há a luta entre a Assembleia Constituinte contra o presidente e o Partido da Ordem. A Assembleia é finalizada e a burguesia republicana perde poder.

O esquema dos acontecimentos do Primeiro e Segundo períodos podem ser visualizados na **figura 2**.

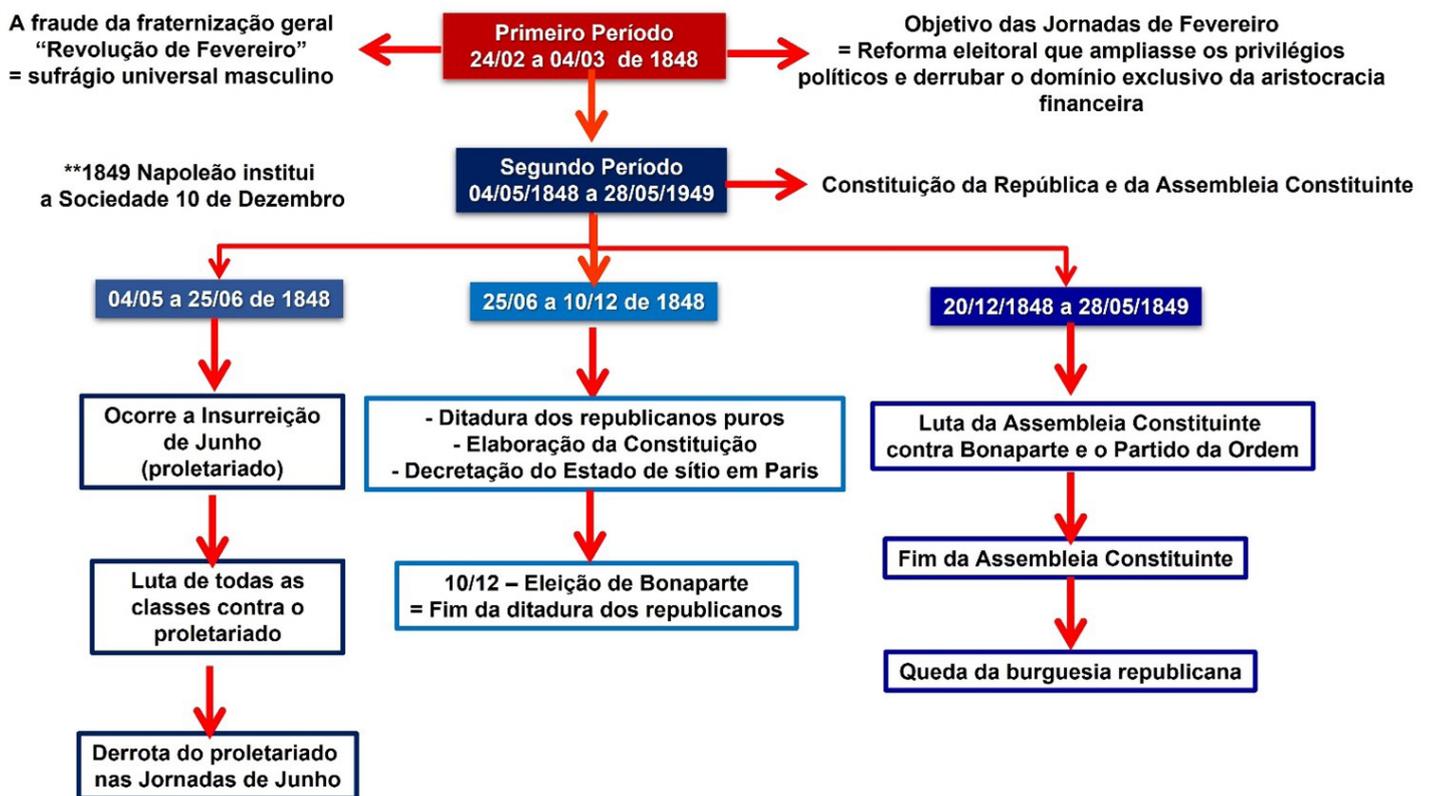


Figura 2 - Principais desencadeamento de eventos do “18 de Brumário” divididos em dois períodos entre 1848 e 1849 segundo Marx (1851).

O **terceiro período** possui vários eventos e dura de 28 de maio de 1849 a 02 de dezembro de 1851. Marx (1851) divide esse período também em três etapas. A primeira etapa ocorreu entre 28 de maio a 13 de junho de 1849. Nessa ocasião há um novo embate que é a luta dos pequenos burgueses contra Luís Bonaparte. A pequena burguesia é duramente reprimida e derrotada.

A **segunda etapa** ocorreu entre 13 de junho de 1849 a 31 de maio de 1850. Nessa ocasião há a **“ditadura do Partido da Ordem”** e há a abolição do sufrágio universal. O Partido da Ordem perde o Ministério.

A **terceira etapa** ocorre entre 31 de maio de 1850 e 02 de dezembro de 1851. Nessa etapa foi altamente caracterizada pela luta entre a burguesia parlamentar e Luís Napoleão e pela autodestruição das diferentes facções da burguesia. **Essa etapa tem quatro desdobramentos.**

O **primeiro desdobramento** ocorre entre 31 de maio de 1850 e 12 de janeiro de 1851. Nessa ocasião a burguesia, na figura do Parlamento, perde o comando das Forças Armadas.

O **segundo desdobramento** ocorre entre 12 de janeiro e 11 de abril de 1851. Nessa ocasião o Partido da Ordem perde a maioria parlamentar e o partido Montanha e os republicanos fazem uma coalisão entre si.

O **terceiro desdobramento** ocorre entre 11 de abril e 09 de outubro de 1851. Nessa ocasião o Partido da Ordem se decompõe em componentes individuais e há uma ruptura da burguesia em diferentes espaços (parlamento, imprensa e massa). O último desdobramento ocorre entre 09 de outubro e 02 de dezembro de 1851.

Nessa ocasião há o rompimento definitivo entre o parlamento e o Poder Executivo. O parlamento é abandonado por todas as classes. Há o fim do regime parlamentarista e o fim do domínio burguês. Luís Bonaparte dá o golpe de estado.

Os eventos relatados por Marx (1851) do Terceiro Período podem ser vistos nos esquemas das **figuras 3 e 4.**



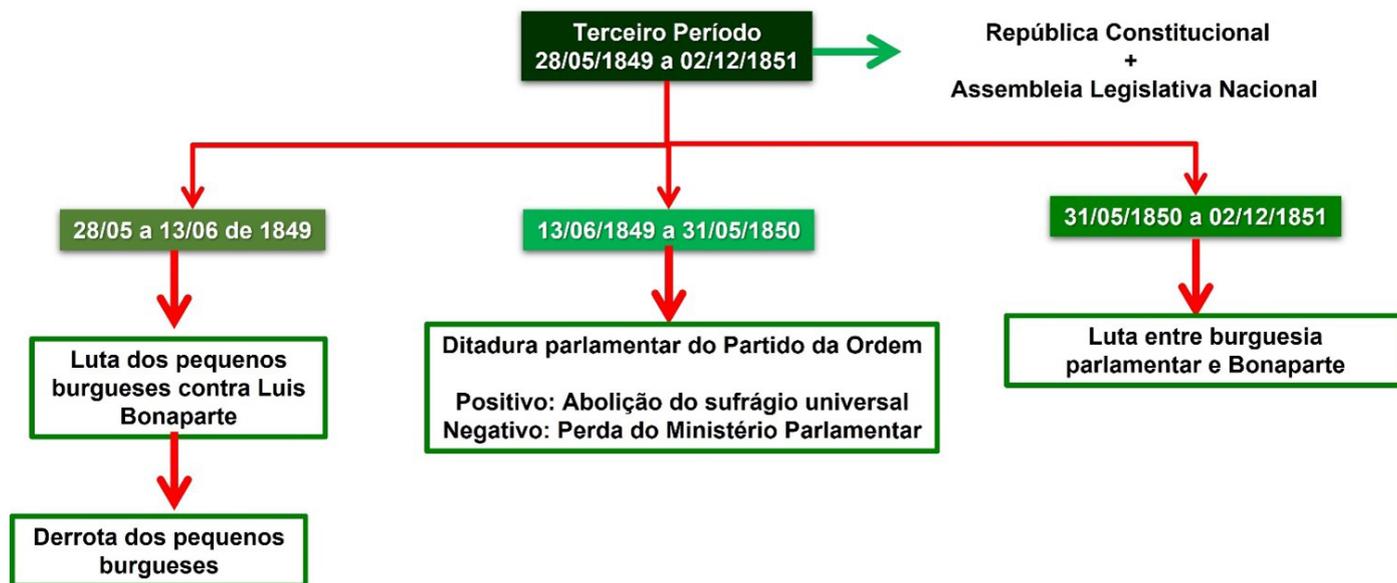


Figura 3 - Primeira parte do Terceiro período do 18 de Brumário segundo apontamentos de Marx (1851).

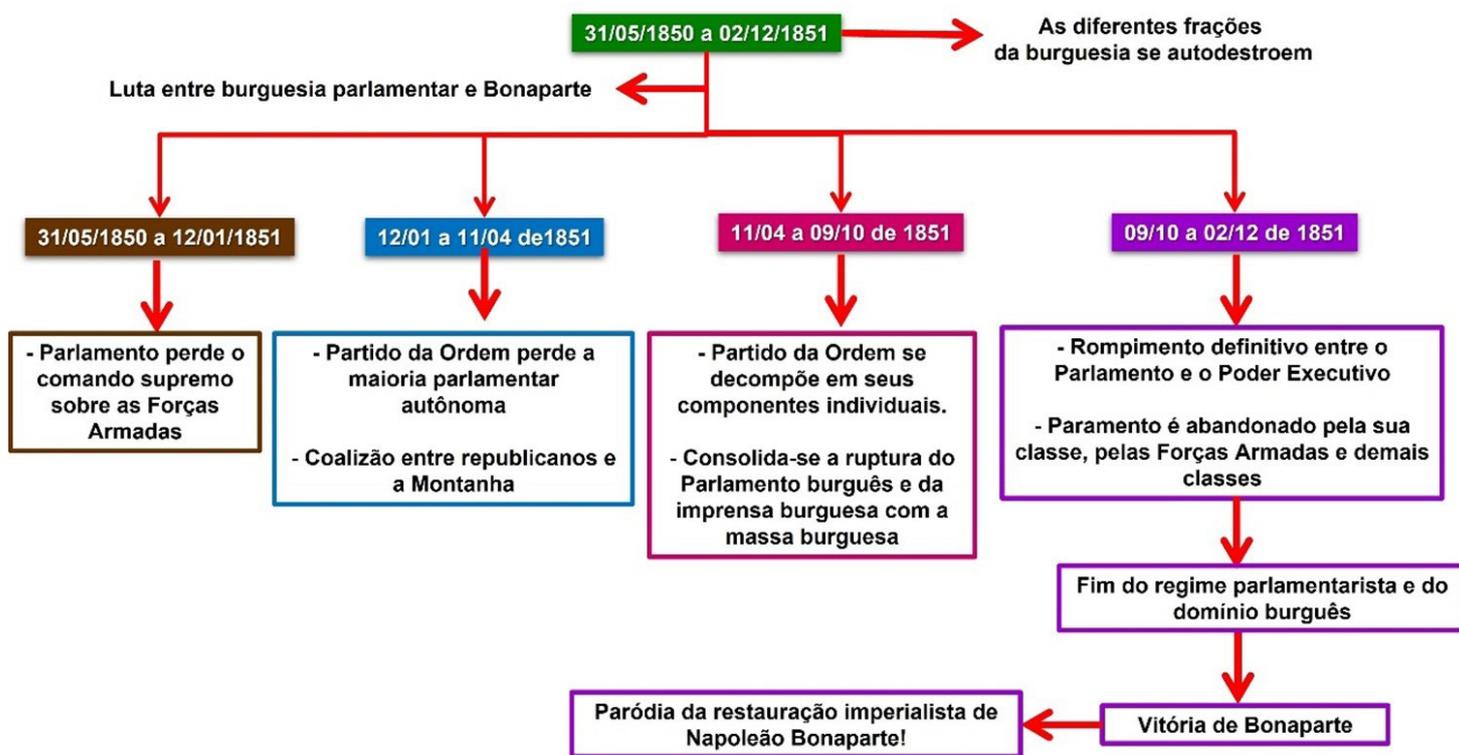


Figura 4 - Primeira parte do Terceiro período do 18 de Brumário segundo apontamentos de Marx (1851).

### 3. Análise Crítica

#### • 1848

O golpe de Napoleão Bonaparte foi realizado com o apoio da burguesia. Bonaparte passou a governar para essa classe.

Um exemplo disso foi a promulgação do Código Civil que previa igualdade,

a garantia do direito de propriedade que reforçava a reforma agrária de acordo com os padrões da Revolução Francesa.

Quando Napoleão caiu e os Borbons sobem ao poder, a burguesia passa a fazer parte do governo. Luís Felipe I (orleanista) também governa para a burguesia.

Quando Luís Felipe I cai, a monarquia burguesa é substituída pela República Burguesa. Nessa configuração é a própria burguesia que governa.

O contexto da Segunda República se inicia em 25 de fevereiro de 1848 com a sua promulgação a partir de uma grande participação popular na derrubada da monarquia. Essa derrubada da monarquia ocorre devido a várias ações governamentais de Luís Felipe que alijaram politicamente tanto a burguesia quanto o proletariado. Contudo, a burguesia passa a querer não somente participar do processo revolucionário e passa a tentar controlá-lo e dirigi-lo. É interessante dizer que a burguesia, nesse ponto, não é um todo indistinto. Ela possui diferentes fragmentações ou facções (financeira, comercial, industrial, proprietária de terra, republicana, pequena burguesia) e todas elas participam da luta pelo poder. Isso fica muito claro durante o Governo Provisório, nos movimentos políticos da Assembleia Constituinte e nos processos eleitorais para eleger os constituintes. Fica claro também que, uma vez no poder, a burguesia descarta o proletariado e passa a combatê-lo (MARX, 1851; FERREIRA FILHO, 2018).

Assim que ocorre a Revolução (“**Jornadas de Fevereiro**”) a burguesia e proletariado lutam juntos para as reformas eleitorais após a queda da monarquia. Mas a Assembleia Constituinte exclui o proletariado. O proletariado se

revolta contra a constituinte e ocorrem as **Insurreições de Junho**. A República burguesa se junta a outras classes (aristocracia financeira, burguesia industrial, classe média, pequena burguesia, forças armadas, lumpemproletariado e camponeses) e derrota o proletariado em um “banho de sangue”. A Burguesia republicana triunfa e se torna despótica (MARX, 1851).

Durante essa Insurreição de Junho, todas essas classes se juntam ao Partido da Ordem contra a classe operária. A motivação falsa era o espectro comunista e a defesa da “**propriedade, família, religião e ordem**”. Toda a reivindicação social era taxada de estigmatizada de socialismo e representava para essas classes que o proletariado era o inimigo do Estado (MARX, 1851). A Insurreição de Junho/Jornadas de Junho, também chamada de **Junho Vermelho**, serve para demonstrar que o proletariado é traído pela burguesia e que a burguesia não é uma massa indistinta. Ela está dividida em diferentes facções.

Esse evento também serviu para que o proletariado se enxergasse como “**classe em si**”. A partir disso, essa classe pode entender que o seu real inimigo, que antes era a nobreza, agora era a burguesia. Da mesma forma, a burguesia compreende que ela é capaz de derrotar os “reis” e o proletariado (MARX, 1851).

Bonaparte é eleito em dezembro de 1848 e sua maior base de apoio de

votos vem dos camponeses. Na ocasião da sua eleição, o Partido da Ordem espalha o seu poder no governo (ganha um ministério cujo o representante era da burguesia financeira), tem poder sobre o exército e o poder legislativo. Além disso, a sua supremacia se transveste como expressão da vontade do povo. Com a eleição de Bonaparte a burguesia republicana perde espaço para a burguesia monarquista que encontrava apoio no Partido da Ordem. Em um dado momento o Partido da Ordem, através desses interesses passa a ser contra a República e isso faz com que a Montanha, reduto dos social-democratas, passe a ser republicano (MARX, 1851).

O desencadeamento dos principais eventos que ocorreram em 1848 pode ser visto nas **figuras 5 e 6**.

• **1849**

Em 1849 os pequenos burgueses buscaram espaço e representatividade

de e houve uma conciliação deles com a Montanha e esse partido passou a ter um maior número de representantes (MARX, 1851).

No início da Assembleia constituinte o Partido da Ordem elegeu a pequena burguesia como sua inimiga. Uma vez que a pequena burguesia trazia demandas sociais e fazia apelos democráticos.

O Partido da Ordem conseguiu atacar a pequena burguesia através da declaração de guerra contra a Itália feita por Napoleão (Incursão contra Roma). Esta guerra era inconstitucional e isso fez com que a Montanha fizesse protestos.

Esses protestos ocorreram dia 13 de junho de 1849 e tiveram o apoio da Guarda Nacional e foram duramente reprimidos. Essa repressão resultou na perseguição da pequena burguesia que foi em parte exilada. A Montanha também

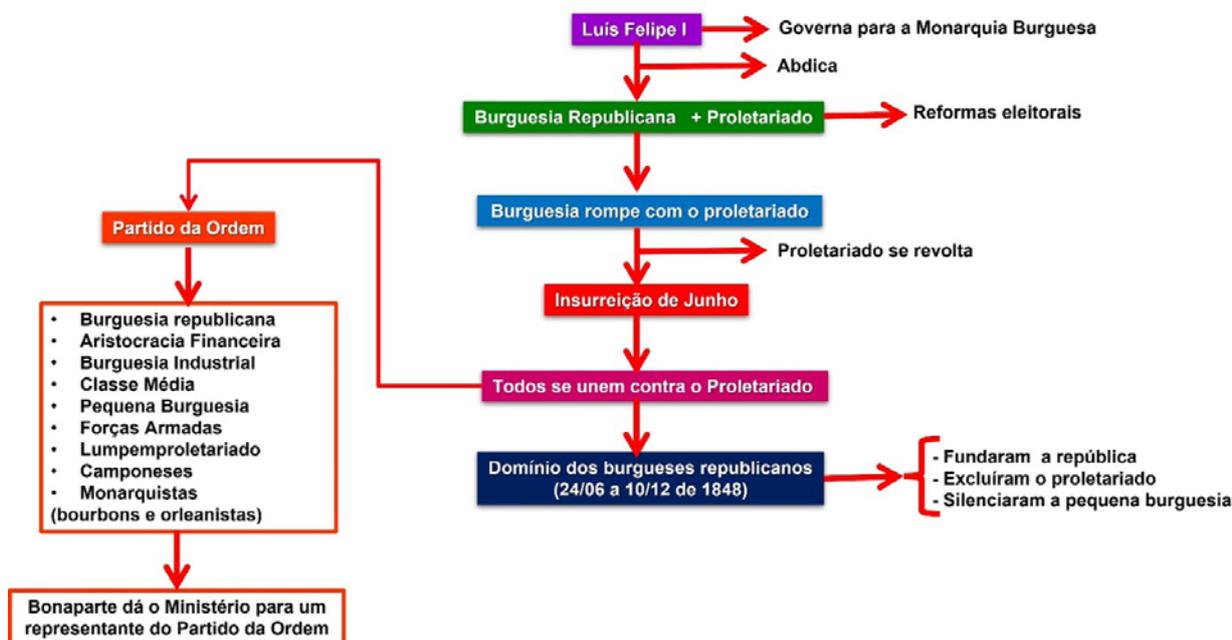


Figura 5 - Representação esquemática dos principais eventos políticos ocorridos em 1848 segundo Marx (1851).

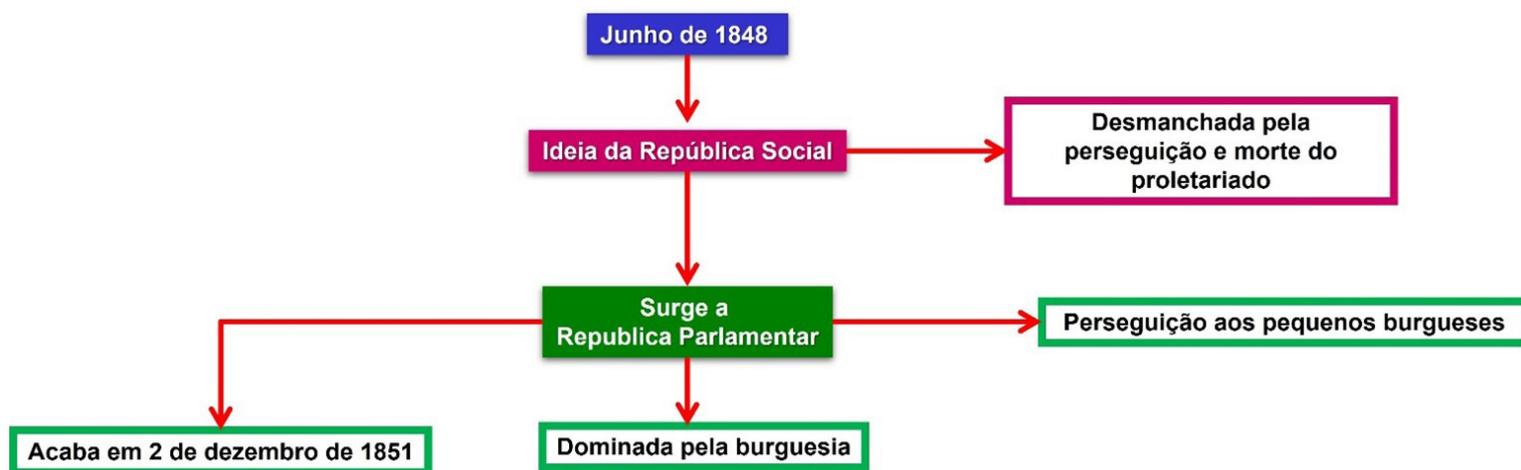


Figura 6 – Esquema mais detalhado sobre os eventos ocorridos após a Insurreição de Junho segundo Marx (1851).

perdeu a sua influência Assembleia e a Guarda Nacional foi dissolvida. Assim a burguesia, através do Partido da Ordem, passa a governar de forma parlamentar, sem qualquer limite, semelhante a uma monarquia (MARX, 1851).

Em outubro de 1849, Napoleão destituiu o ministro do partido da Ordem do ministério. Isso representou uma grande perda do Partido da Ordem ao regime parlamentarista uma vez que o domínio do ministério consistia no controle prático do Executivo. Seguiram-se vários descontentamentos de todas as classes contra a burguesia e essa, para assegurar a sua posição, recuou dos seus intentos. Isso fragilizou o Partido da Ordem que começou a ter vários embates contra Bonaparte (MARX, 1851).

É válido citar que desde 1849 Bonaparte chefiava uma sociedade beneficente chamada **“Sociedade de 10 de Dezembro”**.

Ela abarcava o lumpemproletariado e se tornou uma milícia armada do próprio Bonaparte para os seus feitos.

Como exemplo de ações dessa milícia particular pode-se citar a repressão de protestos legítimos e servir de claque para o próprio Bonaparte (MARX, 1851).

Os principais eventos ocorridos em 1849 podem ser visto na **figura 7**.

- **1850**

Em março ocorrem as eleições complementares e todos os eleitos são social-democratas. Luís Bonaparte se sentiu ameaçado e buscou novamente o apoio do Partido da Ordem (MARX, 1851).

Houve uma estratégia legislativa que suprimiu o sufrágio universal. Os protestos da oposição foram muito fracos e não conseguiram impedir esse evento. Segundo Marx (1851), a suspensão do sufrágio universal se tornou o golpe de estado da burguesia em relação

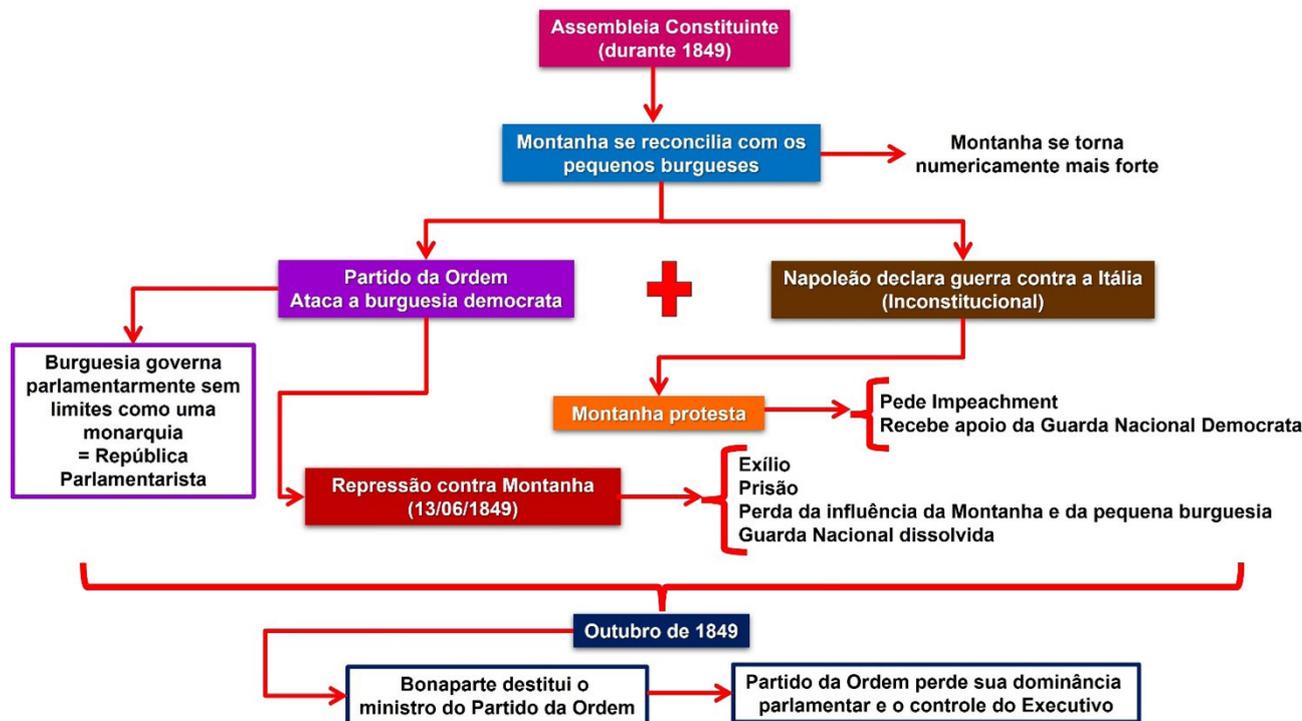


Figura 7 - Representação esquemática dos eventos políticos ocorridos em 1849 segundo apontamentos de Marx (1851).

ao proletariado. Isso porque a inexistência do sufrágio universal vinha atrelada a uma diminuição da pluralidade de candidatos. Isso permitiria que a Assembleia Nacional elegeesse o presidente da República.

É válido citar que, no decorrer dessas disputas, Napoleão acionava a sua milícia particular (**Sociedade 10 de dezembro**) para aumentar a sua popularidade (MARX, 1851).

Aconteceram disputas internas que terminaram com um coro conjunto de Bonaparte e do Partido da Ordem que a **França precisava de tranquilidade**. Nos meses finais de 1850, a Assembleia Nacional abafou os desentendimentos do parlamento com o poder executivo.

Mas o Partido da Ordem acabou se opondo claramente a Bonaparte. Após

vários embates, o Partido da Ordem ce-  
deu a ele a partir das suas exigências pecuniárias. **É válido dizer essa busca pela “tranquilidade” ou estabilidade do Estado francês pela burguesia não necessariamente repousava na existência de um contexto democrático (MARX, 1851).**

O esquema dos principais momentos políticos ocorridos em 1850 pode ser visto na **figura 8**.

- 1851

Em 1851 os desentendimentos entre Bonaparte e o Partido da Ordem continuaram. O Partido da Ordem perdeu a subordinação das Forças Armadas. Estas passaram a ser subordinadas a Bonaparte (MARX, 1851).

O Partido da Ordem também teve uma perda parlamentar grande diante

de um voto de desconfiança em janeiro de 1851 a partir de uma coalização entre a Montanha e os republicanos (MARX, 1851). Assim, o Partido da Ordem perdeu todo o seu poder diante da nação.

O Parlamento se tornou similar ao Parlamento Francês Antigo, nos moldes anteriores ao da Revolução Francesa, onde os parlamentares eram meramente figurativos (MARX, 1851).

O Partido da Ordem em 1851 ficou sem ministério, sem exército, sem apelo popular, sem opinião pública e sem maioria parlamentar autônoma. Dessa

forma, o Partido da Ordem vai sofrendo sucessivas derrotas (MARX, 1851).

Em dois de dezembro de 1851 Bonaparte dá o golpe de estado e com a proclamação do estado de sítio, dissolução da assembleia e restabelecimento do sufrágio universal.

Em 20 de dezembro, ele é eleito e recebe poderes para promulgar a constituição (MARX, 1851).

Os principais eventos políticos ocorridos em 1851 pode ser visto no esquema da **figura 9**.

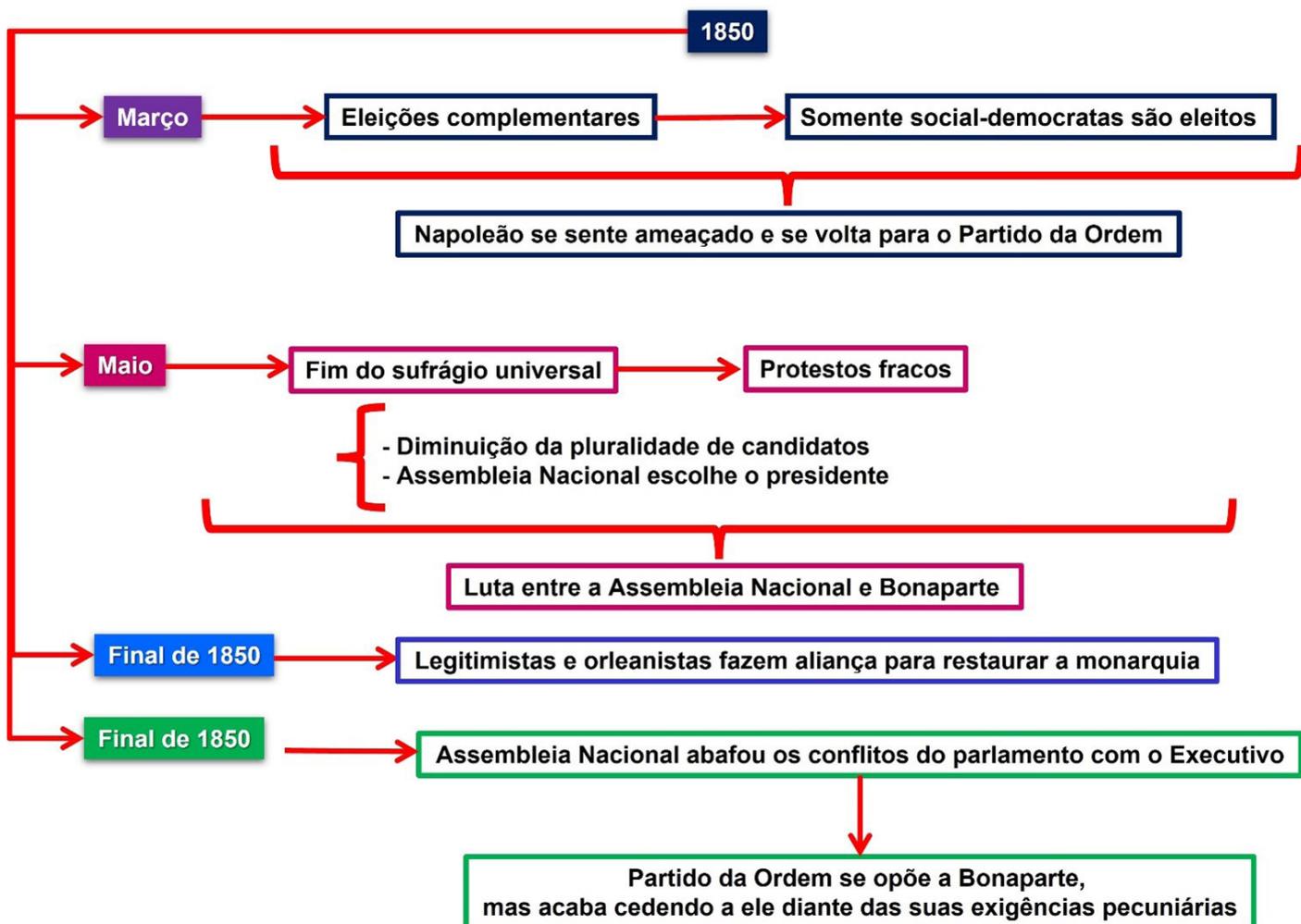


Figura 8 - Principais esquemas sobre os eventos políticos ocorridos em 1850 segundo relatos de Marx (1851).

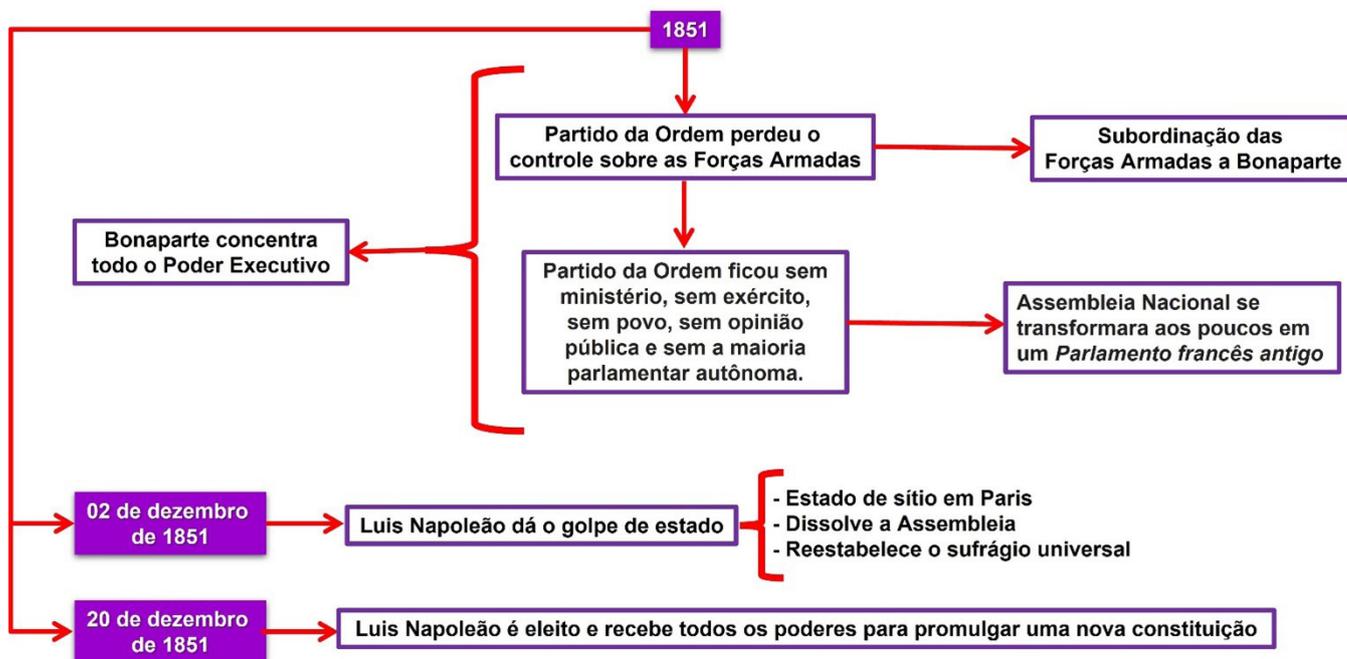


Figura 9 - Representação esquemática dos principais eventos ocorridos em 1851 segundo apontamentos de Marx (1851).

• 1852

poleão III (FERREIRA FILHO, 2018).

Em 1852 a constituição é promulgada, há a restauração da dignidade imperial e Luís Napoleão se torna Na-

Os principais eventos do ano de 1852 pode ser visto no esquema da figura 10.



Figura 10 - Representação esquemática dos principais eventos políticos ocorridos em 1852 na França segundo Ferreira Filho (2018).

4. Classes Identificadas:

A partir dos estudos do “18 de Brumário” e outras literaturas consultadas foi possível identificar sete classes envolvidas nesse momento histórico (BOITO, 2002; FERREIRA FILHO, 2018; MARX, 1851). São elas: **burguesia (e suas facções); proletariado; militares; monarquistas (e suas divisões); lum-**

**pemproletariado; camponeses e pequenos proprietários de terra (parceiros).**

A burguesia é a classe que possui o maior número de facções. Ela pode ser subdivida em **burguesia financeira; burguesia industrial; burguesia comercial; burguesia agrária ou dos grandes proprietários de terra; burguesia republicana e pequena burguesia.**

A **burguesia financeira, industrial e comercial**, apesar de atuarem em áreas diferentes, possuíam um comportamento semelhante. Elas tinham tendências monarquistas principalmente relativas a política da monarquia constitucional típica da dinastia dos Orleans que durou desde 1830 a 1848 com o reinados de Luís Felipe I.

No Parlamento eles apoiavam os grupos orleanistas e faziam parte do Partido da Ordem. Defendiam a monarquia, mas se adaptavam em prol da manutenção dos seus interesses chegando também a aceitar na prática a República.

A **burguesia agrária ou dos grandes proprietários de terra** também tinham tendências monarquistas relacionados a dinastia dos Bourbons que permaneceu no poder entre 1815 e 1830 com os reinados de Luís XVIII e Carlos X.

Dessa forma, no Parlamento eles apoiavam a monarquia dos Bourbons e assim eram chamados de legitimistas. Também pertenciam ao Partido da Ordem. Defendiam a monarquia, mas na prática, para a manutenção dos seus interesses, aceitavam a República.

A **burguesia republicana** inicialmente exerce o poder, desde as Jornadas de Fevereiro até a eleição de Luís Bonaparte em 1848. Essa classe segue

um ideal republicano e de composição social. No Parlamento eram chamados de republicanos puros. Essa classe defendia a República Parlamentar.

A **pequena burguesia** é uma das classes que não consegue barrar o golpe. Ela tem vários comportamentos de conciliação, triunfalismo e hesitação diante dos movimentos políticos que se desenrolam.

No Parlamento ela defendia a Social-Democracia e politicamente apregoava a República Democrática. O esquema dessa classe burguesa e as suas facções podem ser vistas na **figura 11**.

Outra classe identificada é a do **Proletariado**. Essa classe é traída nas Jornadas de Fevereiro de 1848 por todas as classes. Mas a principal classe que arquitetou essa traição e mobilizou as outras classes foi a burguesia. A partir dessa traição e das perseguições que vieram em junho, ela fica sem qualquer representação política. Também acabam não aparecendo em boa parte desses movimentos políticos decorrentes uma vez que havia um bom momento na indústria francesa. Eles defendiam o republicanismo radical, a criação das Oficinas Nacionais, o Ministério do Trabalho e insurreições como forma de protesto. No Parlamento eram representados pela ala esquerda da Nova Montanha. Como plataforma política eles defendiam a República Social.

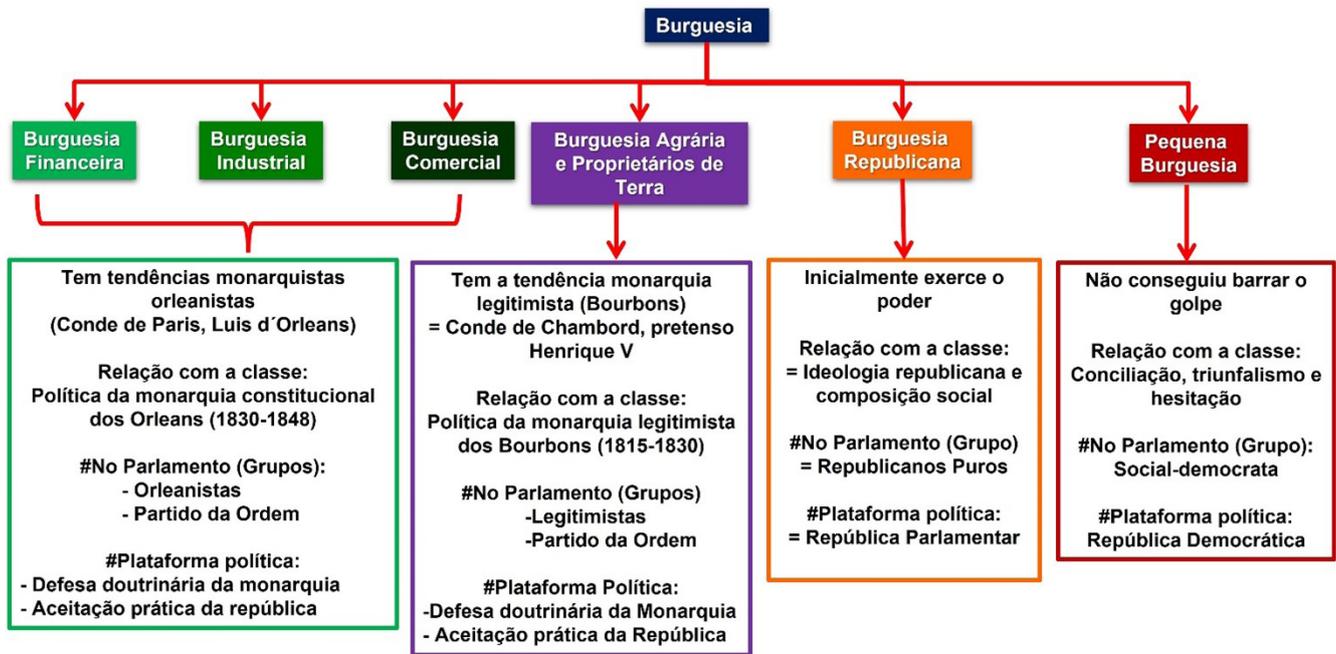


Figura 11 - Classe burguesa (e suas facções) identificada no "18 de Brumário" segundo Marx (1851) e Boito Júnior (2002).

Os **militares** representavam uma classe oportunista e que se voltava contra o próprio povo. Apoiam a Sociedade 10 de Dezembro, sociedade beneficente criada em 1849 por Luís Napoleão e que na prática funcionava como sua milícia particular composta pelo lumpemproletariado.

Os **monarquistas** se dividiam entre o apoio a duas dinastias: bourbons/

legitimistas e orleanistas. Apesar de defenderem diferentes grupos, em vários momentos fazem coligações entre si a fim de lutar contra a República. Em determinados momentos eles também fazem alianças com os representantes do Partido da Ordem que os apoiavam.

O esquema das classes do proletariado, militares e monarquia podem ser vistas na **figura 12**.

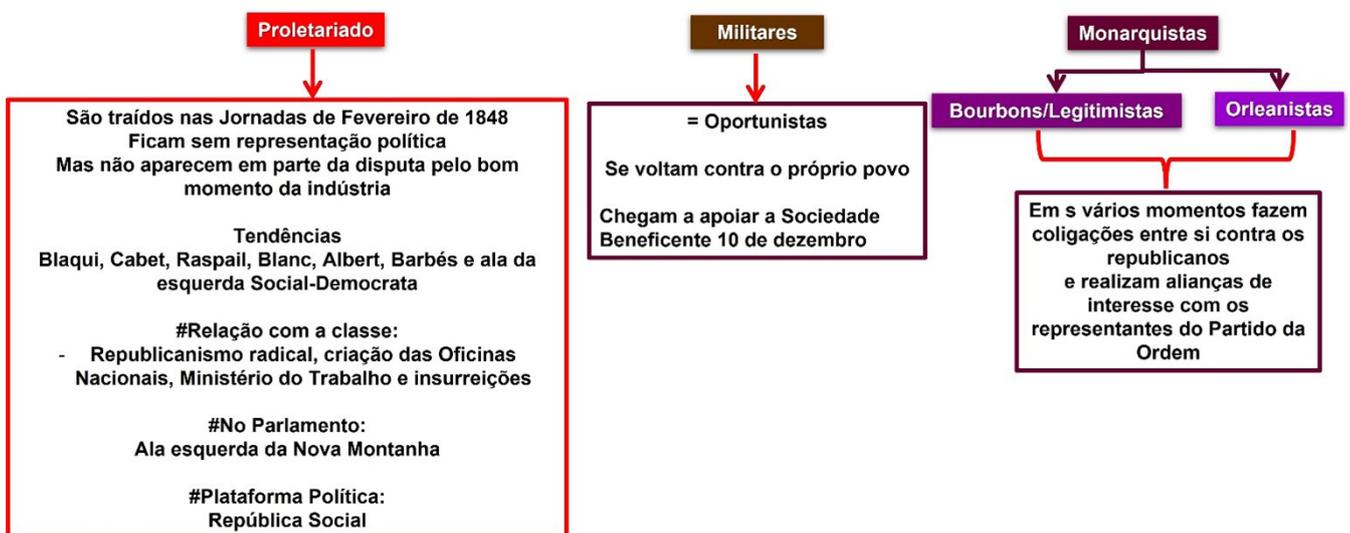


Figura 12 - Classes (proletariado, militares e monarquistas) identificadas no "18 de Brumário" segundo Marx (1851), Boito Júnior (2002)

Outra classe apresentada por Marx (1851) é o **lumpemproletariado**. Marx critica bastante essa classe. Eles viraram a milícia pessoal de Luís Bonaparte a partir da Sociedade 10 de Dezembro. Essa milícia funcionava como uma claque para ovacionar Luís Bonaparte e reprimir e tumultuar manifestações políticas legítimas da oposição.

Há também a classe dos **camponeses e de pequenos proprietários de terra**, também chamados de **parceiros**. Eles representavam a maior massa dos eleitores. Marx (1851) retratou os camponeses como uma não-classe. Eles não seriam uma classe uma vez que o seu modo de produção os isolava uns dos outros. Exatamente por isso eles não tinham qualquer representação política ou comunitária e assim não seriam sujeitos da História. Mas eles votam em Luís Bonaparte

para que ele assegurasse o seu modo de vida proporcionado pela reforma agrária defendida na Revolução Francesa. Eles apoiavam Bonaparte a partir do medo da execução das hipotecas das suas propriedades. Tanto o lumpemproletariado quanto os camponeses eram bonapartistas. Eles estavam ligados a tradições e participaram das eleições que elegeram Bonaparte. No parlamento eram representados pelos bonapartistas e, em certa medida, com o Partido da Ordem na defesa das propriedades de terra. A plataforma política dessas duas classes era baseada na defesa da Restauração do Império.

O esquema da configuração das classes do lumpemproletariado e dos camponeses e pequenos proprietários de terra pode ser visto na **figura 13**.

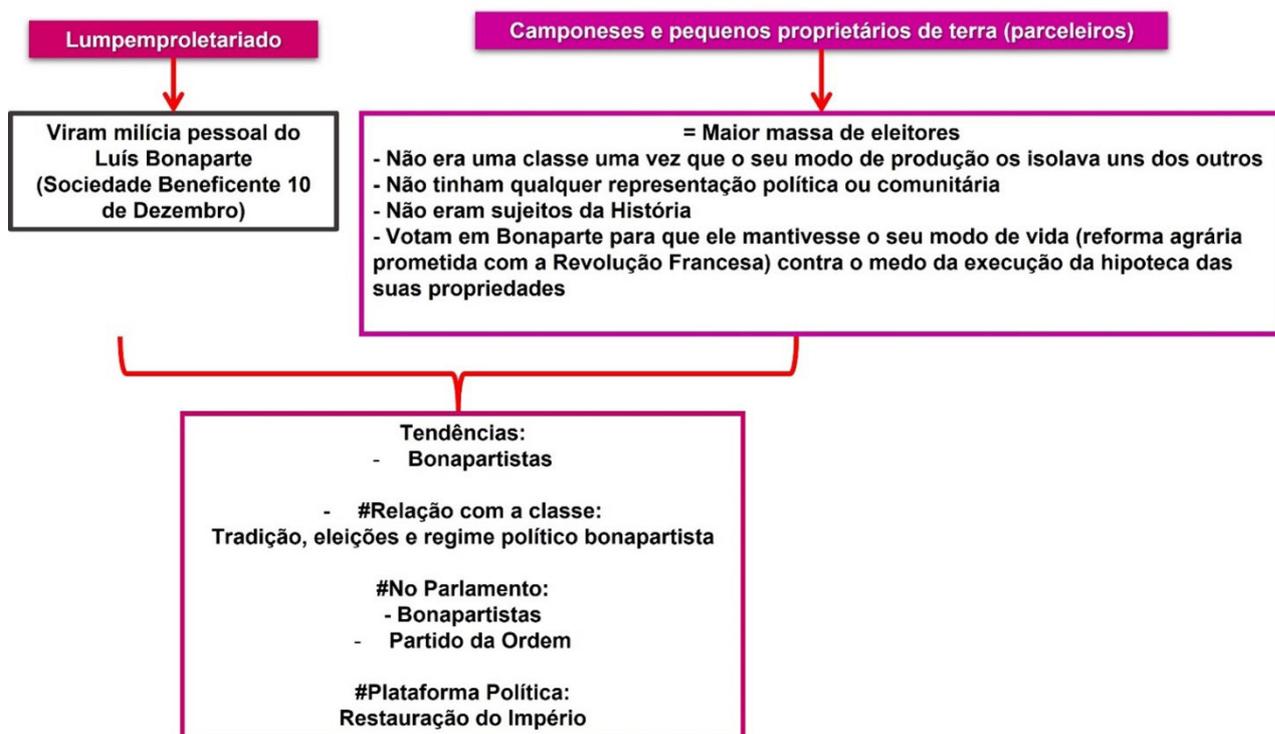


Figura 13 - Classe burguesa identificada no “18 de Brumário” segundo Marx (1851), Boito Júnior (2002)

## 5. Partidos/Representações de Classes

A Assembleia constituinte que foi instaurada abalou a negociação das classes dominantes. Essa dinâmica das lutas das classes se configurava a partir das suas representações institucionais, que são os partidos. Existiam três partidos principais: **Partido da Ordem (situação), Montanha (oposição) e o Nacional (com menor expressão) (MARX, 1851).**

Tanto o partido da Ordem quanto a Montanha são partidos de representação burguesa. A diferença é que o Partido da Ordem representava um posicionamento mais à direita e era mais flexível em termos de se relacionar com os monarquistas. Havia representantes que eram a favor da monarquia tanto dos legitimistas (Bourbons) que eram a burguesia proprietária de terras quanto dos orleanistas que eram a burguesia comercial, financeira e industrial (MARX, 1851).

A Montanha, por sua vez, originalmente abrigava os “socialistas” compostos por intelectuais e pessoas que ansiavam por reformas. Eles



se comportavam como um coletivo social-democrata e em determinado período incluíram a pequena burguesia. (MARX, 1851). O partido Nacional era vinculado a um órgão de imprensa de mesmo nome. Com o tempo, ele se tornou um partido socialista (MARX, 1851). Outras categorias também possuíam representações no Parlamento como os monarquistas e o partido católico.

Os monarquistas tinham duas vertentes: legitimistas (apoiadores da dinastia dos Bourbons) e os orleanistas. Os legitimistas tinham o apreço dos grandes proprietários de terra e os orleanistas tinham o apreço da burguesia financeira, da burguesia industrial e de pequenos burgueses.

As suas duas vertentes visavam seus próprios interesses, se relacionavam com o Partido da Ordem e chegaram a fazer coligações entre si a fim de derrubar a república (MARX, 1851).

Outra representação é a do partido católico que tinha uma participação menor e era bonapartista (MARX, 1851). Todas essas representações partidárias podem ser vistas na **figura 14.**

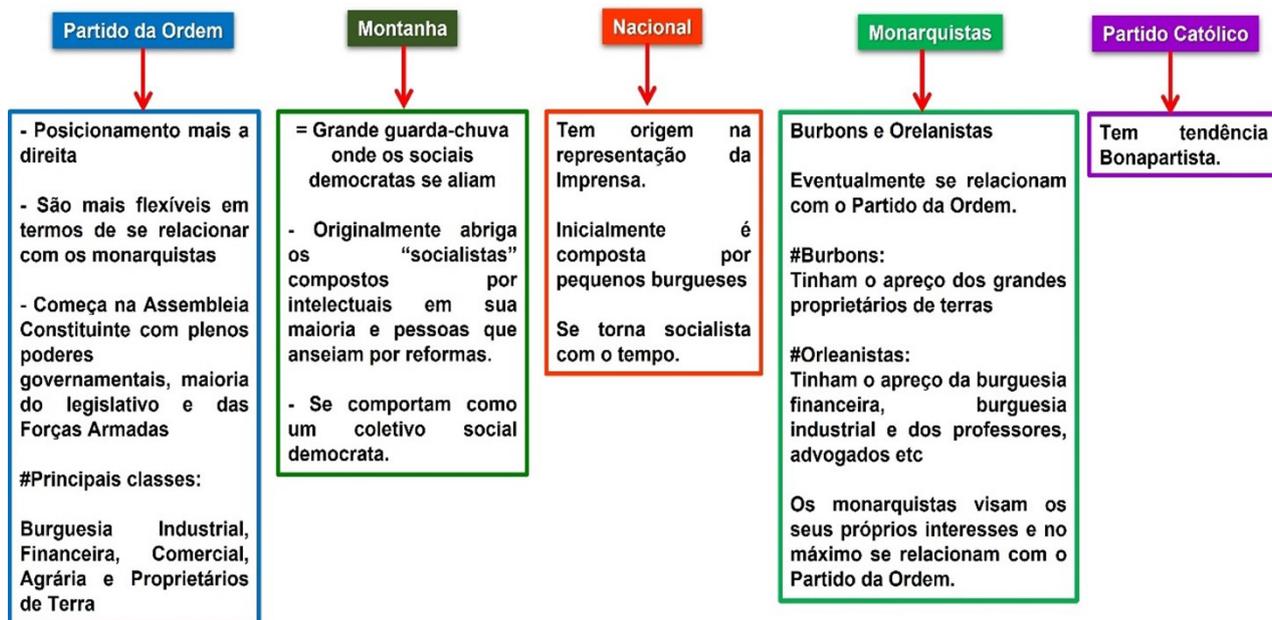


Figura 14 – Partidos/representações de classe identificados segundo Marx (1851).

## 6. Observações e Considerações Finais

Pode-se notar que nesse processo todo que se estende **de 1848 a 1851 há uma sequencias de traições e golpes.**

As traições são múltiplas. A primeira traição é a da burguesia republicana contra o proletariado na Insurreição de Junho. O proletariado é abandonado por todos, incluindo a pequena burguesia. A burguesia republicana, após esse evento, se alia a Luís Napoleão no Partido da Ordem (MARX, 1851).

Após isso, a burguesia republicana é substituída pela burguesia monarquista após a eleição de Bonaparte. A burguesia então também trai os pequenos burgueses em Junho de 1850, o que culmina com o exílio dos principais líderes sociais-democratas (MARX, 1851).

**Houve também um golpe contra o voto universal da burguesia contra o proletariado.** Consoante a isso, Luís já havia armado o lumpemproletariado desde 1849 com a criação da Sociedade beneficente Dez de Dezembro. Ela passa a ser sua milícia particular para servir de sua guarda pessoal e assim chantagear a burguesia. Vale lembrar que o lumpemproletariado não é nem uma classe em si e nem para si. Ele está disponível para vender seu poder de exercer a violência e ameaçar manifestações políticas legítimas (MARX, 1851).

Também **há uma grande corrente de contradições no parlamento** que vão desde constitucionalistas sendo contra a constituição; revolucionários constitucionistas até uma Assembleia Nacional que pretende ser onipotente e que se pretende ser sempre parlamentar (MARX, 1851). É possível perceber

que **há uma grande oscilação do poder e de formação de alianças**. Marx (1851) relata que essa oscilação também é uma oscilação do capital e do trabalho (MARX, 1851).

Marx (1851) também relata que **a Democracia pode ser um instrumento de manutenção da ordem, mesmo assim ela possui conflitos de interesses**.

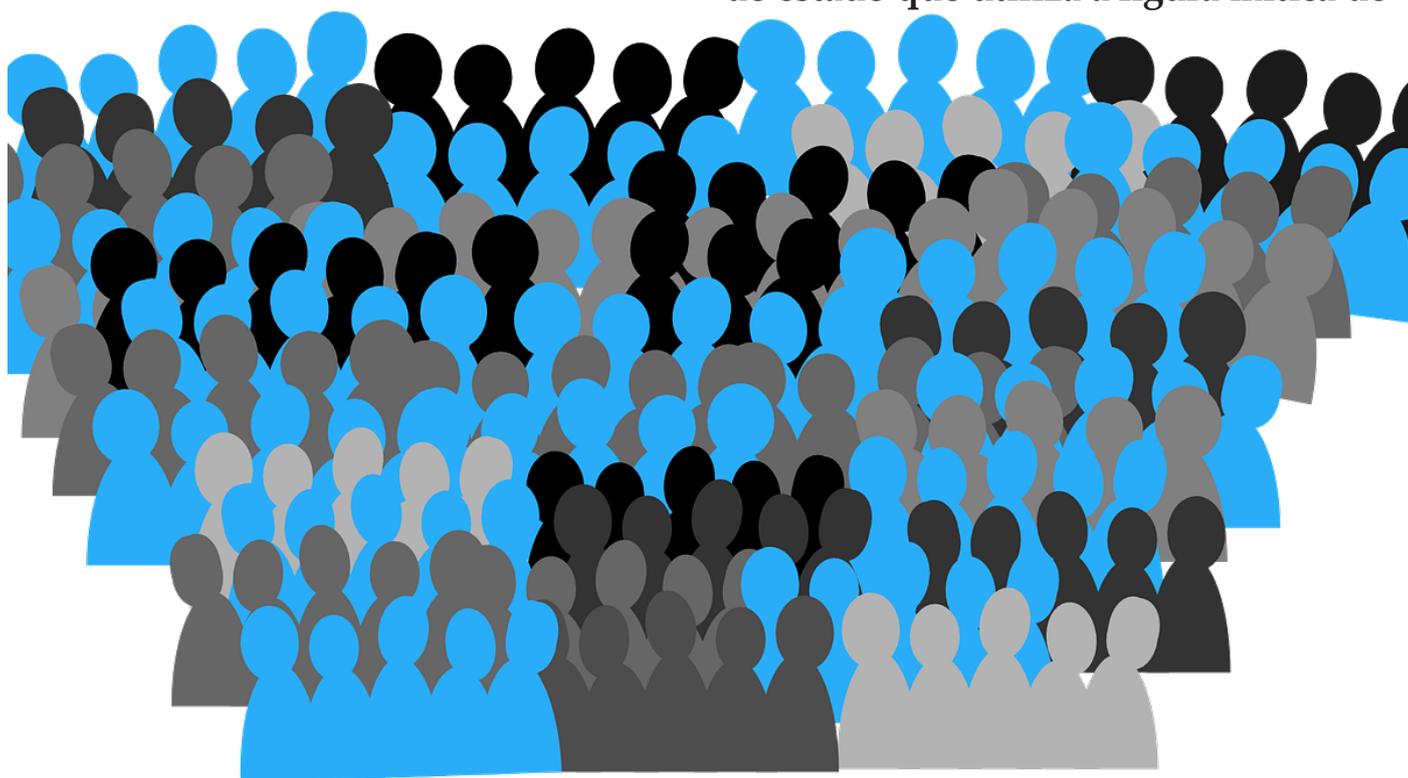
Grosso modo, a burguesia é uma classe que prefere a ordem, mas ela não se importa se há a manutenção da Democracia (MARX, 1851). O importante para a classe dominante (burguesia) é que ela continue com o seu *status quo*.

Dessa forma, **a burguesia busca sempre se preservar das consequências econômicas a partir do oferecimento de apoio a qualquer segmento de classe**. E nisso, ela não é incoerente uma vez que o seu principal objetivo é não sair da

esfera da tomada de decisão.

Há que se salientar também o conteúdo irônico de Marx ao tratar do golpe de estado do Luís Napoleão (MARX, 1851). **Essa ironia está baseada no caráter meramente performático do retorno aos valores gloriosos do passado (= Era Napoleônica) por Luís Napoleão**.

Essa mentira/farsa serve para legitimação da classe burguesa uma vez que, apesar do golpe, as ferramentas de dominação dessa classe permanecem. Marx (1851) entende que **esse golpe não trouxe uma ruptura institucional e serviu como uma das formas de manutenção dos interesses de classes**. Como as estruturas permanecem, **não há qualquer revolução e a burguesia continua sendo uma classe dominante**. Então, todo o apelo desse novo golpe de estado que utiliza a figura mítica de



Napoleão Bonaparte para “**restaurar a dignidade imperial**” é uma farsa.

Pode ser visto que **o percurso dos partidos (que acabam sendo elementos de representação de classe) não é linear**. Também é perceptível que a adaptabilidade da classe burguesa serve para lidar com as suas fissuras internas.

Nesse contexto, inicialmente **a burguesia cria a República, mas no final, ela retroage em suas conquistas a fim de manter o seu status quo social mesmo que isso solape todos os movimentos da classe trabalhadora e da existência da própria República**.

No final, a burguesia se adapta ao novo esquema político que vem com o golpe de Luís Napoleão que é a restituição do Império (= Segundo Império).

### **Referências**

BERAS, C. A Revolução Francesa de 1848: O desenvolvimento do Capitalismo e as Cartas de Paris de Sebastião Ribeiro de Almeida. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2018.

BOITO Jr., A. Cena política e interesse de classe na sociedade capitalista: comentário em comemoração ao sesquicentenário da publicação de O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte. Crítica Marxista, 15, 127-139, 2002.

FACCHINI NETO, E. O bicentenário

da morte de Napoleão Bonaparte e seu principal legado jurídico: O Código Civil Francês e a Proteção dos direitos da Burguesia. RJLB, ano 7, nº 5, 2021.

BOXUS, D.M. A França no Século XIX: História, Literatura e Arte. Uma Contribuição para os estudos em Literatura Comparada no Brasil. A Palo Seco-Escritos de Filosofia e Literatura, vol. 2, 2010.

FERREIRA FILHO, V.D. Marx e a repetição da história como farsa. ADVIR (ASDUERJ), v. 38, p. 6-16, 2018.

MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte (1851). São Paulo: Boitempo, 2011.

TARSIA, Rodrigo Dias. O calendário Gregoriano. Revista Brasileira de Ensino de Física, vol.17, no. 1, 1995.



# Reflexões sobre a Mentira na política moderna e nos regimes totalitários

Cassia Cristina de Castro Cunha<sup>1 2 3</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

<sup>2</sup> Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT)

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente (GPMI/MCT)

Fazendo um recorte na questão da **mentira na política moderna** pode-se pontuar algumas reflexões sobre os regimes totalitários que formularam inovações a partir de atitudes, do uso massivo das técnicas e processos de comunicação de massa, como a propaganda e a mídia, e que influenciam diretamente a cultura de massa.

A **cultura de massa** se caracteriza por ter uma **mensagem pública, rápida e efêmera**. O seu público é heterogêneo, anônimo e muito grande. A comunicação de massa **tem influência direta na cultura de um povo**, sendo muitas vezes utilizada, através de diferentes tipos de mídia, para criar mudanças de comportamento, tendências produzidas pela in-

dústria da moda ou até mesmo influenciar a maneira de pensar sobre assuntos específicos. **Assim, a modernidade traz através da comunicação de massa e os meios de comunicação uma indústria cultural que realiza uma mediação social (KOYRÉ,2019).**

Koyré (2019) explica que a mentira sempre fez parte da vida humana. O homem sempre mentiu para si mesmo e para os outros e isso não é algo novo. Mas a mentira do homem moderno, o homem totalitário, tem sido produzida de forma massiva, sistemática, constante e despudorada. Essa mentira moderna é produzida em massa





e dirigida às massas. Apesar de ser fruto de técnicas e conhecimentos, o seu produto final mostra um total desdém pela verdade e até mesmo pela veracidade.

**Os regimes totalitários têm como filosofia a existência de uma verdade objetiva comum para todos.** Para eles, a virtude da verdade não está na universalidade, mas é atrelada a essência da raça, nação ou classe ou na sua aplicabilidade a nível racial, social ou nacional.

As filosofias dos regimes totalitários não têm compromisso com a ciência ou com o valor puro do pensamento. **Para as filosofias dos regimes totalitários a função do conhecimento não é a revelação da realidade, mas contribuir na transformação da realidade, orientando para aquilo que ela não representa.** Essa proposta considera que **a ideologia do mito** é melhor do que a ciência e que o discurso voltado para as paixões humanas é mais aceitável do que o pensamento crítico. A partir dessa perspectiva filosófica e ideológica, os representantes dos regimes totalitários produzem e veiculam discursos, propagandas, publica-

ções em oposição a realidade, a verdade e a temporalidade, sem nenhum tipo de embaraço, na condição de transcenderem a verdade ou a mentira (KOYRÉ,2019).

Koyré (2019), diz que as categorias verdade, mentira, o imaginário e o real são comprovadas e estão presentes no interior das ideologias e dos regimes totalitários. Elas podem estar apenas invertidas e deslocadas do seu papel nessas filosofias totalitárias. Isso porque os **regimes totalitários têm suas bases edificadas sobre a precedência da mentira.**

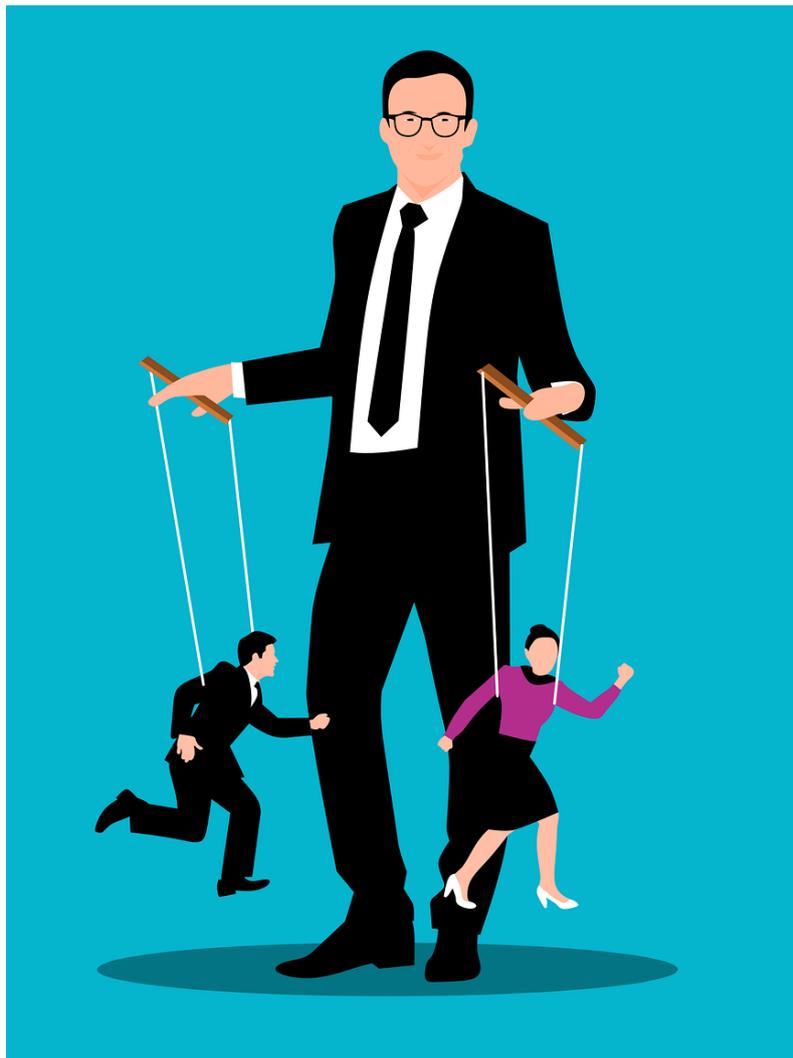
Na vida humana a mentira pode ocupar vários lugares de pertencimento. Na norma moral religiosa de caráter universal, procedente do monoteísmo judaico-cristão, condena-se a mentira de forma tácita e rígida. Mentir, distorcer e camuflar a verdade é um pecado contra o Deus que se acredita e que é a própria verdade. As morais filosóficas são mais maleáveis ao sentido positivo e ativo da mentira e menos tolerável no que consiste ao sentido negativo e passivo da mentira. A verdade enquanto “alimento

da alma” requer almas fortes. Ela pode ser um risco para outras almas. É necessário dosear, dissolver, cuidar a verdade e considerar a aplicação que será feita dela. As regras da moral social, de forma geral condenam a mentira. Mas há ocasiões em que ela é aceita, desde que não rompa com o laço social que une o grupo, o nós. Mentir fora do grupo, para o exterior onde existe os outros, é permitido. É legítimo usar a mentira no conflito, contra os adversários ou inimigo (KOYRÉ,2019).

K o y r é (2019), explica que de maneira geral, em quase **todas as sociedades a mentira é aceita na guerra. Mas nas relações pacíficas não é aconselhada.** Entretanto, se o estrangeiro é um inimigo latente, a verdade perde sua qualidade no que se refere a diplomacia. No comércio a **mentira tem seu grau de aceitabilidade conforme as tradições comerciais ou na veiculação de propagandas.** A mentira é admitida e aprovada em algumas situações. A

guerra é uma exceção onde é permitido e aceitável o seu uso.

Mas, se a guerra perde a condição de excepcionalidade e se torna um estado contínuo, a mentira deixa de ser excepcional e passa ser a normalidade. Nessa condição um grupo social não teria receio de fazer uso da mentira contra os outros, **transformando a mentira**



**em uma regra de comportamento,** uma vez que o grupo se observa circunscrito a inimigos. Se ocorre um rompimento entre o **“nós e os outros”**, onde a inimizade se torne fundamental, e os **“outros potenciais inimigos inflexíveis”**, numa situação hostil, todo o grupo viveria uma situação intransponível

entre si e os outros, deixando de existir qualquer laço ou obrigação social. Nessa circunstância, dentro do grupo, a mentira dita aos “outros” não estaria mais circunscrita a tolerância ou a uma regra de conduta social – **ela se tornaria obrigatória e uma virtude.**

Em contrapartida, a verdade mal traduzida ou a inépcia de mentir, seria considerada como inaptidão, deficiência ou imperfeição (KOYRÉ,2019).

Koyré (2019) diz que, essas considerações feitas de forma resumida, esboçam tipos de grupamentos sociais ou sociedades que apresentam em graus diferenciados uma estrutura mental com características específicas. Esses graus exprimem a ação de três fatores. O primeiro fator está relacionado com **o grau de afastamento e oposição entre os grupos considerados.**

Não se apresenta como um conflito natural ao estrangeiro, inimigo latente ou inimigo real. Não há ira que inspire uma luta e nem ímpeto que motive um combate de extermínio.

O segundo fator diz respeito **a relação de forças ou graus de perigo que ameaça o grupo por parte de seus vizinhos-inimigos.** Nesse caso

a mentira é uma arma. Ela é usada como escape do perigo. Não se usa artifícios contra aqueles que podemos destruir.

O terceiro fator é **o grau de frequência dos contatos entre os grupos adversários e seus participantes.** Se grupos adversários não tem convívio, não se encontram ou só se defrontam no combate, não surge ocasião para mentir além das artimanhas próprias do combate. A mentira supõe o diálogo e demanda um intercâmbio.

Koyré (2019) explica que, se um grupo social está inserido num ambiente adverso pertencente a um grupo nativo, imersos numa sociedade adversária, viven-

do em contato com o adversário habitualmente, a mentira se torna fundamental ao grupo. Isso implica no aumento da pressão exterior e do conflito entre “nós” e os outros”, o antagonismo dos “outros” por “nós”, a intimidação que esses “outros” representa para “nós”.





Koyré (2019) analisa que, em uma conjuntura extrema, onde o conflito é definitivo e total, o grupo social será impelido a sumir ou fugir de fato ou, utilizando-se da mentira, se tornar invisível aos outros e assim driblar seus inimigos e ocultar-se sem ser percebido.

Nessa circunstância, a **inversão se torna completa e o grupo passa a ser secreto, transformando a mentira em sobrevivência do grupo e isso torna algumas de suas características excessivas.**

Koyré (2019) segue explicando que o grupo cria um obstáculo semipermeável e superável entre si e os outros. Todo grupo tem um tratamento especial para seus componentes, criando entre eles

aliança, reciprocidade e afeição; todo grupo considera importante manter limites de distanciamento entre si e os "outros" conservando os componentes simbólicos e conteúdo que os constitui. O vínculo ao grupo é considerado uma virtude e uma honra, sendo a lealdade ao grupo uma obrigação para todos os integrantes. Quando o grupo atinge a estabilidade isso implica na transformação da estrutura do grupo e a criação de uma hierarquia.

Segundo Koyré (2019), a partir de uma série de circunstâncias, **o grupo social se torna secreto e o acolhimento ao grupo ocorre através de uma iniciação obrigatória.** Dentro do grupo, o ato de pertencer à irmandade se torna um fascínio onde os **rituais e os símbolos são sacralizados** transformando a lealdade em dever irrevogável. Nesse sentido, a hierarquia dentro do grupo passa a ser ampliada e a autoridade da liderança

torna-se absoluta, da mesma forma o **critério da obediência.**

Assim, em um grupamento secreto seja ele doutrinário, de ação, uma seita ou conspiração é um agrupamento com segredo possuindo uma

**ideologia secreta**, cuja existência está associada a conservação do segredo, que tem sua natureza dupla – da própria subsistência e dos propósitos da ação.

A participação em um agrupamento secreto implica o pertencimento e a



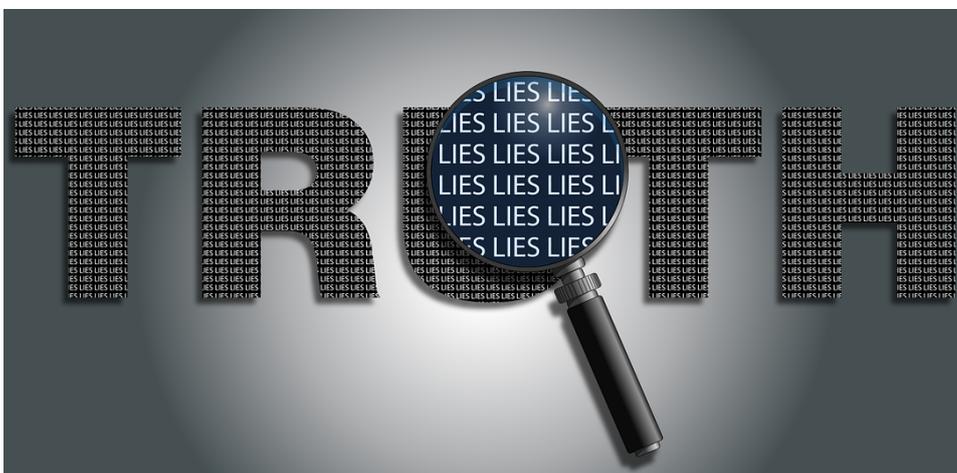
camuflagem deste fato, ou seja, dissimular o que é, e ao mesmo tempo, simular o que não é.

Para os participantes do grupo secreto, isso implica que o discurso é um meio de ocultar o pensamento. **Todo discurso dito em público é uma mentira. O que pode ser verdadeiro só é revelado aos iniciados.** Assim, a verdade torna-se mística, dissimulada e inacessível ao não iniciado. Os membros do grupo secreto nunca acreditarão no que é discursado por outro participante em público. Os participantes não aceitam como verdadeiro o que o líder discursa em público uma vez que tudo o que é dito em público não é direcionado para os próprios membros. O ato do membro do grupo não acreditar no que o líder diz em público exprime a sua confiança no líder. Assim, a verdade sempre fica escondida para as pessoas comuns. Ela só pode ser acessada para os iniciados (KOYRÉ,2019).

**Os governos totalitários são como as sociedades secretas e funcionam dentro de uma ideologia que apregoa que a mentira, a dissimulação e o camuflar é um instrumento de proteção do “nós” contra**

**os “outros”, “nós” contra os “inimigos”.**

A partir dessa ideologia, os regimes totalitários criam os **“partidos únicos”** como um instrumento de proteção do regime, uma vez que eles não podem estar associados com a diversidade de outros agrupamentos adversários. **Os partidos únicos agem em público, sem barreiras entre eles e todos os outros, porque seu objetivo é englobar para si a nação ou a raça.** Os governos totalitários normalmente anunciam seus programas e metas pu-



blicamente. Hitler, em seu livro **“Minha luta”** expôs suas opiniões radicais, e ao subir ao poder,

executou ponto a ponto o seu programa de governo. Mas ele anunciou suas opiniões e metas, porque ele sabia que os **“outros”** não acreditariam nele e essa foi sua estratégia de enganar e dissimular seus inimigos (KOYRÉ,2019).

**A técnica da mentira que usa a própria verdade como instrumento de engano é um jogo político altamente perverso.** Os Estados totalitários e os partidos únicos que os representam tem suas ações de forma pública e utilizam a propaganda massivamente. A inovação dos Estados totalitários foi realizar suas **“conspirações às claras”**, o que se tornou



um instrumento de ação apropriado e direcionado às instituições e sociedades democráticas de uma civilização de massas.

Os Estados totalitários não estão cercados de ameaças, assim, não precisam se ocultar. Antes eles necessitam dirigir suas ações para as massas, de forma pública, concentrando os holofotes sobre sua liderança. Os seus integrantes não precisam se camuflar. Eles têm o direito de mostrar o seu pertencimento ao partido, torná-lo conhecido e identificável aos “outros” e aos demais integrantes. **Isso se torna possível através da exteriorização de rituais, códigos, sinais, insígnias, braçadeiras, uniformes, bandeiras, cores, gestos e gritos rituais, slogans, palavras de ordem, tudo isso realizado em público.**

Apesar da “conspiração as claras” exigirem uma organização voltada para as massas, os Estados totalitários manterão um distanciamento entre si e “os outros”. A adoção de rituais e instrumentos de visibilidade e de per-

tencimento ao partido aumentam a discrepância e os obstáculos que os separam dos que estão de fora.

A lealdade ao agrupamento ou partido é a virtude máxima de seus componentes. A estrutura e hierarquia do partido se modelam como uma organização militar onde a obediência é a regra: **“a fé não é reservada aos incrédulos (*non servatur fides infidelibus*)”**. Isso significa que em uma “conspiração às claras”, mesmo se o agrupamento ou partido não for uma sociedade secreta, eles continuam sendo uma sociedade de segredos. Independente do fato da “conspiração as claras” ser bem sucedida, os atributos do grupo ou partido permanecem. Os atributos do grupo podem ser adaptados e outros reforçados, segundo os interesses do próprio grupo.

Os membros do grupo podem se sentir superiores frente aos que não pertence ao grupo. Essa sensação de superioridade, por parte dos participantes do grupo, surge pelo fato de terem

a convicção de integrarem uma elite, a classe dominante, estando dessa forma separados das grandes massas (KOYRÉ,2019).

**Os regimes totalitários representam conspirações originadas no medo, ódio, desejos de vingança ou de dominação, usurpação do poder, traição, entre outros.** Em parte as conspirações dos regimes totalitários são bem-sucedidas pelo fato de conquistarem o poder e o Estado em seus países. Mas os regimes totalitários têm uma dinâmica de seguir conspirando por não atingirem as propostas e metas que idealizaram para si. As conspirações requerem mistério e segredo, assim, só podem ser realizadas às escondidas. **A conspiração tem a dinâmica do segredo que está atrelada aos seus objetivos de ação.** A conspiração dissimula seus objetivos a



fim de alcançá-los e estes objetivos são conhecidos apenas pelos integrantes do grupo ou partido (KOYRÉ,2019).

Dessa forma, a “conspiração às claras” não é uma exceção visto que é uma sociedade de segredos. Esse tipo de sociedade que se apresenta ao público, organiza, instrumentaliza, divulga e opera uma comunicação para as massas consegue guardar o “segredo” de forma legítima porque ela não o revela, a não ser aos seus integrantes - uma elite de iniciados do partido. Além disso, essa elite que conhece os objetivos reais da conspiração às claras é formada pela cúpula dos líderes e membros dirigentes do partido.

Essa liderança que representa o partido, no exercício de suas ações públicas, é obrigada a expor suas ideologias publicamente. Ela, ao realizar publicamente os seus discursos, declarações, doutrinação, promessas políticas, fé oficial, tratados, entre outros



elementos continua mantendo o segredo para si. **Mas, para os "outros", as massas e adversários, a regra aplicada é que tudo que é público representa uma linguagem simbólica e uma mentira (KOYRÉ,2019).**

A liderança e os membros do partido detendem, traduzem e captam a aparência que mascara a verdade. Mas os "outros", os adversários, os adeptos e os seguidores que aceitam as alegações públicas como verdade, devido a essa credulidade, são considerados frente aos membros do partido, como indignos de conhecerem a verdade secreta e, assim, participar da elite do partido.

Os líderes e os membros da elite têm um saber intuitivo e são capazes de traduzir os desejos e pensamentos do líder. Além disso, eles compreendem os objetivos secretos e reais do movimento. Por isso eles não são abalados com as contradições e incoerências

dos pronunciamentos públicos. Eles entendem que o objetivo delas é desapontar as massas, os "outros" e, assim, eles idolatram o líder por sua habilidade em manipular a prática da mentira. Quanto aos "outros", eles demonstram apenas que são crédulos, impenetráveis a dúvida, indiferentes às contradições e inaptos para pensar (KOYRÉ,2019).

Esse tipo de atitude espiritual inerente a liderança, a elite e aos membros do partido é uma atitude típica dos regimes totalitários e, principalmente, do regime de Hitler. Essa atitude resulta em uma ideologia do homem e uma antropologia totalitária. A **antropologia totalitária**, para se opor a antropologia democrática ou liberal, não cria uma inversão rebaixando a valorização dos princípios da razão, da inteligência e do pensamento em detrimento de ascender o homem com forças esotéricas obscuras e instinto sanguinário e bárbaro. Ela considera a precedência da ação sem menosprezar a razão. Mas, o que essa **antropologia totalitária condena e despreza são as conformações da inteligência intuitiva e do pensamento teórico.** Ela valoriza a





razão discursiva e o raciocínio matemático ao ponto de negar este conhecimento ao homem comum (KOYRÉ,2019).

A antropologia totalitária não conceitua o homem pelo pensamento, raciocínio ou juízo, uma vez que considera que a grande maioria dos homens é desprovida dele. Ela também não admite a existência de uma substância humana uma e comum a todos. Para ela, a diferença entre um homem e um “outro” está na sua natureza e não em uma diferença graduada. Para essa antropologia totalitária não existe um nexos necessário entre um homem, animal racional e o homem, animal falante uma vez que o animal falante é um animal que acredita e, assim, aquele que não raciocina. Ela diz que o pensamento de discernir entre o falso e o verdadeiro ou entre decisão e juízo é algo raro, é próprio da elite e pouco desenvolvida no mundo (KOYRÉ,2019).

A antropologia totalitária é voltada para a elite e não para a massa. Na

concepção da antropologia totalitária a massa é movida pelo instinto e pela paixão, pela emoção e mágoa. A massa é incapaz de pensar e desejar. A massa só consegue obedecer e acreditar. A massa acredita em tudo que é dito de forma repetitiva e, desde que suas emoções, raivas e receios sejam concedidos.

Dessa forma, torna-se ineficaz ficar dentro dos limites da veracidade. Isso porque quanto mais a mentira for massiva, rude e crua mais se acredita na mentira e por ela se é guiado. Não adianta evitar a contradição porque a massa não perceberá. Tão pouco não adianta emparelhar o que se fala a uns e a outros porque cada um só acredita no que é falado para ele e não o que os outros dizem. Não é necessário focar na coerência porque a massa não tem memória. Não é pertinente esconder a verdade da massa, porque ela é extremamente inepta para entender e, por isso mesmo, é desnecessário esconder que a massa está sendo ludibriada. Isso porque ela nunca compreenderá que é ela

que está em jogo, e que é ela que está submetida a esse jogo. (KOYRÉ,2019).

**A base da propaganda dos líderes da “conspiração às claras” está na ideologia dessa antropologia totalitária.** O êxito dessa ideologia demonstra o desdém absoluto da liderança dos regimes totalitários pelo conhecimento da massa, dos seus adversários, de seus seguidores e, assim, por todos que acreditam neles e os seguem.

A doutrina antropológica e sua eficácia na metodologia do ensino e da educação foram fundados sobre essa antropologia totalitária sendo válida para seus países e povos. Ela não se aplicaria aos países democráticos que permaneceram incrédulos a propaganda totalitária, mesmo existindo conspirações locais, sustentam alguns grupos (KOYRÉ,2019).

### **Referência**

KOYRÉ, A. Reflexões sobre a mentira. Ipseitas, São Carlos, Vol. 5, n. 1, p. 119-132, jan-jun, 2019.

# O Ensino Remoto Emergencial e seus desafios: Um estudo de caso a partir das aulas de Sociologia do Colégio Pedro II

Matheus Rodrigues Paes Cavalcanti<sup>1</sup>

Juliana Dias Lima<sup>1</sup>

Arthur Queiroz Serra de Castro<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

## Introdução

Desde março de 2020, com a suspensão das aulas presenciais em todo o país devido a pandemia da Covid-19, milhares de professores da educação básica encontram-se em uma rotina exaustiva e incerta no que diz respeito ao ensino remoto, síncrono ou, ainda, híbrido. Até o presente momento houve uma flexibilização no que diz respeito a volta às aulas nas escolas municipais, estaduais e particulares de todo o país, no entanto, não de forma igualitária.

Focaremos, portanto, na investigação de dados sobre instituições públicas, considerando que o Colégio Pedro II faz parte dessa rede.

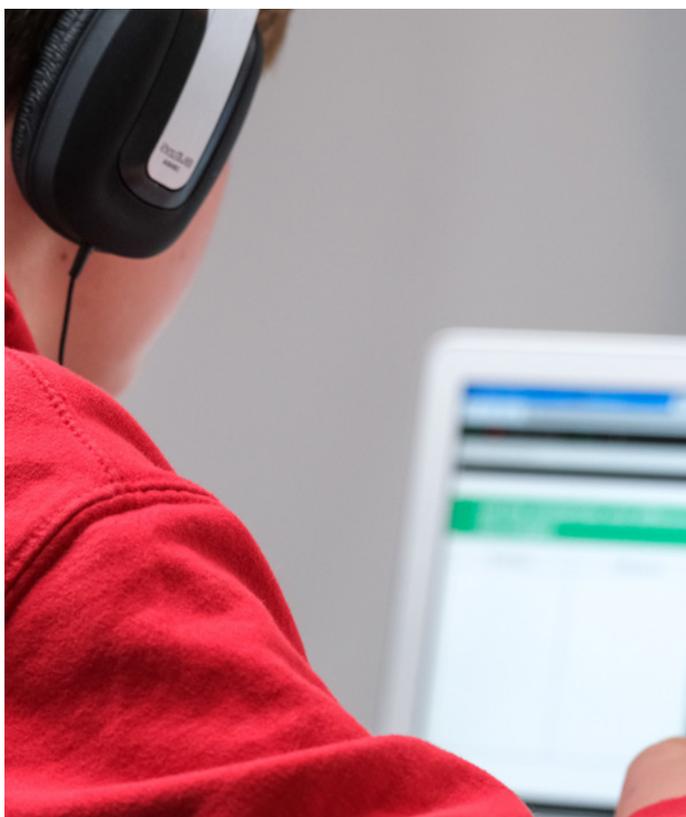
Desde 1990 o Brasil recorre, por diversos caminhos, e com maior ou menor intensidade ao

longo desse período, a políticas públicas que propõem a expansão do ensino público para populações que não têm acesso à escola ou que não puderam completar seus estudos, consequências estruturais da desigual história socioeconômica do país.



Nessa direção, Assunção e Oliveira ressaltam que “os princípios que orientam essas iniciativas são de promoção da equidade social, buscando a redução das desigualdades sociais” (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p.350).

Objetivando manter o compromisso de alcançar toda população estudantil, gerando acesso e continuidade das atividades escolares, durante o período de pandemia foi proposto o **Ensino Remoto Emergencial (ERE)**, novidade entre toda a comunidade escolar. Fato é que a falta de planejamento, estrutura e instrução inseriu os docentes em uma condição de hiper-



**solicitação de tarefas e intensificou a desigualdade entre os estudantes.** Ainda de acordo com Assunção e Oliveira, uma hipersolicitação em regime de urgência leva docentes a ultrapassarem ou a deixarem de reconhecer os seus próprios limites, expondo-se a riscos de adoecimento (2009, p. 363).

Durante o período pandêmico a relação do professor com seu trabalho docente foi afetada de modo que a **educação pública e a função pedagógica sofreu prejuízos qualitativos na inter-relação professor-aluno.**

Consideramos também, que, devido ao aumento das demandas do trabalho docente, a flexibilização da carga horária de trabalho ampliou, tal como a preocupação dos professores com seus alunos em re-

lação às debilidades com processos de ensino-aprendizagem via ERE.

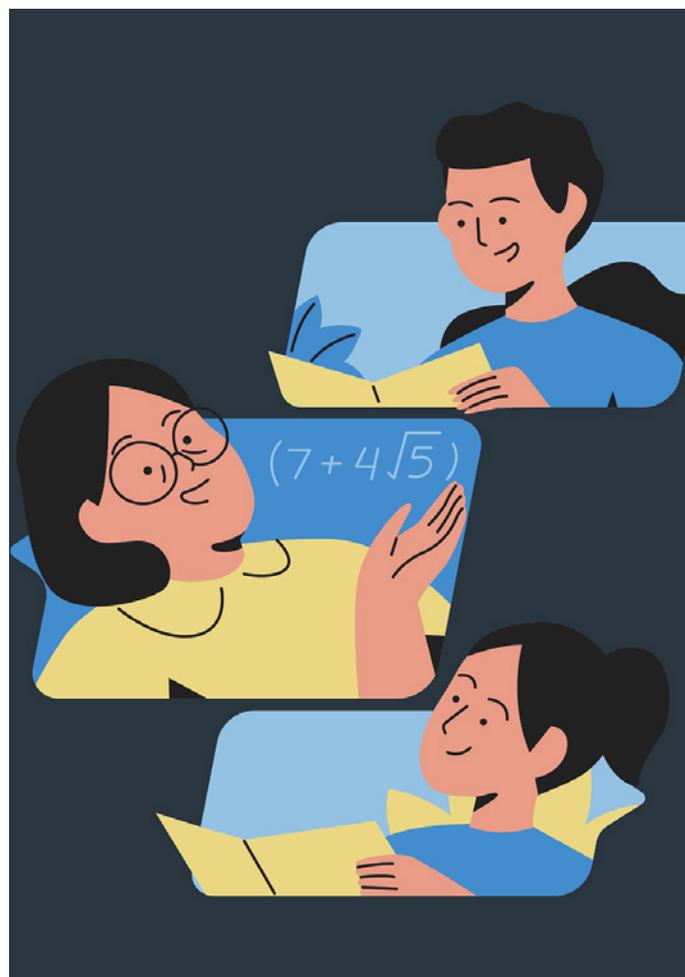
Atividades impedidas ou inviáveis devido ao sistema remoto tornaram-se comuns. Além da falta de assistência pedagógica, a carência já presente nas famílias por falta de instrumentos tecnológicos como celulares, internet ou notebooks, a omissão do Governo Federal na formulação de programas para o fornecimento de hardwares, softwares e Internet banda larga acentuou o déficit ao acesso à educação remota, desde o ensino fundamental ao ensino médio.

Em termos gerais **houve uma discrepância no acesso ao ensino remoto e de qualidade entre as instituições de ensino públicas e privadas.**



Nesse sentido, o contexto potencializou o uso das TDI-Cs (Tecnologias digitais e de informação e comunicação), de modo a mitigar os danos na educação em tempo de crise. Frente a esse contexto, o setor privado (das TDICs) saiu beneficiado através do acúmulo de capital e de dados nas mãos de grandes multinacionais, acentuando a desigualdade social já existente no Brasil e, também, na dependência tecnológica entre norte e sul global.

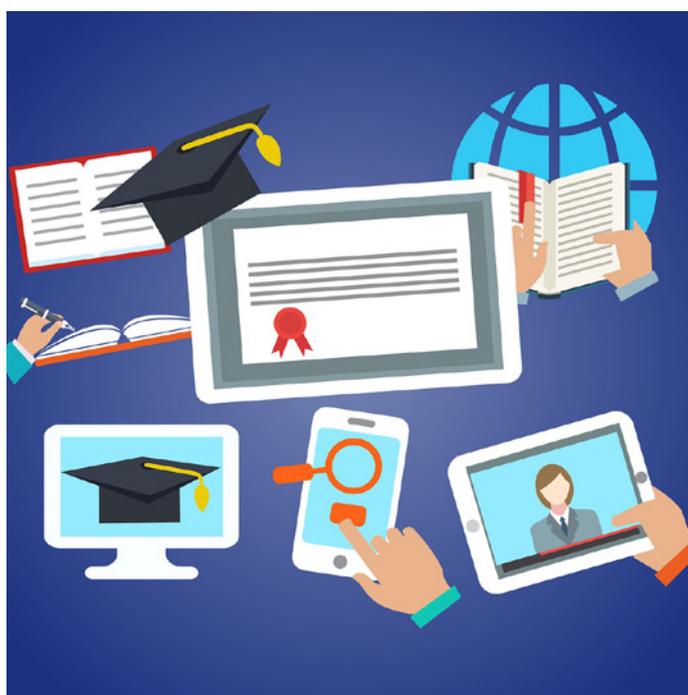
Vale ressaltar, ainda, que desde a década de 90 projetos vêm sendo articulados para que o Ensino a Distância (EaD) - modalidade diferente do ERE - torne-se realidade em todos os níveis de ensino no Estado brasileiro (MALANCHEN, 2020). O Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (2019) aponta que de 2003 a 2015 as matrículas



na EaD em licenciatura passaram de 36.985 para 86.802 nas IES públicas e de 14.498 para 476.132 nas privadas.

Esse crescimento exponencial das matrículas na iniciativa pública e privada no ensino superior traz consigo a **lucratividade no mercado educacional que essa modalidade representa.**

De acordo com o crescimento desse setor nos últimos anos e sua aplicabilidade nos ambientes virtuais de aprendizagem na atual conjuntura de emergência, o modelo remoto-virtual utilizado para amparar o corpo escolar no período emergencial de pandemia prefigura uma continuidade para a educação básica, desconsiderando a insuficiência tecnológica do país.





## **Metodologia: Da revisão bibliográfica ao estudo de caso no Colégio Pedro II/Campus Humaitá**

Como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES e vinculado à UERJ, edital 2020-2022, procuramos fazer uma reflexão acerca do desafio do ensino de Sociologia em formato virtual no Colégio Pedro II, tendo como público observado os estudantes do ensino médio. Dito isto, a proposta é verificar a interlocução entre professores e alunos e o exercício da mediação do conteúdo e conceitos científicos no ambiente virtual de aprendizagem em período emergencial. É importante salientar que se trata de um estudo de caso no qual empreendemos a observação participante. No entanto, como o estudo desenrola-se no contexto da pandemia

de Covid-19, inevitavelmente nos vimos implicados como parte do objeto de análise a ser estudado e não apenas pesquisadores com um objeto de estudo exterior delimitado. Portanto, é uma análise de caráter explicativo e exploratório. A bibliografia e fontes examinadas se deram no decorrer do programa conforme textos

propostos pelo orientador com o intuito de situar-nos, em termos teórico e pedagógico, sobre práticas pedagógicas exercidas em sala de aula e pesquisas individuais de acordo com o propósito do programa.

Vale ressaltar que os textos possuem base teórica e não abrangem especificamente o ensino remoto, havendo a necessidade de uma pesquisa à parte. Utilizaremos, portanto, da análise destes para a reflexão da prática do-



cente virtual.

### Fundamentação Teórica: A falsa premissa da democratização do ensino via EaD

Baseando-se no avanço do neoliberalismo, a partir de 1990, podemos afirmar que **grandes conglomerados burgueses como o Banco Mundial viram na área educacional**

**um importante campo estratégico para lucratividade e intervenção.** Desde então o ensino à distância esteve em pauta e a defesa para essa modalidade de ensino era a falácia que o ensino

presencial estava **“desatualizado”**, ou seja, **seria necessário atualizar os currículos para novas linguagens e tecnologias.** Essas linguagens e tecnologias referem-se ao uso de computadores em contraponto argumentativo que, apenas as salas de aula tradicionais estariam se tornando obsoletas. Outro argumento daqueles que defendem o EaD consiste na **democratização do ensino, possibilitando o acesso à educação de pessoas que encontram dificuldades ao se deslocarem diariamente do**

**seu local de moradia ao centro urbano onde está localizada a escola.**

Em contrapartida, os dados coletados pelo Conselho Nacional da Juventude, Conjuve (2021) para o Agência Senado, que entrevistou cerca de 68 mil jovens de 15 a 29 anos, média de idade dos estudantes das turmas que acompanhamos no Colégio

Pedro II, demonstram que:

[...] o número de jovens que já pensou em desistir de estudar durante



a pandemia cresceu de 28%, em 2020, para 43% em 2021. De fato, 6% deixaram os estudos neste ano. Entre os motivos, a dificuldade financeira alcança 21%, e a dificuldade de se organizar com o ensino remoto, 14%. Em um ano, o percentual de jovens que estão sem estudar cresceu de 26% para 36%. Observa-se que cerca de 56% dos estudantes que não estão estudando trancaram a matrícula depois de março de 2020 (ARAÚJO, 2021).

Logo, de acordo com nos-

sa experiência observando e contribuindo para as aulas virtuais de Sociologia do Colégio Pedro II/Campus Humaitá, podemos afirmar que **pensar a educação do futuro baseando-se no ensino remoto não é a melhor opção**. Além de excludente, de acordo com os dados apresentados acima, não se mostrou possível a viabilidade do ensino mediado por telas obter resultados qualitativamente positivos no que diz respeito à absorção de conteúdos e conceitos científicos. Essa afirmativa se dá devido ao **tempo de aula reduzido ao longo do período emergencial**.

No que diz respeito ao Colégio Pedro II, a disciplina que originalmente possui dois tempos de aula por semana, com 50 minutos cada, teve a

carga horária reduzida a 40 minutos quinzenalmente. Por sua vez, as semanas sem aulas síncronas foram substituídas por atividades assíncronas, em geral leituras adicionadas na plataforma Moodle por um professor distinto ao que lecionava a aula remota.

Juntando-se a isso, a maior parte dos estudantes da turma não abriam a câmera ou o microfone, dificultando a interação e a recepção de uma espécie de feedback para o professor. Sendo assim, **as aulas se tornaram demasiadamente expositivas deixando os alunos na posição de meros receptores de conteúdos prontos, sem oportunidade de sistematizá-los adequadamente**.

Com base na pedagogia histórico-crítica, focamos nos-





sa observação na mediação de conhecimento entre alunos e professores e as formas de como o êxito da catarse foram impedidas e como ela não se adequa, seja pela mediação tecnológica, seja pelo contexto pandêmico.

**Vygotsky (1997) afirma que, as palavras, os signos, demandam ensino, trabalho.** Para tanto, é necessário a presença do professor acompanhando cada aluno para que esse possa atingir suas funções psíquicas superiores.

No que diz respeito ao ensino-aprendizagem no contexto remoto emergencial, no ambiente online esse tipo de presença, cuidado e dedicação na transmissão de conteúdos para que os alunos atinjam a catarse aparenta ser inexequível, a medida que os estudantes no ambiente virtual não abrem suas câmeras, ou mesmo habilitam o áudio,

dificultando o contato professor-aluno.

Os motivos por trás dos alunos preferirem não habilitar a câmera ou áudio são diversos, mas podemos dizer que o professor não tem como antever aos detalhes e comportamentos dos alunos virtualmente, de modo a perceber se o aluno está compreendendo determinado assunto ou não. Para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, é necessário alto grau de instrução do professor e da instituição escolar de modo que o estudante, intencionalmente, procure atingir qualitativamente este grau.

Lígia Márcia Martins (2013) tratou de abordar os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico crítica a partir da psicologia histórico cultural desenvolvida por Vygotsky (1997).

Esta análise se baseia no ponto central de que **os conteúdos e a forma como as atividades escolares são feitas afetam o funcionamento psíquico dos alunos.**

Martins, assentada no pensamento vigotskiano, destaca que os signos são **“ideias e representações abstratas que refratam, na palavra, a realidade para além de sua captação sensorial empírica, conferindo-lhe signifi-** **cação”** (MARTINS, 2013, p.133).

Isso quer dizer que a vida social escolar ante a **“vida escolar virtualizada”** precisam de procedimentos pedagógicos distintos para que a ação educativa aconteça.

## Conclusão

Os ambientes virtuais de aprendizagem utilizados no Ensino Remoto Emergencial (ERE) não dispõem de ferramentas técnicas ou, ainda, estéticas, de modo que o uso de plataformas digitais possa expandir exponencialmente a qualidade de ensino.

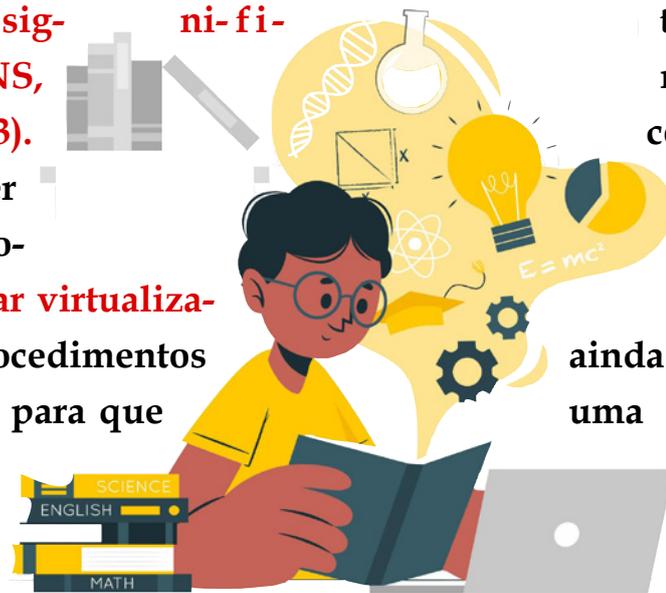
A falta de elementos característicos de uma sala de aula presencial, a exemplo do quadro branco, fez com que alguns professores utilizassem PowerPoint para a mediação didática de modo a suavizar a ruptura estrutural na transferência entre signos a despeito de tornar a aula um pouco mais

imersiva. No entanto, de acordo com Saviani, o objeto/objetivo da educação **“diz respeito à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos para que se tornem mais humanos e a descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo”** (SAVIANI, 2003, p.13).

Partindo dessa premissa é possível notar que a estrutura material da escola, como carteiras, sala de aula, disposição de janelas, entre outros, ainda fazem parte de uma estratégia de eficácia para as inter-relações entre professores e alunos no ensino-aprendizagem, do mesmo modo as didáticas e técnicas de ensino.

A falta de instrução pedagógica, o tempo e as plataformas digitais disponibilizadas aos docentes afetou a qualidade na mediação dos conteúdos, resultando em carga horária de trabalho ampliada, atividades pedagógicas impedidas e dificuldade de compreensão do conteúdo por parte dos discentes.

Isso colaborou para um grande quadro de evasão escolar que, ainda, se relaciona com a mudança nas condi-





ções materiais, no que se refere à estrutura de recursos tecnológicos e ao seu relacionamento com esses materiais, e até mesmo a falta desses recursos por condições financeiras. O reflexo de uma escola **“transportada”** para um ambiente virtual precisou de instrução para os professores e os pibidianos do Colégio Pedro II. Mesmo assim podemos dizer que o resultado pedagógico não foi satisfatório. Conforme observado, a redução do tempo e frequência de aulas resultou em um **“esvaziamento teórico”** e, conseqüentemente, em um ensino suscetível a concepções teóricas escassas favorecendo abstrações científicas a abstrações de senso comum.

A falta de tempo durante as aulas ocasionou a ausência de aprofundamento em questionamentos levantados pelos alunos, reafirmando o caráter do professor como detentor de conteúdo,

os alunos, por sua vez, mal tinham tempo para falar. Além do mais, não houve a disponibilização dos livros didáticos no período pandêmico, ferramenta muitas vezes utilizada para a mediação da aula. Foram utilizados, portanto, materiais providenciados por um docente distinto ao mediador da aula síncrona, o que gerou uma falta de organização e dificuldade por parte do docente e dos pibidianos.

A relação entre docentes, pibidianos e estudantes foi mínima, se considerarmos não nos conhecermos pessoalmente, inviabilizando a criação de um conteúdo de forma a abranger todos ou, pelo menos, maior parte da turma de forma eficaz.

Por fim, não houve apenas prejuízo no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, mas também na

execução de atividades programadas para ocorrerem no programa.

Portanto, o ambiente escolar presencial é imprescindível para o desenvolvimento psíquico dos discentes do ensino básico, além de ser essencial para a colaboração na prática dos graduandos e futuros docentes participantes do PIBID. Cabe a toda comunidade escolar se aprofundar no papel da tecnologia como ferramenta para o avanço educacional, mas não como substituto do espaço escolar, que se caracteriza um local de sociabilização contribuindo para o desenvolvimento de crianças e jovens. Não obstante, tendo em vista os danos que a pandemia causou, em especial na educação, cabe a nós repensar e requalificar estratégias pedagógicas na escola pós-pandemia.

## REFERÊNCIAS

ANDES. MEC autoriza 40% de EaD na graduação. 2019. Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/mEC-autoriza-40-de-eaD-na-graduacao1>>. Acesso em: 25 set. 2021.

ARAÚJO, Ana Lúcia. Pandemia acentua deficit educacional e exige ações do poder público. Publicado em 16/7/2021. Agência Senado. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-po-](https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-po)

der-publico>. Acesso em: 25 set. 2021. ASSUNÇÃO, Ada Ávila.; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. Educação & Sociedade. Campinas, v. 30, n. 107, mai./ago. 2009, p. 349-372.

MALANCHEN, Julia. Oportunismo do capital e a precarização da educação pública via ead: análise a partir da pedagogia histórico-crítica. Revista Pedagogia Cotidiano Ressignificado. Maranhão, v. 1, n. 4, 2020, p. 15-34.

MARTINS, Lígia Márcia. Fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e fundamentos pedagógicos da psicologia histórico cultural. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 5, n. 2, p. 130-143, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Davisson Cangussu de. O ensino de sociologia e a pedagogia histórico-crítica: uma análise dos fundamentos teórico-metodológicos das propostas atuais. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, v. 13, n. 51, 2013, p. 122-138.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. Obras escogidas. Tomo I. Madrid: Visor, 1997.

## Seção Temática III

# DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, PESQUISA E INOVAÇÃO



# Curie, Curie, Curie, Curie!

Thaís de Castro Cunha Parméra<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente - Movimento Conservacionista

Teresopolitano (GPMI/MCT)

## Marie Curie.

Já ouviram falar nesse nome?!

Basicamente ela foi a **primeira Mulher a conquistar o Prêmio Nobel**. Não satisfeita, ela foi o **primeiro ser humano** a ganhar o prêmio duas vezes, é a **ÚNICA mulher** a ganhar mais de um Nobel e ainda é a **ÚNICA pessoa** a ganhar em duas áreas do conhecimento diferentes. Também foi a **PRIMEIRA MULHER** a lecionar na Universidade de Paris.

Em **1903** ela conquistou o **Nobel de Física** pelas descobertas relacionadas a **radioatividade**.

Ela dividiu esse prêmio com seu marido, Pierre, e outro cientista importante desse ramo científico chamado Becquerel.

Em **1911** ela ganhou o **Nobel de Química** sozinha pela descoberta dos elementos **Radio e Polônio**.

E **NÃO**. Quando eu mencionei Radio não falei do aparelho eletrônico que as pessoas usam/usavam para ouvir



música e notícias. E Polônio **NÃO** é a palavra "Polonês" escrita erradamente! Rádio e Polônio são dois elementos químicos que estão na tabela periódica!

Fora isso, se tornou a **primeira mulher a ser chefe do Laboratório de Física de Sorbonne** e depois ainda foi **diretora do Instituto do Radium** na Universidade de Paris.

Mas isso era muito pouco para ela! Não satisfeita, **foi a primeira mulher a ser sepultada no Panteão de Paris** onde estão 70 dos grandes nomes da História Francesa. Para completar,

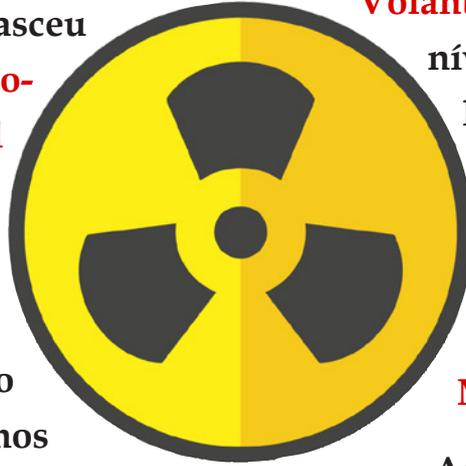
ela ainda deu origem a duas filhas que marcaram a História recente da Humanidade.

Essa Nerd cientista, polonesa nascida em Varsóvia, magrinha, loira e com cabelos rebeldes, nasceu em 1867 em um mundo totalmente machista e difícil de se viver.

Vamos lembrar que quando ela nasceu a Polônia ainda fazia parte do Império Russo. Devemos lembrar que a Polônia sempre foi conquistada, tomada, incorporada por diversas potências e sempre foi um fator chave para a geopolítica da Europa. Parafraseando Tolstói, o grande escri-

tor russo: **“Que diferença faz se a Polônia muda de dono?”**. Uma mulher cientista no século XIX na Polônia não era bem-vista. Ela estudou clandestinamente por anos em uma **“Universidade Volante”** que dava instrução de nível universitário para mulheres. Depois de muito tempo, em 1891 ela juntou suas coisas e partiu para a magnífica Paris e se graduou em **Física e Matemática** em Sorbonne.

As coisas não foram fáceis para ela na academia. Mesmo em Paris onde havia uma aparente maior liberdade dos costumes e uma efervescência científica importante. Mas ela foi





impondo a sua presença e apesar de todas as dificuldades (inclusive financeiras, típicas da vida da maioria de todos os cientistas) foi fazendo o seu trabalho com excelência e foi chutando as canelas do patriarcado.

Em **1894** ela conheceu Pierre Curie que se tornou o seu futuro marido, parceiro de pesquisa e co-ganhador do primeiro prêmio Nobel dela! E isso é uma verdadeira lição para a vida dos cientistas: **O verdadeiro amor, aquele com quem você pode compartilhar o seu lindo Prêmio Nobel, pode estar na bancada ao lado!**

E lá foi ela! Junto com Becquerel e Pierre, trouxe contribuições inimagináveis para o avanço da Ciência, sobretudo da radiação. Ela e o seu marido ainda cunharam os termos **radioativo** e **radioatividade!**

E mais tarde, ela **SOZINHA** conseguiu isolar os elementos Rádio e o Polônio. Este último elemento recebeu esse nome em homenagem ao pedaço de terra onde ela nasceu.

Não satisfeita, durante a Primeira Guerra Mundial ela e sua filha **Irene** participaram do esforço de guerra e **criaram a primeira unidade móvel de radiografia da França**. Elas iam diretamente para o campo de batalha para ajudar a socorrer soldados.

Infelizmente ela desenvolveu leucemia pela intensa exposição a radioatividade ao realizar as suas pesquisas. Vamos lembrar que era tudo muito novo e nessa época as pessoas não sabiam os riscos, os danos e as formas de se proteger dos efeitos nocivos da radioatividade. Já o seu marido morreu precocemente ao ser atropela-

do por uma carruagem. E ela ficou sozinha criando duas meninas na virada do século.

Apesar de todas as dificuldades de uma mãe solo trabalhadora e acadêmica, ela criou mulheres incríveis que marcaram a História!

**Irene Joliot-Curie** recebeu o prêmio **Nobel de Química** conjuntamente com o seu marido, Frédéric Joliot, em **1935** ao trabalhar com Física Quântica e Nuclear. Eles estavam envolvidos no estudo da identificação de partículas atômicas e da **radioatividade artificial**.

**Ève Denise Curie Labouisse** foi uma **escritora, musicista, jornalista, crítica musical e humanista** que rodou meio mundo fazendo arte, escrevendo em jornais de grande magnitude e defendendo a liberdade! Ela inclusive foi **correspondente de guerra** durante a Segunda Guerra Mundial.

Ela não ganhou o Nobel, mas ela esteve envolvida com a **defesa pela liberdade** em um dos momentos mais sombrios da história do ocidente no século XX.





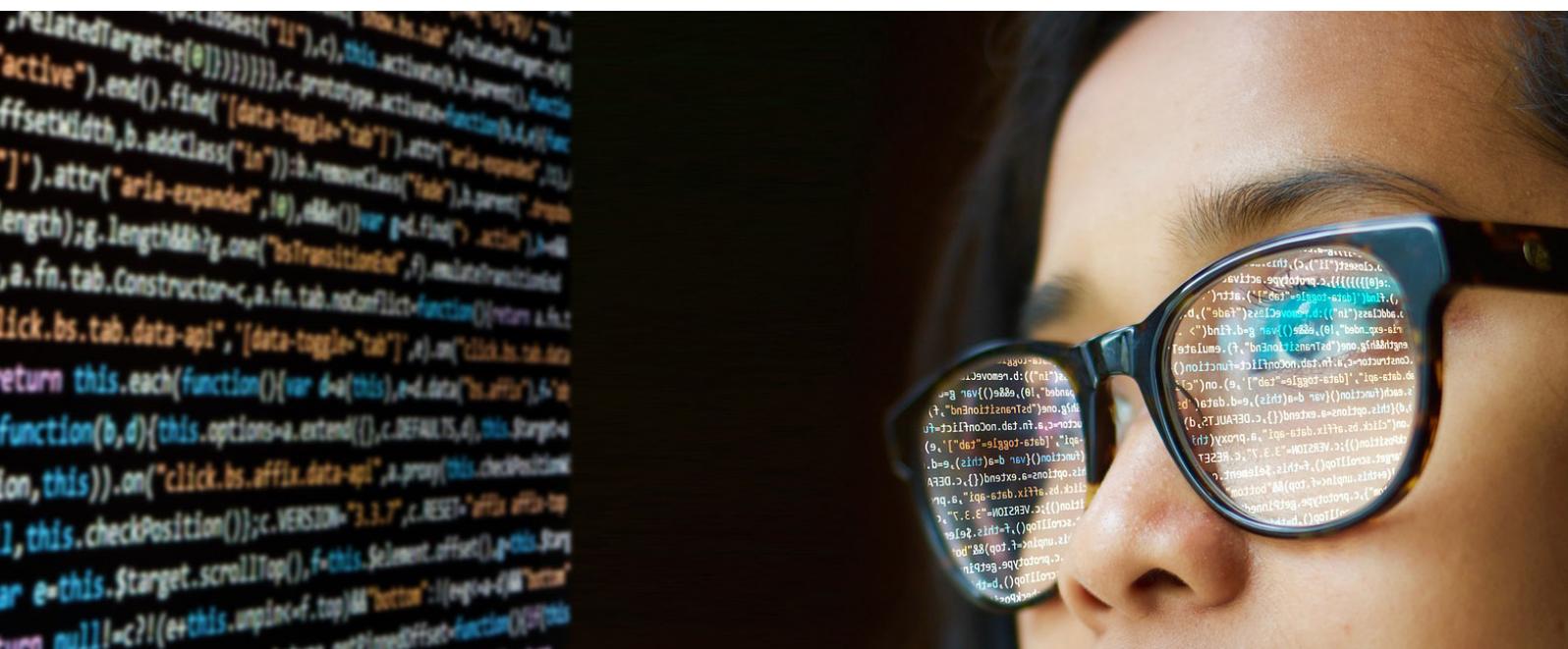
Ela se casou com Henry Labouisse que foi um grande diplomata que chegou a dirigir o UNICEF. E é claro... Ele ganhou o **Nobel da Paz** em **1965**. E Ève estava lá com ele!

É possível até dizer que todos os Curies casaram com os seus pares-perfeitos porque tinham **QUÍMICA!**

Agora imagine você ser uma criança Curie. Aposto que eles não chegavam em casa dizendo que ganharam uma estrelinha dourada na escola. Eles já chegavam ostentando um Nobel.

Os Curie foram tão importantes que o **elemento 96** da tabela periódica é chamado Curie e foi assim denominado por causa do casal Curie original.

Marie e suas filhas são o lindo exemplo de que **as meninas e mulheres são capazes de conquistar o que elas bem quiserem e podem sim serem cientistas e impactarem a história da humanidade!**



Seção Temática IV

LITERATURA E  
ENTRETENIMENTO

# O (não) sentido da Arte soberana

Thaís Parméra

Nesse texto gostaria de compartilhar algumas ideias sobre arte que sempre acabam esbarrando em mim e que acabam aflorando em algumas conversas que me atravessam durante a vida.

Muita gente procura achar sentido na Arte. E muita gente não acha, não se identifica e não se comove com o que lhe é apresentado. E eu preciso dizer: **Está tudo bem.**

Às vezes você só não achou o tipo de arte que mexe com você. E se esse for o caso, não se preocupe.

**A Arte é muito plural.** Ela é tão variada quanto o pensamento humano.

Ela pode surgir de qualquer lado e pode assumir inúmeras roupagens. Algumas que a gente nem ainda conheceu porque elas nem foram inventadas!

Então, respire e esteja aberto a novas possibilidades.

Outra questão: **Nem sempre a Arte precisa ter significado para outra pessoa além do próprio artista.**

Pode ser uma manifestação só dele. Uma expressão de seu pensamento, do seu sentimento, ideia ou conceito.



**A Arte também não precisa necessariamente induzir nada ou fazer algum sentido.** Ela

pode ter uma função meramente estética ou de entretenimento. E isso não a esvazia. É só mais uma abordagem que ela pode assumir. E tá tudo bem.

Me entendeu? Tá tudo bem.

Você não é menos culto ou mais culto do que ninguém.

E você também não é um alienígena. (E se for também, tá ótimo! Adoro alienígenas).

E sabe por que está tudo bem?

Porque a **Arte é livre!**

Apesar de muita gente tentar rotulá-la e escravizá-la a conceitos caducos. Mas aí, você terá de perdoar o gênero humano.

**O Homo sapiens é sabidamente um neurótico compulsivo em termos de classificar, catalogar, procurar padrões de uma forma rigorosa e aplicar métodos, fazer análises, produzir artigos, livros, teoremas, tratados sobre TODOS os assuntos.**



Mas apesar de toda essa verborragia, isso não quer dizer que ele esteja certo. Essa profusão de materiais só é uma forma dos seres humanos lidarem com o mundo. São uns controladores, esses humanos.

E ainda há outra coisa que merece ser posta na mesa:

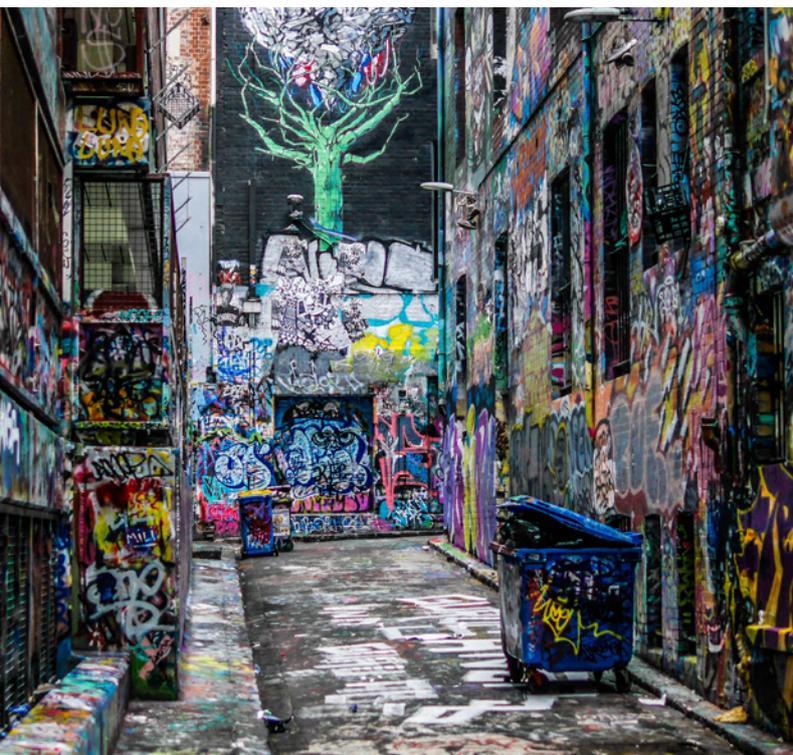
**A gente sempre procura a Arte em lugares comuns.** Museus, telas, partituras, palcos.

Mas eu já disse: A arte é plural. Ela também pode ser pragmática e estar em todos os lugares, nas pequenas e grandes coisas. Para enxergá-la precisamos desenvolver um **“Olhar para a Arte”**.

Qual a diferença entre a Arte de um Matisse para o design de uma caneta, a arquitetura de um prédio, a skin de um avatar de vídeo game ou o padrão de estampa de azulejos hidráulicos portugueses daqueles que estão em prédios públicos super antigos?

A gente pode tentar valorar a Arte, mas a verdade é que isso é muito complicado. **Porque ela varia, ela é libertária, ela é múltipla e ela é incontrolável.**

Boa parte da falta das pessoas conseguirem enxergar a Arte é a falta de um treino desse “olhar para a Arte”. Não somos educados para a Arte. E não estou falando de pintura a dedo, origami, co-





lagem e letra bastão. Boa parte disso não é Arte. É terapia ocupacional. Estudar a Arte mesmo, é uma raridade no Brasil. E isso é de uma crueldade muito grande.

Estudar Arte nesse país junto da educação básica, acaba sendo um bônus, uma raridade, um privilégio quando ela **deveria ser um direito. IRREVOGÁVEL.** E não é à toa que em termos de políticas públicas, os incentivos as Artes e a Cultura são os primeiros a serem cortados.

Imagine quantas vidas e almas (no sentido de vida interior mesmo) poderiam ser impactadas, transformadas e libertadas?

Socialmente, isso poderia representar um perigo real, não é?

Mas para suplanttar isso tudo eu digo: **Observe.**

**Observe tudo o que você vê e busque a Arte em lugares inusitados, em aspectos nunca percebidos.** Treine o olhar e quem sabe você possa descobrir coisas interessantes e ter uma nova perspectiva sobre o que é ser Arte, o seu valor, a sua dinâmica, a sua verdade, o seu significado e, quem sabe, até o seu sentido.

Não esqueça, Arte não se confina a conceitos, nem a linhas acadêmicas ou críticas respeitadas.

**A Arte é soberana.**

E quem decide sobre ela é ela mesma. Sendo eterna ou fugaz. Sendo clássica ou subversiva. Sendo única ou enlatada.



# Rainha

Eduardo Nogueira

Ela sempre era vista pela Saens Peña. Não exatamente vista, na verdade. Repulsiva aos que passavam, com sua cabeça raspada, pernas e braços esquilados, rosto cavado e olhos quase perdidos na magreza faminta, o máximo que recebia era uma quase olhar, próximo ao que lançamos a algo podre. Não queriam vê-la.

Com sua presença algo fantasmagórica, deitava-se por vezes no meio das calçadas circundantes à praça. Tal como pedra ou troço jogado na rua, nada mais era do que uma coisa com forma que lembrava a humana. Ironicamente acomodava-se ao chão numa posição lânguida e relaxada. Eis aí o que mais incomodava os bons cidadãos.

Posicionada como se estivesse em um confortável e aveludado divã, exibia-se a si mesma, única plateia a que tinha direito. Subitamente gritava, sem nenhum motivo aparente. Seu público involuntário era então convidado a admirar a ironia daquele ser naquela circunstância: uma mendiga vestida em trapos, com suas poucas carnes quase

completamente à mostra, gritando tal qual rainha de copas em fúria.

Nossa majestade recebia de seus apiedados súditos (em sua maioria brancas conduzidas pela condolência inútil da caridade) trajes até condizentes com sua alta posição: óculos escuros fora da moda corrente, vestidos de mau gosto e causa de arrependimentos às doadoras, sapatos ventilados por rombos adequados ao status da presenteada. Um desfile

de refugos têxteis apropriados àquela que tinha como trono o divã de cimento da esquina entre as Rua General Roca e Desembargador Izidro.

Ainda que fantasma para transeuntes, ela possuía cortesãos nos arredores. Vigias, comerciantes e policiais a conheciam, justamente, como a rainha.

Caso precisasse de palácio, banquete e tropa, poderia contar com eles.

Em dias de chuva muito forte, procurava um estacionamento perto para se proteger sob um dos telhados de ferro que protegiam carros. Caso estivesse com fome e seus serviçais não a tivessem alimentado, recorria aos restos da padaria ao lado do estacionamento.





Caso fosse alvo de seus inimigos, se aproximava de uma viatura presente na praça.

Havia noites em que alguma angústia latente despertava nossa soberana. Não gritava ao léu como fazia em meio aos carros e pedestres aleatoriamente. Simplesmente choramingava e se dirigia à rua Guapeni. Lá, admirava as vitrines de lojas de vestidos de noiva em meio a suspiros, lágrimas salgadas e resmungos. Com olhar fixo em um vestido exagerado e bufante, agarrava a curta barra de ferro sobre o muro de pedra que separava a rua da loja encantada, roçando um dos dedos na superfície áspera transmutada em cetim macio.

Tais momentos de devaneio acometiam a rainha sem razão explícita. Ecos de sonhos apodrecidos de uma juventude distante, talvez. Os poucos que

a testemunharam se compadeciam, ainda que sem se aproximarem, permanecendo como espectadores de uma apresentação tristonha e clichê. A ela tudo era alheio nestes instantes que acabavam chegando ao fim quando vossa majestade dormia cansada em frente às vitrines.

Calor insuportável seguiu a uma destas noites. A rainha encontrava-se particularmente enraivecida, gesticulando nervosa com os braços e pernas ao perambular ao redor da praça. Pelas ruas que desembocavam na Conde de Bonfim ela caminhou com o ossudo torso nu em meio aos carros, gritando a cada buzina que lhe dirigiam.

Exausta no meio da tarde, parou próxima aos motoboys da praça Gustavo Capanema, olhando para o podre rio que por ali passa. Pedras amontoadas faziam as vezes de margem, tais como os trapos



faziam o papel de vestes para a soberana. O curso fétido e escuro das águas eram como seus pensamentos, para os quais ninguém olharia nem admiraria.

Mas um rato comeu a amêndoa caída em uma das pedras. Saído de

um dos buracos horrorosos que desembocavam ali, o animal sujo encontrou a fruta e começou a comê-la, apressado.

Fruta que imprimiu cor amarelada com rasgos de violeta sobre a imunidade. Rato que quebrou a languidez doentia dorioedarainha.

Olhando ao redor, ela procurou não um fruto caído das sempre presentes amendoeiras aqui no Rio, mas uma pedra. Na verdade um paralelepípedo, e sobre ele deitou sua cabeça, estican-

do o corpo no chão em meio aos restos da feira que ali ocorreu mais cedo, adormecendo. Dormiu de maneira profunda, ainda que agitada pelo sonho que a acompanhou por toda a noite.

Nele, o rato com a amêndoa traja-

java o vestido que ela tanto amava. Subindo pelas paredes rochosas do canal que limita o rio, o animal passeava pela praça que este atravessava, guinchando pela noite afora.

Em certo momento levanta-se sobre suas patas traseiras, ganhando o tamanho de uma pessoa e se aproximando com olhos

brilhantes de nossa rainha. Mostrando os dentes, abriu lento a boca ampla até esgarçá-la, soltando um berro.



Berrando na noite quente, vossa majestade espantou um roedor que comia parte de suas vestes. Sacudindo-se para espantar qualquer outro animal levantou irada. No ímpeto catou a rocha que lhe serviu de travesseiro e dirigiu-se às vitrines. Lá, procurou nervosa o seu vestido, seu favorito. Lá não estava.

Arfando lembrou do rato maldito. Ele, na sua insolência, roubou-lhe o sonho, o traje da linda noiva que ela seria. Sentiu ódio tremendo e olhando para o resto da vitrine viu algo que lhe pareceu à sua altura. Outro vestido, que lhe pareceu bem, mas era outro. E por isso, motivo de fúria tamanha que nem grito soltou, mas agiu.

Trepando o baixo muro e avançando sobre as grades desembestadamente e acompanhada de sua pedra, a

rainha transpôs o limite onírico. Entrou pelo pequeno pátio que antecedia a vitrine. Tocou o vidro desta em sofreguidão tanto pela frustração de não ver ali seu favorito mas por estar tão próxima de onde ele sempre esteve.

Olhando para este outro vestido que encontrava-se diante de seus olhos, sua majestade agarrou com mais força a pedra em sua mão, afastou-se um pouco e atirou a pedra no vidro. Partida em minúsculos brilhos acompanhados de som alto do alarme, a destruída vitrine se abriu à nossa rainha.

Entrando pelo sonho, ela catou as roupas e rápida as vestiu de maneira trôpega e torta. As sirenes e o vidro quebrado a atordoavam, bem como o êxtase de estar vestida de noiva. Sangue nos pés por conta dos cacos pontilhavam a indumentária, bem como se



juntavam do outro lado da rua seus súditos, horrorizados com a abertura de sua apoteose.

Com o rosto cortado pela boca aberta em sorriso, pranto e prazer, vossa majestade sai em frenesi do local. Ao pular o muro, o traje se enrosca nas grades, prendendo-a e soltando-a imediatamente, o que a leva a um forte tombo na calçada. Rosto agora pintado em rubro sangue, ela agora está pronta para desfrutar de si vestida de rainha.

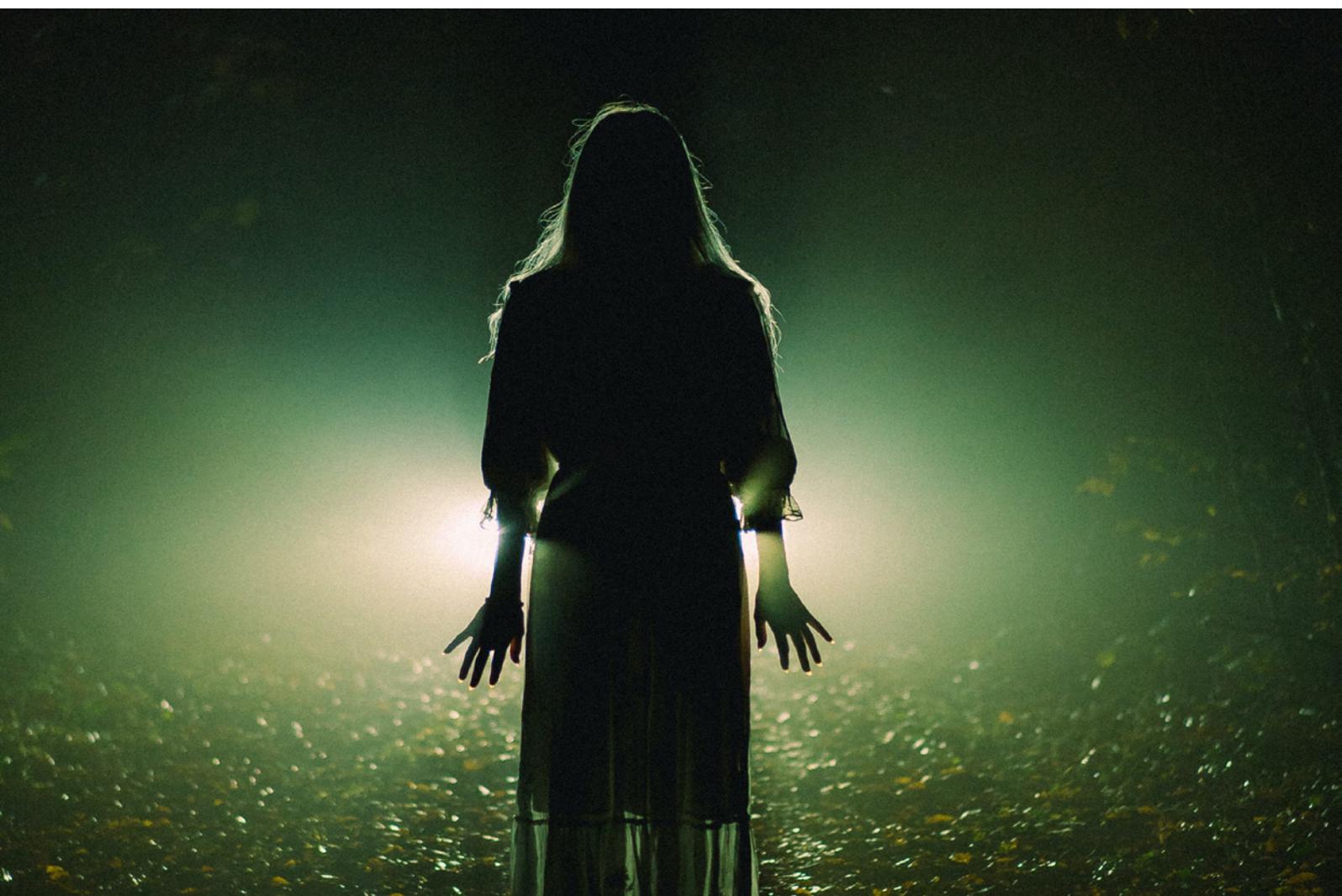
Vendo as demais pessoas ao redor grita para todas, que se espantam e se afastam. Sai correndo e gargalhando pela rua em direção ao movi-

mento dos carros da Conde de Bonfim. Ao correr sente o maior prazer que já viveu, sentindo o roçar dos panos em sua pele áspera. Esqueceu que aquele não era seu favorito, pois o momento tornou tudo seu favorito.

Na rua mais movimentada continuou a correr, agora em meio a carros e ônibus. Não parou por nada, os demais que parassem para dar espaço à sua grandeza.

O brilho dos faróis a cegavam, mas abrilhantavam ainda mais sua alegria. Em regozijo pleno avançou, encontrando em plenitude sua carruagem.

A carruagem chegou! A carruagem chegou!



# A Carta da Terra das Cidades Pobres

*Flávio Jopper*

Nós os representantes do povo das cidades pobres sempre excluídos da participação nas cimeiras internacionais nos reunimos e de comum acordo fizemos editar esta Carta da Terra das Cidades Pobres. Nela elencamos os princípios que vão reger nossa política ambiental.

Nós que não falamos a língua dos países desenvolvidos, e não participamos da estrutura econômica de consumo vimos a necessidade de fazer, por meio dessa, nossa voz, e manifestar nossas opiniões frente ao eminente conflito ambiental. Sabendo das posições imperialistas e das intervenções possíveis na causa ambiental não podemos nos alijar de proteger o meio ambiente e garantir nossa qualidade de vida.

Sendo que o meio ambiente deve ser protegido para que a natureza não se volte contra nós, que a riqueza e o desenvolvimento sustentável é um desejo uni-

versal assim como a qualidade de vida, a propriedade, o direito a vida e saúde integra, com pleno acesso aos bens de consumo e alimentação saudável; concluímos após nossos encontros essa carta de princípios para auxiliar nossas administrações.

Pela administração municipal é que se vai atingir a meta aqui nessa carta proposta. Sabendo disso consideramos inertes as resoluções das COPs e cimeiras internacionais que se aproximam de um censo comum a atender a demanda das nações ricas como uma imposição autoritária da necessidade de chegar a um acordo pelas negociações. Com a consciência de que é na cidade grande, grandes polos econômicos em que se dão as principais degradações ambientais, como: ilhas de calor, trânsito, poluição, esgoto, desflorestamento, inflação imobiliária, criminalidade, etc...





**Concluimos que toda a documentação proveniente das cimeiras é uma farsa diplomática por exatamente nunca terem ouvido nossa voz e levado em conta nossa opinião em nossa maneira de lidar com o meio ambiente muito mais próxima da natureza do que a predita por especialistas urbanos e governantes que não desejam abrir a mão de seu padrão de consumo.**

**Essa realidade mórbida de saber que está errado e procurar apenas minimizar o erro é a principal falácia das cimeiras que outrora temos visto.**

**Vimos como cidades pobres e marginalizadas a necessidade de corrigir categoricamente os erros ambientais e sabemos que as medidas para mudar a forma de se relacionar com a natureza**

**serão menos sofridas entre nossas populações já acostumadas ao pouco. Propomos não ser como o mundo capitalista desenvolvido e sim que eles através da tecnologia da sustentabilidade que dominamos se aproximem da vivência natural e desenvolvam a consciência de que assim é necessário para atender a demanda dos recursos naturais.**

**Pela globalização o que se define como sociedade capitalista deve se transformar em um sistema de produção pulverizado para tender as demandas locais.**

**Com esses valores elencamos os princípios para reger a transformação do mundo capitalista que se diz desenvolvido, porém nunca levou em conta a diferença cultural entre as minorias.**



### **Elencamos os Princípios da Carta da Terra das Cidades Pobres:**

**Princípio da Razão** - por esse princípio se entende que as Cidades Pobres tem razão em realizar um manifesto ambiental com sua opinião.

**Princípio do Modelo** - a estrutura das cidades pobres é o modelo de vida ideal

### **Princípio da Saúde**

- toda a população tem direito a vida, aos direitos humanos, a viver e crescer num ambiente saudável, acesso a remédios e a tratamentos de saúde que promovam a vida e sua preservação

**Princípio da Cultura** - toda a população tem o direito a viver sua cultura independente de política, raça, ou religião

**Princípio da Educação** - toda a população tem direito a educação de qualidade e a conhecer a verdade do universo,

sem serem engabelados por doutrinas levianas

**Princípio do Consumo** - toda a população tem o direito a consumir, comprar bens de qualidade, que lhes sejam uteis. Fica a cargo da educação ambiental educar para o consumo consciente, ou seja, consumir apenas o necessário, o que precisa e o que lhe faz bem



### **Princípio da Igualdade**

- toda a população estruturada e alinhada sob esses princípios tem o direito de tratamento igual, sem preconceito de raça,

credo, origem, naturalidade, etc.

**Princípio da Integridade** - as populações originadas em cidades pobres têm o direito a não serem submetidas a trabalho escravo, situações degradantes, prostituição, subempregos, ou qualquer ato que viole a dignidade humana

**Princípio da Vida** - toda a população tem o direito a vida e a reprodução, crescer e constituir família em ambientes saudáveis

**Princípio da Propriedade** - toda a população tem o direito a posse de bens sem que isso degrade a natureza ou o meio ambiente

Os representantes do povo das Cidades Pobres através dessa nossa Carta da Terra com seus 10 princípios acreditamos que estamos dando um primeiro

passo para que as futuras conferências internacionais tenham uma guia para poderem decidirem seus caminhos de forma a não ferir a o princípio de igualdade da humanidade.

Possam ter coragem de tomarem medidas concretas, viáveis e deixar de lado a tendência de tratados diplomáticos que atendem a uma demanda conceitual e não ambiental. Para que possam resolver o problema.



# O trenzinho do suburbano

*Gabriel Sant'Ana*

I

O despertador emitia sua musiquinha irritante contra a qual o poder da preguiça dos sonhos do colchão macio de molas não poderia lutar. Mal podia enxergar ainda que entrasse pela brecha da cortina uma iluminação da casa vizinha, tal era o peso sobre os olhos de uma noite mal dormida. Sua mão tentava encontrar o aparelho para desligar a musiquinha que já conseguia atingir os ouvidos da companheira, “desliga essa merda... ainda tenho mais alguns minutos, desliga logo...”.



Quanto mais ela o apressava, mais ele se atrapalhava. Quase conseguiu pegar o celular, mas foi um mínimo que fez o aparelho despencar do suporte pendurado na cabeceira. Isso foi um fator determinante para que nenhum peso se fizesse sobre os olhos, rapidamente uma força tomou conta do seu corpo, levando-o ao chão. Sorte não ter quebrado a tela, talvez não conseguisse desativar o despertador.

Todo dia ele fazia o exercício de tentar enxergar o lado positivo das adversidades. Na verdade, ouvira isso em algum canal no YouTube, desses que trazem ensinamentos práticos para o cotidiano, e que ensinam também pequenas frases ou mantras, que a pessoa deveria repetir internamente ou mesmo escrever numa folha e afixar na geladeira. Com o passar de alguns meses, o mantra “Veja Positividade na Adversidade”, sendo repetido e lido, principalmente nos momentos em que cairia na reclamação, já trazia benefícios para a mente.

Apesar da dificuldade própria do horário, do pouco tempo de

sono, levantar por volta das 3:30 tinha vantagens. Uma era o silêncio humano das proximidades. Ouvia-se um passarinho ou outro iniciando um simples piar sem desenvolvimento. Sim! Podia perceber um pio despreocupado, incompleto, podia imaginar o passarinho sozinho, talvez sobre um fio de alta tensão, emitindo ao vento seu canto, como se também tivesse sido despertado de seu sono de passarinho pela Natureza, que o ordenava a iniciar mais um dia a sua vida breve de voos e cantos. O seu canto inicial era um exercício preparatório para as turbulências do dia.

Podia também ouvir uma cafeteira vizinha funcionando e também a própria. O barulhinho da água quente passando pelo fino cano que a conduzia ao pó de café, e a mistura sendo pingada no copo de vidro. Era mais do que um barulhinho. Era uma espécie de tema musical que acompanhava a retirada do pijama, a rápida passada pelo chuveiro morno e a roupa de trabalho rapidamente colocada no corpo mal enxugado. O que não podia faltar nesse pequeno rito anterior à saída de casa era ouvir um jazz, retirando-o da contemplação do som ambiente, forçando-o a se apressar.

Mas não era para apressar demais. Deveria ser uma música com um ritmo agradável, preferencialmente apenas instrumental. Deveria ser algo que se adequasse à naturalidade da vida.



Havia se deparado dia desses pelo YouTube com um álbum do ano de 1983 de Marcos Valle. Uma de suas músicas mais conhecidas é intitulada Samba de verão, que compõe o referido álbum, mas ela não combinava muito com esse momento de saída de casa... Outra se encaixaria melhor, não apenas pelo título sugestivo Naturalmente<sup>1</sup>, mas pelo movimento. Umbadadabada... pararapapa... Os sons não significavam nada além da sugestão de um corpo que se movimentaria ao ritmo dos instrumentos. Também havia algumas palmas em certo momento, reiterando a naturalidade de um movimento sem uma finalidade prefixada. Era uma música de mudança entre as que iniciaram o álbum, adequando-se à mudança de roupa, aos pequenos trajetos da cozinha ao

1 <https://www.youtube.com/watch?v=0xQzNhSaL48>

banheiro, dali para a sala. Mal terminada Naturalmente, logo ele colocava em outra do mesmo músico, mas de um álbum de 2001. E também sugestivo o título - Escape<sup>2</sup>. Muito parecida com a anterior, mas o teclado ganhava um realce que não havia na outra. Um acompanhamento assignificante da voz. Tirudaripari... Um samba jazzado. Duas músicas se compondo em dez minutos rápidos, em um desenvolvimento quase barroco, com variações, repetições, torneios ascendentes, descendentes.

Dez minutos eram muita coisa, evidentemente. O café já estava pronto há uns cinco minutos. Mas o que eram dez minutos comparados a uma hora de viagem de trem lotado até o trabalho?

Tomadas as duas xícaras, lançou-se à rua mal iluminada.



## II

Positividade na Adversidade... Parararapapa... Tirudariparirara... Positividade, caminhando atento e preocupado. Aquele trecho da calçada estava mais escuro, talvez fosse melhor não ir por ali. Assim ia se aventurando entre fragmentos de calçada ou rua mal iluminados.

Aprendera, ao longo do tempo, a abstrair um pouco o visível, passando a dar maior atenção às distintas sonoridades do caminho. O caminhar apressado do tênis desgastado e sujo se atritava aos pequenos pedaços de areia e asfalto, formando pequenos blocos explosivos, ruidosos. Conseguia ouvir um bem-te-vi treinando seu canto incompleto.

Naquele momento, o silêncio da rua possuía uma diferença acentuada em relação ao silêncio da mesma rua durante o fim da noite e toda a madrugada. Vibravam sendo distintamente. O silêncio da madrugada era preenchido pela tensão do motor de uma moto à distância ou de um carro em alta velocidade e a respiração e o batimento acelerados, temerosos de um possível assalto. Ou também pelas garrafas de vidro jogadas por alguém que, no auge de uma discussão e inflamado pelo álcool de litros de cerveja, era incapaz de completar uma frase com sentido, e gritando cada vez mais

assustadoramente, ecoava sua violência por metros e metros. Ou ainda por um choro de bebê que ultrapassava a cortina e a janela fechadas de um apartamento, talvez por causa da necessidade de amamentação ou talvez por uma febre, e se podia também perceber que o choro, no início constante, cessava por breves momentos, talvez o pai ou a mãe, ou quem quer que estivesse cuidando desse bebê tentasse abafá-lo (o choro) por meio de um assovio que buscava imitar alguma musiquinha ou mesmo produzir algum ritmo agradável. Era uma certa agitação que cortava o silêncio noturno.

Já o silêncio do início do amanhecer era acompanhado por sons fugazes. Um grupo de adolescentes dentro de um carro, música alta vibrando o chão, rindo, falando qualquer coisa em voz alta, um deles de óculos escuros, ora o carro aumentava a velocidade, ora diminuía para passar pelo quebra-

molos, talvez voltassem para casa depois de uma madrugada intensa de festa. Fuga, pressa para que o tempo não cedesse ao amanhã. Ou ainda, de uma janela gradeada de apartamento saía uma música de despertador, que não era desligada, e permanecia por quase dez minutos a se repetir, insistentemente. Ou novamente o bebê que chorava seja de fome seja de febre seja do pesadelo seja de susto por ter sido acordado por uma briga de xingamentos que ganhavam altura e intensidade.

Aproximava-se, assim, da estação de trem. Havia conseguido ultrapassar com velocidade metros de mínimos barulhos e situações diversos, tranquilizava-se um pouco pela presença de um carro de polícia na esquina, acalmava-se ao poder retirar o celular do bolso e ver que seu trajeto havia durado cerca de quinze minutos, o que lhe possibilitaria chegar antes do segundo trem.





### III

O atrito forçado do trem para parar na plataforma misturando-se ao calor intenso que brotava debaixo do chão juntamente com alguns gritos de vendedores de balas e algumas risadas de pessoas que terminavam rapidamente seu cafezinho e também alguns gritos de mães atentas aos filhos que se demoravam sentados nos bancos da plataforma formavam um ambiente sonoro digno das mais refinadas músicas dodecafônicas. Variados pés calçados dos mais variados tipos de calçados ou também muletas intensificando em notas distintas seu movimento desritmado em pressa.

Àquela hora as portas dos vagões com extrema dificuldade se abriam ou se fechavam. Uma enorme massa de braços, bolsas, pernas, pelos, pés, dedos, cabelos se ajuntava nas duas portas e nos vidros, sendo desintegrada quando se abriam forçosamente, saindo do interior exclamações de dores ou alívio. Ao tocar do sinal indicativo de

fechamento das portas, empurrões se faziam necessários para comportar as várias partes dentro de um espaço superlotado, fazendo-se um outro tipo de massa, mais colorida com a entrada de novos membros.

À medida que a viagem prosseguia, ouviam-se conversas, reclamações, despertadores, cultos, orações musicas, advertências para as prioridades no uso dos assentos. Mais próximo ao corpo de cada um, caso houvesse uma parada brusca, era possível ouvir o estalo de algum braço ou dedo. Alguém mais ao longe, numa conversa entre amigos que se tornava pública, lembrava de uma vez que uma criança, enjoada pelo balançar do trem, havia vomitado o chão e tinha sujado algumas pessoas, não tinha necessidade de falar isso agora né, não tem respeito não? Tô comendo! E eu com isso? É minha liberdade de expressão!

Totalmente diferente é o destino, a imagem destes nossos trenzinhos suburbanos, quando se ousa compará-

lo a O Trenzinho do Caipira. O movimento da música nos lembra bem este nosso. Contudo o peso trágico da vida suburbana nos retira toda possibilidade de sonhar com um trem sem destino, ou de conseguir ver o luar ou o sol a despontar nas montanhas. Os meninos destes nossos trens só aparecem à tarde, vendendo doces ou fazendo apresentações com dança e música, pedindo a atenção dos passageiros cansados de tanta gente clamando por ajuda.

A parada súbita do trem não mais assustava a ninguém. O que se esperava era o aviso do condutor. Problemas técnicos obrigaram a parada, e se esperavam os técnicos para o conserto. Muitos reclamavam e mandavam áudios e pequenos vídeos de dentro do trem para os grupos de trabalho. O incidente iria se replicar nos noticiários da manhã, tarde e noite dos jornais televisivos da cidade, nas páginas das redes sociais. Apenas mais um caso para uma lista sem fim de outros eventos comuns da vida suburbana.

#### IV

Boa tarde, me chamo Victor, sou artista de rua, e se alguém se sentir incomodado pode acenar pra mim que eu mudo de vagão nesse momento. Alguém? Então como ninguém se incomodou, vou tocar duas músicas gospel. Independente da religião, prestem atenção na letra dessas músicas, pois, com certeza, vai tocar no coração de cada um neste vagão!

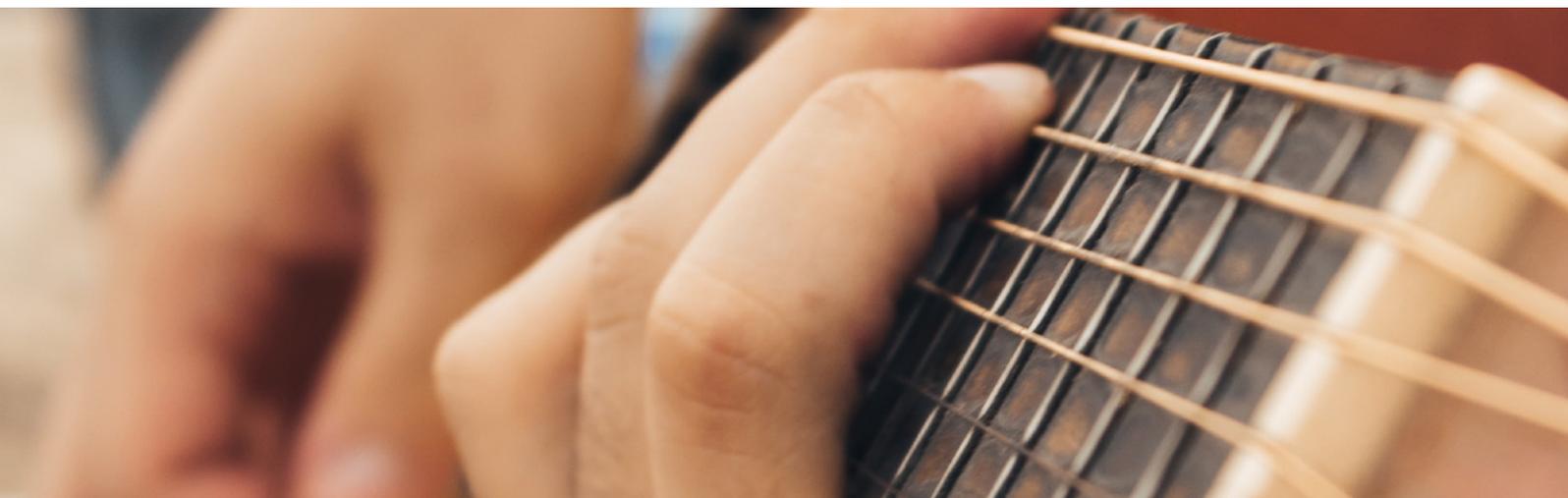
E assim começava a tarde de nosso personagem rumo à casa. Ele não fazia questão de usar fones de ouvido, pois, além de incomodar sua audição, impedia que sua atenção ficasse alerta para os acontecimentos imprevisíveis naquele ambiente.

Após a primeira estrofe, eis que Victor chegava à mais conhecida:

“Dono de toda ciência, sabedoria e poder

Oh dá-me de beber, da água da fonte da vida

Antes que o haja houvesse



Ele já era Deus

Se revelou aos seus

Do crente ao ateu

Ninguém explica Deus”<sup>3</sup>

Ele não apenas cantava ou dedilhava o violão, inebriava-se da certeza da fé que não se limitava à compreensão de crentes ou ateus. Uma corrente de esperança, resignação envolvia a todos naquele vagão. Muitos acompanhavam com os olhos fechados, e os lábios balbuciavam uma espécie de oração numa língua desconhecida. Os vendedores que passavam, gritando os preços dos produtos, paravam alguns minutos para acompanhar o pequeno louvor. As condições contingentes, diversas, multiformes de cada um perdiam importância durante aquela espécie de pentecostes.

As palmas se seguiram instantaneamente após o fim do louvor.

Como disse, sou artista de rua, e me mantenho graças à colaboração de vocês! Então vou passar meu humilde chapéu. Vocês podem colaborar com quanto Deus tocar no coração de vocês e se não for fazer falta na mesa de cada um. Mas pode ser também um sorriso, um aperto de mão, uma palavra de incentivo. E dá aquela força me seguindo nas redes sociais, meu instagram é @victormusitrem.



Passaram-se aproximadamente quarenta minutos entre a estação de Gramacho e a do Maracanã. Ali nosso personagem desceu para tomar outro trem, na linha A, rumo a Madureira, onde deverá andar até uma ótica perto do Madureira Shopping, para pegar os óculos que ficaram prontos desde anteontem. Enquanto esperava sentado num banco, admirava a mudança de cor do céu. O cinza do concreto da universidade estadual, o cinza dos cabos, o cinza dos metrô e trens, o cinza do chão da plataforma se irradiavam aumentando o volume das nuvens, gerando uma mistura de fascinação e pavor nas pessoas que se encontravam naquela região. O imponente brilho

3

<https://www.lettras.mus.br/preto-no-branco/ninguem-explica-deus/>

de um raio lhe iluminou a memória resgatando uma belíssima canção de Mateus Aleluia:

“Na linha do horizonte tem um fundo cinza

pra lá dessa linha eu me lanço, e vou”<sup>4</sup>

As gotas começavam a cair e o que há pouco era cinza obscureceu por completo. O assobio do vento assustava os que se distraíam com as mensagens no celular. Não lhe preocupava se molhar, pois sempre carregava o guarda-chuva, mas as ruas que certamente se tornariam rios, o trânsito que pararia – mas logo mentalmente recitava Positividade na Adversidade, e suas preocupações diluíam-se com as águas que escorriam pela janela do trem.

---

4 <https://www.youtube.com/watch?v=QX1uJRYqm6I&t=1s>

# A Filosofia da Comparação Palestra proferida pelo Prof. Cenóbio Lacerta Viridis da Universidade da Sabedoria

*Flavio Jopper*

A Lei Natural, aquela que emana da razão humana trás duas verdades não roubar e não cobiçar as coisas alheias. Princípio que rege a comparação. Se comparamos A com B veremos uma série de diferenças que precisam ser controladas pela lei natural. Se não surge a inveja. Por esse pressuposto não podíamos ter reis, e não podemos ter presidentes. Logo, eles estariam em posição impar na sociedade que suas coisas seriam cobiçadas.

A Revolução Industrial, com sua série de manufaturas inundou o mundo com produtos e quinquilharias para tratar de um fenômeno psíquico a inveja. Se ela surge da alma não sabemos, se é algo que brota do carácter não sabemos também. O certo é que o acesso aos bens de consumo é uma questão de qualidade de vida, mas implica em degradação am-

biental por usar os recursos da natureza para a produção. A demanda industrial hoje em dia tem a dimensão mundial. O mercado consumidor precisa ser atendido em números bilionários.

A Luta de Classes surge com a comparação, A tem e B não. B não possuiu recursos para ter. É claro que somos contra a luta de classes; porque ela surge da comparação e somos contra a comparação, que surge da existência de desigualdade.

Imaginemos que numa certa ditadura fosse criado um sistema de controle de posse de bens. Toda vez que uma pessoa comprasse um chaveiro deveria passar fome por 3 dias. A posse do chaveiro surgiu da comparação de ter e não ter, é óbvio que a posse de um chaveiro é quase que possível a toda a população



por acesso a renda mas o governo julgou necessário coibir a posse de chaveiros com fome. Foi uma decisão soberana.

Mas se esse dispositivo de “matar de fome” quem compra um chaveiro fosse sem amplo controle. Uma pessoa muito invejosa começasse a se comparar com as outras. Nosso velho A tem, B não. Esse invejoso utiliza de um dispositivo para matar de fome quem compra um chaveiro para matar de fome quem compra uma chave.

Isso porque ele se comparou, A tem uma chave e (ele) B não. Quando ele se compara e utiliza de uma punição ilegal, ele está fazendo justiça com as próprias mãos. Ele se considera tão melhor que os outros que não pensa que ter

uma chave não é proibido, mesmo se ela é uma chave, chave de boca, ou chave inglesa. Nada proíbe possuir uma chave.

O ato de fazer justiça com as próprias mãos é um ato de se considerar muito melhor que os outros que surge da comparação.

Seria essa a nossa conclusão. Em decorrência disso começamos a comparar cidades. Algumas cidades são muito desenvolvidas, outras pouco.

Falamos em qualidade de vida. Mas desejamos chegar na comparação ambiental.

Algumas cidades estão completamente poluídas e devastadas com o meio ambiente degradado. Isso se compararmos com cidades que assumiram uma posição de preservação ambiental faz alguns anos ou décadas.





É notório que no Rio dos Cisnes seu riacho com patos foi despoluído, é obvio que na Ilha dos Amores surgiu o Partido Ambientalista. Isso já tem algumas décadas.

Quando comparamos uma cidade rica com uma pobre procuramos políticas econômicas para atender a demanda de enriquecer a cidade pobre.

Quando comparamos uma cidade poluída com outra sem poluição procuramos políticas ambientais para atender a demanda de despoluir a cidade poluída.

Em meu ponto de vista são duas demandas antagônicas. O sistema de produção degradou a natureza e poluiu algumas regiões e enriqueceu outras. A

quem cabe a decisão de consertar a natureza? Justiça com as próprias mãos? Não já se observou que esse sistema é corrompido na origem. Buscar uma política de concertar a natureza? Interessante o caso se não fosse um modo operante sem impulso próprio no capitalismo.

Da natureza nada é posse eterna, nesse mundo ninguém fica com as coisas até o infinito, aqui nesse planeta nada se cria tudo se transforma. Essa lógica é contra o capital, que surgiu, se acumulou nos polos sociais e gerou a comparação, a comparação gerou a necessidade de igualar, a demanda industrial buscando matéria prima degradou e poluiu e gerou o impacto ambiental que vivenciamos a nível mundial.

Como vamos discutir a posse de bens? O Direito a acumular e a riqueza? Não se iludam, nem o comunismo conseguiu resolver esse impasse. A partir do momento em que o homem das cavernas fabricou uma faca de pedra ele passou a ter uma faca e outro não.

Então tivemos que desenvolver cutelarias para que todos pudessem ter facas. É claro que a lógica de ser um desprovido das coisas não agrada, é claro que excluir um grupo para que outro possa tomar a posse da terra é uma “justiça feita com as próprias mãos”. Acreditamos que em hipótese alguma ninguém vai legislar contra a própria propriedade.

Por isso legislar contra a propriedade alheia é uma certa forma de fazer justiça com as próprias mãos originada na comparação. Quando começamos a discutir se A pode ter, e B não pode ter; surge outra comparação de natureza diferente.

O que nivela a diferença e comparação é a posse do capital. Ele permite comprar os bens e a qualidade de vida do bem estar social. O mundo se revoltou contra isso. É esperado que não utilizem a política ambiental para justificar essa diferença e comparação, substituindo a lei do capital como fonte originária da diferença comparativa.

Podemos concluir que estamos economicamente no mundo a mercê da comparação. Não será possível aceitar que façam justiça com as próprias mãos, mas em contra partida a decisão deverá ser tomada por todos, numa certa forma de igualdade e fraternidade.

Essa demanda é uma liberdade que temos de tomar decisões o mais próximas da verdade embora um grupo ainda faça justiça com as próprias mãos e se considere no direito de fazer as comparações e ser diferente.



# Amanheceu

*Daniele Gervazoni Bastos*

Amanheceu...

Sem celas, janelas para abrir... Flutuando no espaço se encontravam todos... E logo adiante... Ela... Linda, azulada, soberana, destacava-se a bailar em torno do sol. }

Parecia em paz, aquele lugar assim tão de longe... E sete bilhões de pessoas se entreolhavam, tão diferentes uns dos outros, mas naquele momento, eram todos iguais, e estavam em igual posição... Não importa, de indigentes a bilionários, estavam todos despejados.

Essa era a condição encontrada naquele instante. No começo era um choque. Todos se perguntavam...: - Como assim? Em tantas línguas, não surgia uma explicação...

- Eu quero voltar...
- Quero voltar pra casa...
- Minha cama...
- Minhas contas...
- Meus carros...

- Meu espaço...

- Como assim...?

Não foi brutal, mas foi marcante, na verdade ninguém entendia o que teria acontecido, alguns cientistas altamente qualificados tentavam se organizar. Para tentar resolver e tentar também entender aquela nova situação. Foi realmente um problema, era como acordar num filme de ficção científica, e todos pareciam abandonados:

- Daqui a pouco vamos começar a sentir sede, fome... Não sabemos nem como estamos respirando.

- Talvez estejamos num sonho... Um sonho coletivo.

- Um pesadelo, certamente um pesadelo...!

- Queremos todos acordar, não há possibilidade mínima de um pesadelo coletivo. E

Deus, onde está Deus neste instante? Só há a escuridão, não há chão e nem conseguimos cair....

Queremos terra...! Queremos segurança! Queremos nossas casas, nossas coisas...! E é tão simples e pouco.

Mas o Planeta só queria paz. Sugeriu um engenheiro: Reticente...

- E se formos para Marte, para Lua talvez, e se formos à outra parte... Talvez encontremos água, ou alimento, e metal.

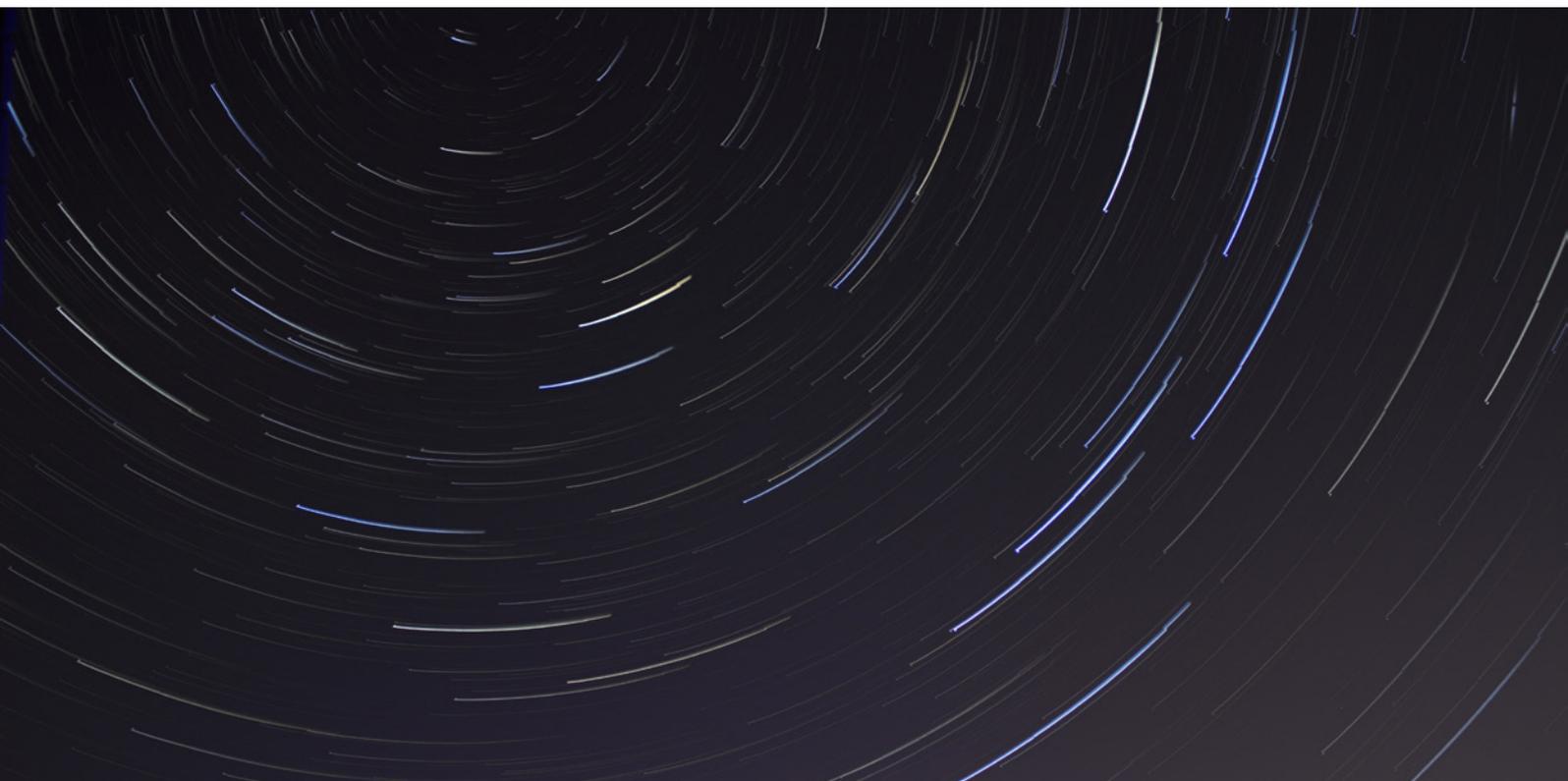
- Não, nada disso! Vamos voltar ao nosso planeta azulado, um físico praticamente ordena. Deus nos colocou lá, por ser a terra o espaço perfeito para nossa sobrevivência, quanta audácia esse acontecimento desnecessário. Conseguiremos voltar, temos inteligência suficiente para encontrar solução.

Retruca um construtor:

- Ah, é mesmo, mas diga-me como, sem material pra se quer a construção de uma nave. Não temos nada, uma covardia, nos despejaram enquanto dormíamos e acordamos no vazio, sem direito a nada. E pensar era a única estratégia, e orar era a única forma de tentar se acalmar, o desespero pela primeira vez era tão único que não havia guerra, pois todos entenderam que estavam diante do mesmo sofrimento.

Até que em oração conseguiram a manifestação do Soberano, e assim disse o Soberano:

- A terra como filha, como parte de mim, solicitou-me tal proeza, pois a vocês, filhos humanos. Cabe a lição. Asseguro-vos que enquanto eu estiver por perto, não terão fome, nem sede, não sentirão o frio





da noite e nem o peso de vossas atitudes para com a filha azulada. Pois EU como PAI deste universo que sou, como PAI de todos aqui, reconheço, pois bem que merecem um castigo, um castigo sem dimensão, porém EU PAI deste infinito lugar, determino a paz da Azulada, determino a paz dos planetas. Mas também sois vós todos filhos meus. Em tantos desvios e ganância, fizeram por merecer este momento. Pois eu PAI que sou peço um tempo para decidir, o que farei daqui por diante, pois são filhos, também semelhantes, mas confesso, não sei como agir. Agrediram a terra demais, em guerras sanguinárias, banais.... Pois o planeta não foi limitado, não foi dividido assim desigual. Pois EU PAI que sou, peço um tempo, preciso de isolamento, para fluir e pensar. Também vou conversar com a Azulada, resolver toda caminhada

que agora terei de zelar.

E sete bilhões de pessoas, agora se pedem desculpas, se abraçam e se reconhecem, como irmãos e assumem sua culpa.

É tão difícil entender. Como vivem os pássaros e os Leões, ganham os céus, ganham as matas ao nascer, e não destroem as nações.

É tão difícil entender, que os bichos ainda vivem por lá, sem destruir, conseguem viver, sem a maldita ganância... conseguem evoluir e crescer... E ainda dizemos que bichos, não sabem pensar...

E sete bilhões de pessoas, em oração de mãos dadas. Pediam para o mesmo PAI, para retornar à Azulada.

E Deus até que ouvia, mas em silêncio e razão, entre seus lábios sorria, e recebia a oração, e Deus até entendia, que era só desespero,

pois na verdade as promessas, não seriam lembradas após tal pesadelo.

E então Deus ressaltava em silêncio, deixo-os por mais alguns dias, até que aprendam a essência, da irmandade, da harmonia. Deixo-os por mais alguns dias, até que aprendam o respeito, até que aprendam de fato... azulada precisa de férias, e eles precisam entender... A intenção deste ato. Então que sentiam saudade, de tudo que havia por lá, seus animais, suas casas, suas funções, cada um seu lugar...

Então que sentiam saudade, e encontravam o valor, de cada gota de orvalho, de cada alimento o sabor, e então que sentiam saudade, de cada gota de chuva, de cada raio de sol. De passear sob a lua, de ver jardins tão floridos, de cada praça e rua, e até de seus inimigos... INIMIGOS..., mas que inimigos haver....

Estão todos aqui, e inimigos

nem parecem ser.... Pois nem que querem meu espaço, e nem que buscam outro Deus... Querem apenas voltar casa... E cada um aos seus "eus".

Então viram a diferença que se instalava no íntimo, a lição soberana era o fruto, para o futuro do ser, pois entreolhavam-se todos tão diferentes e iguais, e entendiam que dinheiro, credo, sexo e raça, não os subdividiriam jamais. Pois eram todos os filhos, de uma só força e magia, estavam todos entregues a decisão de uma só sabedoria. Sabedoria tão essa, que uniu todos ali, longe da bola azulada, tendo que uns aos outros unir.

Entenderam então que durante toda uma vida, abriram feridas por engano...

Que por tantos bilhões de anos...

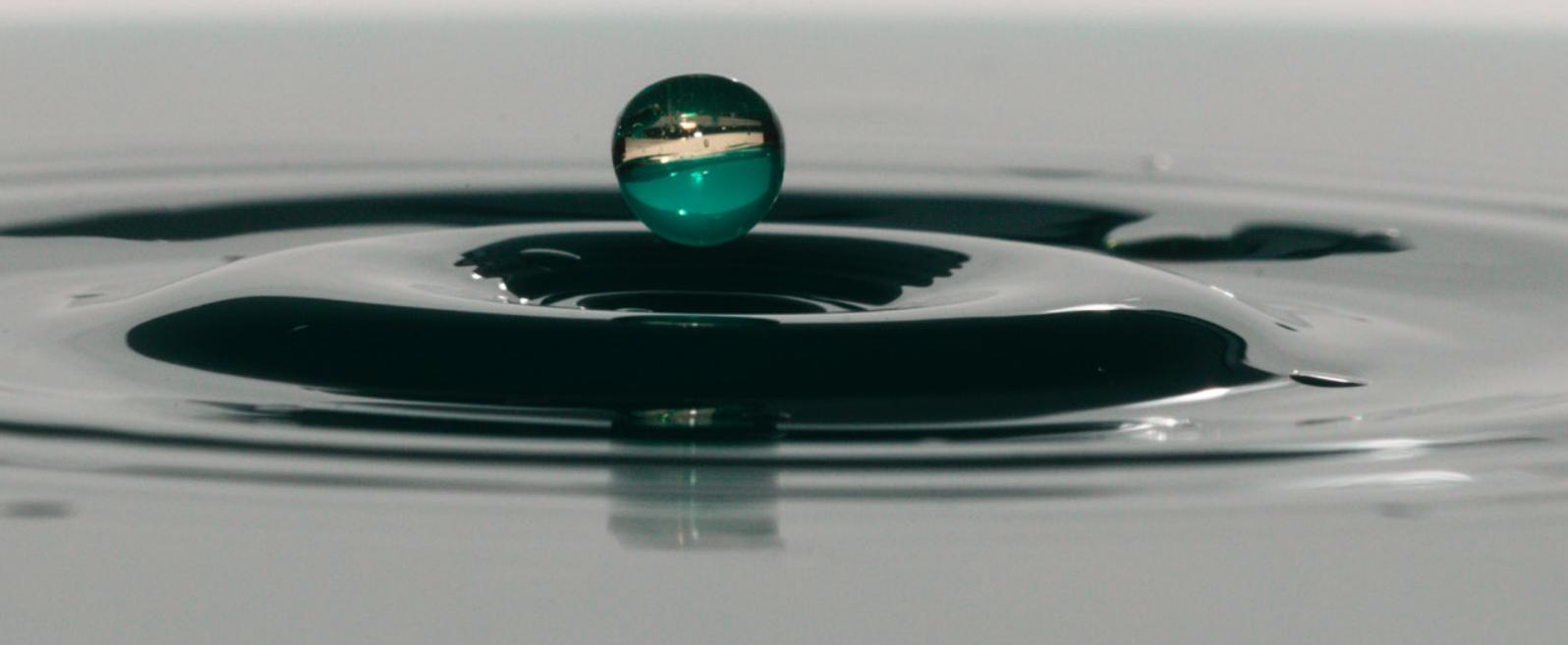
Havia apenas a casa azulada e havia apenas humanos...



# Poesia

*Jaque Alves*

Homogêneo, líquido, translúcido  
Sempre há riscos  
Como uma gota de veneno disfarçado  
A harmonia pode não ir  
além da força  
Nem sempre o que vai  
É o que volta  
e o que norteia  
Uma realidade pincelada  
De metáfora e abstração  
É o mais bonito.



# Implodir

*Thaís Parméra*

A casa caiu  
Inerte e sonâmbula  
Nas virtudes que eu apreendo  
Das minhas idas e vindas perpétuas

Só eu respiro  
A poeira ardente da ausência  
A repousar o meu corpo  
E acalentar meus pensamentos

Os saltos cabulam  
O apunhalar das horas  
E dos manejos dos gráficos econômicos

Que eu tenho como moeda de troca?  
Só os meus gritos  
Que mal chegam aos arranha-céus.

Meu lirismo não encontra mais  
O desencanto  
Das auroras  
Ou o amargurar  
Do silêncio

**Eu rebento  
Todas as contradições  
E arrisco tudo  
Num só momento  
Exaspero a vida  
Em todos os seus sentidos  
E me atiro da sacada  
Onde os sonhos  
Só pensam ser sonhos  
E onde eu amarro  
Os mananciais dos cantos**

**Sorrirei...**

**Quem sabe alguma vez  
E o tempo acorde quando eu pedir**

# Poesia

*Ariane Felix*

Todo dia, a noite apressa-se a chegar  
E a luz do Sol esmorece em meio às trevas noturnas  
Sem luz não posso ver as respostas  
Uma boca abre-se no quarto  
Uma janela que nada diz, com suas cortinas balançando furiosamente  
Parecem indagar tanto quanto eu  
Parecem ser atormentadas pela dúvida  
E eu me pergunto: por que?  
Por que vim parar aqui?  
Por que logo eu?  
Posso escutar a resposta vindo do Silêncio  
Que não sei e nunca saberei.



# Mundo

*Daniele Gervazoni Bastos*

O mundo se revoltou...

E expulsou a humanidade de sua morada.

Ela olhava com olhar de piedade,

E clamava abrigo,

Para aquele mundo sem coração;

E o mundo dizia:

- Estou indo embora e não vou mais voltar, desisto de vocês. Não me merecem.

Os homens revoltados, diziam tê-lo construído, e

que ele não podia ir com tanta riqueza material, que por eles conquistada.

Mas o mundo não se rendia, e não queria saber. Pois o planeta se pertencia e queria bem viver.

Foi então que o mundo resolveu falar com Deus... E foi!

Seguiu ao caminho do céu, "espaço afora". E chegando lá foi dizendo...

- Deus, meu criador,

Realizou-me sonhos

e me deu amor...



- Vim te pedir desculpas... , pois me vim embora com o que me restou de natural, cuspi o povo afora com a ajuda de um vendaval.

-Eu mundo dei as costas, e não volto mais atrás, pois que procurem outro mundo que o meu desejo é paz.

E o povo em geral, numa agonia total, também quis falar com Deus,  
Mas Deus só quis ver a terra,  
Pois sabia de sua razão.

E a multidão solta no espaço,  
Chamando o mundo de ladrão.

A terra voltou a seu lugar,  
A humanidade quis invadir,  
Mas o mundo se defendeu  
Fazendo o mar se expandir.

Os homens desconsolados,  
Flutuando no espaço.  
E o mundo em sua casa,  
Tirando seu sono de atraso.  
Até que o universo não aguentava  
Hospedar a tal desesperada,

E foi falar com Deus.  
Que resolveu a situação  
Convencendo o mundo  
A dar-lhes uma segunda chance

**Foi difícil convencê-lo, mas a humanidade voltou a sua morada.**

**Mas o mundo disse a Deus**

**Que se a humanidade não tivesse melhorado, ele iria embora mesmo.**

**Hoje o que há no mundo é uma nova civilização, pois a humanidade tem medo e respeita o mundo, que por fim, perdeu o coração, ao menos assim a natureza vive!**



# Coisas Urgentes

*Cassia Cristina Cunha*

Olhar este dia  
crescendo quieto.  
Caminhar e tornar-se ferro  
Esculpido na saudade.  
Olhar e sentar  
nas folhas bêbadas  
se amarelando no vazio.  
Olhar o avesso  
do que não aconteceu.  
Olhar e duvidar  
do enigma castanho do teu olhar.

(Verbo Feito)

O vento é frio.  
O vento é muitas coisas correndo.  
o vento é o espanto no meu canto,  
alheio, n terraço das coisas.

# Patente

*Thaís Parméra*

**Resisto  
Porque tudo morre inteiro  
E quando vivo,  
Tenho lampejos  
da minha existência**

**Revivo resiliente  
Porque sou Arte  
e não posso deixar de ser  
Porque nasci para rasgar o mundo  
E reinar soberba  
com toda minha indignação  
sobre tudo o que existe**

**Rasgo os concretos-reais  
e transcendendo os asfaltos  
as censuras  
e mordanças dos tempos  
de chumbo reprisados  
que insistem  
em uma latência poderosa  
teimosa, burra e míope  
contra toda qualquer**

**COR**

**VOZ**

**TRAÇO**

**GESTO**

**LINHA**

Não me submeto a nada  
e não dobro os meus joelhos  
Sou Palavra,  
capaz e rasgar as caixas,  
Aquela que ressuscita  
em plena luz do meio-dia  
E que ri,  
dessas risíveis ameaças de clausura

Sempre floresço  
Sempre (re)existo  
Entre os momentos dos mortais  
dou sentido ao etéreo  
ao que ainda (in)existe.

Sou Poesia  
E reino em terras desertas  
E quanto mais seca a alegria  
Quanto mais as lágrimas brotam  
Quando o fogo consome  
Quando o sangue jorra

Eu sobrevivo  
Componho as métricas  
e desponho  
eternamente  
Numa esperança  
(cheia de crises)

**Sou Arte  
Destilo tudo ao meu próprio sabor  
De enumerar feições  
aspirações  
e momentos**

**Tudo é meu  
E de mim mesma  
Gero tudo  
Da cinza,  
Do pó,  
Dos átomos,  
Do vazio.**

**Eu existo.**

# Poesia

*Ariane Felix*

Andei por bares atordado  
Embebedando-me de baratos vinhos  
Cujo sutil sabor adocicado  
Esmorecia em meio aos espinhos

Espinhos que desciam rasgando  
A boca, a garganta, tudo  
Sentia o gosto da alma amargando  
Em meio a este vício mudo

Até que um dia, deparei-me então  
Com uma taça sobre a mesa a me espreitar  
Seu líquido, rubro, suave, chamou-me atenção

Tomei-a lentamente. Decidi arriscar.  
E quem diria! Aquele sabor inigualável não me deu decepção  
Descobri vinho raro, único exemplar

# Os gritos da Fábrica

*Cassia Cristina Cunha*

Nos olhos a cidade explode  
com rugidos de fumaça.  
Contudo, a vida galopa louca,  
silenciosamente plantada no pânico geral.  
Os gritos da sirene da fábrica de armamentos  
chama operários do medo para fabricar bombas,  
enquanto crianças morrem de fome,  
enquanto Maria apronta o almoço e veste as crianças.  
A sirene da fábrica de armamentos  
grita o oráculo difícil de se viver  
sem saber se amanhã o mundo continua  
no beijo frio dos concretos das cidades  
que chega com o verão.  
Mas a vida continua em seu avesso,  
e as fábricas de armamentos tocam suas sirenes  
enquanto os homens se devoram e calam.

# **Liberdade a Mil!**

*Vidocq Casas*

*Editado por Thaís Parméra*

(...),

**EU SOU O QUE LUTA**

Para não morrer

O que dança para a PAZ

Viver no teu sorriso

E a luz das estrelas dos sonhos

No teu olhar !

E

Eu sou a luta que não é Guerra ,  
Maldade ou Morte , mas, a Luz do  
amor no coração dos homens...

E sou a voz que canta e grita

Para o arco- íris da felicidade

pintar o Mundo

de Alegria e Esperança!

Sonho florir uma nova flor

De uma Primavera azul onde não haja poluição , desespero ,  
opressão ,

Pânico e o BEM nunca tenha fim ...

Não sou de ferro, plástico e nem de

Aço,

**SOU HUMANO**, frágil como a carne das rosas ... .

**EU LUTO E ORO PEDINDO A DEUS**

Para acabar para sempre com a

Fome , a pobreza , o racismo, as maldades ,

Os medos e a terrível escuridão da solidão...

Procuro fazer do **MEU CORAÇÃO**

Uma fogueira de êxtase e amor. Eu insisto, persigo e faço tudo  
para a **LIBERDADE** nunca morrer e

Toda vida **VIVER ETERNA** na alma doce de quem **AMA** por  
amor !!!

**Seção Temática V**

# **ARTES VISUAIS**



# A FÉ

*Danielle Geroazone Bastos*



DANIELLE GEROAZONE BASTOS

**Imagem Digital**

# Índia

*Jaque Alves*



Aquarela sobre papel

# Imaginação

*Thaís Parméra*



Aquarela sobre papel e nanquim

2021

# Phenomena

*Vidocq Casas*



Óleo sobre madeira/fórmica

1979

# Seção Temática VI

## Fast impact goes beyond top-six role

By LARRY BOKOS  
The Yankees' impact on the baseball world goes beyond their top-six role. The team's success has inspired fans and players alike, and their performance has set a new standard for excellence in the sport.

## Minor leaguers praise treatment in Yankees

By MICHAEL D. BISH  
Minor leaguers praise the treatment they receive from the Yankees organization. The team's commitment to player development and support has earned them widespread respect and admiration.

## Baseball unites father, son amid trying circumstances

Baseball has brought a father and son together during a difficult time. The sport's ability to unite people and provide a sense of community is truly remarkable.

## Boone: Judge won't m to 1B because of injury

Boone believes Judge will not move to first base due to his injury. The team's management is focused on getting him back to his original position as soon as possible.

## Post Player Profile

**Asper Fast**  
Age 25, 6'2", 210 lbs.  
Position: Pitcher  
Team: Yankees

## Family Christmas

A heartwarming story of a family celebrating Christmas. The joy and togetherness of the season are beautifully captured in this article.

## Put some sexy in

A story about adding a touch of sexiness to everyday life. It's all about embracing your individuality and living with confidence.

## Jamaican it up

A celebration of Jamaican culture and music. The vibrant rhythms and rich traditions of the island are showcased in this feature.

## Emily Smith

A profile of Emily Smith, a talented individual in her field. Her dedication and passion are the driving forces behind her success.

## A very God idea

A story about a divine inspiration that led to a great idea. It's a testament to the power of faith and creativity.

## A sweet new Daily

A new daily routine that brings joy and positivity. It's a simple yet effective way to start each day on a high note.

## Age six

A story about a six-year-old child's journey. The innocence and wonder of childhood are beautifully depicted.

## Shuttered West Village piano-bar players send out showtunes from home

West Village piano-bar players continue to perform from home. Their talent and love for music shine through despite the challenges.

## Johnatanaki

A profile of Johnatanaki, a person with a unique story. Their experiences and insights are both inspiring and enlightening.

## Pandemic

A reflection on the impact of the pandemic. It's a time of challenge, but also of growth and resilience.

# AONTECEU NO MCT

### LEGAL SERVICES

Attorneys at Law  
Corporate Law  
Litigation  
Real Estate Law

### FINANCIAL SERVICES

Investment Management  
Retirement Planning  
Estate Planning

### TECHNOLOGY SERVICES

Software Development  
IT Support  
Cloud Solutions

## de Blasio Hush-hush on key stats

Mayor de Blasio has been quiet about key statistics. The public is curious about the details, but the administration remains silent.

## First NYPD worker dies

The first NYPD worker has died. The tragedy has shocked the community and raised concerns about safety.

## G-20 adds \$5 trillion to fight

The G-20 has added \$5 trillion to the fight against the pandemic. This is a significant step towards global recovery.

## Museum port into \$2T relief

The museum's port has resulted in \$2 billion in relief. This is a major achievement for the organization.

\$10B
\$75M
\$60M
\$25M
\$10M
\$7.5M

## Coronavirus in Connelly

Coronavirus in Connelly. The impact of the virus on the community is being closely monitored.

## DT latest familial face for New Giants coaching staff

The DT is the latest familial face for the New Giants coaching staff. This adds to the team's rich history.

## the balm

the balm. A natural remedy for various ailments. It's the ultimate wellness product.

## Shuttered West Village piano-bar players send out showtunes from home

Shuttered West Village piano-bar players send out showtunes from home. Their passion for music is undiminished.

## Wild day for stocks & blondes

Wild day for stocks & blondes. A day of high volatility and excitement in the market.

## Lockdown orgy halted

Lockdown orgy halted. Authorities have intervened to stop the event.

# Oficina da Poesia & Criação: Um projeto do Movimento Conservacionista Teresopolitano

*Thaís Parméra*

A **Oficina da Poesia & Criação** é um dos grandes projetos da história recente do Movimento Conservacionista Teresopolitano. Ela foi criada ainda no **início dos anos 2000** pelo presidente-fundador do MCT, **Vidocq Casas**. Ele mesmo era um poeta, ativista ambiental e dos Direitos Humanos e arte-educador e viu a necessidade de fazer florescer em Teresópolis um novo núcleo de Arte e Poesia.

Essa necessidade veio de um reverberar de outros projetos históricos que já eram idealizados e realizados histo-

ricamente pelo MCT como os lendários eventos **Recital Documenta, Cantofestallha, Poemata e Phenomena** que impactaram o cenário artístico e cultural regional e nacional ao longo das **décadas de 70, 80 e 90 do século XX**.

No contexto dessa tradição artística e cultural do MCT, **Vidocq Casas fundou e coordenou a Oficina da Poesia & Criação** com o viés altamente **democrático, plural e inclusivo** de permitir que qualquer pessoa, independentemente da sua idade, etnia, origem, gênero, es-



*Vidocq Casas em ato do MCT para coleta de assinaturas para salvar a Floresta do Jacarandá em 1984*

colaridade, concepção política-ideológica, orientação sexual, fosse livre para fazer arte e expô-la para o mundo.

A partir da elaboração de saraus e eventos artísticos, Vidocq Casas conseguiu construir relações entre a produção artística e poética da cidade e suas instituições como o Clube Elos, a Proarte, o SESC de Teresópolis, a faculdade FESO, museus e tantas outras entidades de âmbito regional, nacional e internacional.

Mesmo com o desenrolar da pandemia da **Covid-19** o MCT, a partir da sua Oficina da Poesia & Criação, participou de eventos culturais pela cidade de Teresópolis. Todos os eventos constaram com medidas de segurança sanitárias e com o respeito a vida e a integridade dos participantes.

No segundo semestre de 2021 o MCT e sua Oficina da Poesia & Criação participaram de eventos como:

- **15ª Primavera de Museus** na Casa da Memória Arthur Dalmaso no dia 23 de setembro.
- Evento da **Conveção do Elos Clube** no Hotel Vila nova em outubro de 2021.
- Evento no Grêmio Musical Paquequer na festa Bosque dos Agriões em razão da comemoração de **50 anos do Elos Clube Teresópolis** no dia 30 de outubro.
- **Encontro da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro** na Casa de Cultura de Teresópolis em 06 de novembro.



Representante da Oficina da Poesia & Criação na 15ª Primavera dos Museus

Jaime Carvalho (professor e vereador de Teresópolis), Sônia Bruno (presidente do Grêmio Musical Paquequer) e Waldir José (representante da Oficina da Poesia & Criação) na comemoração dos 50 anos do Elos Clube Teresópolis



Waldir José (representante da Oficina da Poesia & Criação) no encontro da Federação da ABL



Participação de membros da Oficina da Poesia & Criação no Poeterê 2021

- Participou da **posse de novos membros da Academia de Letras do Brasil (ABL)/ Teresópolis e lançamento da Antologia de Poemas** com autores membros do projeto da Oficina da Poesia & Criação. Ambos os eventos ocorreram no auditório da Universidade Estácio de Teresópolis no dia 12 de novembro.
- **Participação do Poeterê 2021** onde membros do projeto Oficina da Poesia & Criação gravaram vídeos para o evento no estúdio da Feso e Proarte. O evento ocorreu no dia 27 de novembro e representa uma atividade cultural tradicional na região serrana

do estado do Rio de Janeiro que sempre contou com o apoio e participação do Movimento Conservacionista Teresopolitano.

Já no dia 20 de março de 2022 o MCT e a Oficina da Poesia & Criação participaram do seu **primeiro sarau presencial após dois anos de pandemia**. A temática do evento foi “Água” e contou com diversas parcerias, como por exemplo a Empresa Solidária Notur Travel, o Café Solidário, o Projeto Pequenos Sustentáveis e o Projeto Gira. A participação do MCT pela Oficina da Poesia & Criação se apresentou como uma **homenagem ao Dia Internacional da Poesia**. O evento ocorreu na sede da Rede Brasilidade Solidária.

**ESPAÇO iNoVaR**

**20/03 DOMINGO** ENTRADA FRANCA

9h45 Tour Cultural na Várzea com a Empresa Solidária Notur Travel

11h Iniciando a Feira com Café Solidário

13h Jogo do Lixo com o Projeto Pequenos sustentáveis

14h Novas formas de estar no mundo com o Projeto Gira

15h A importância da gestão das águas na Educação Ambiental com Cristina Lydia

16h Sarau em homenagem ao dia internacional da POESIA - Oficina de poesia e criação

Sede da RBS: Rua Coronel Antônio Santiago, 80 (Teresópolis, RJ)

@redebrasilidadesolidaria

*Programação do primeiro evento presencial de 2022 com a participação de representantes da Oficina da Poesia & Criação*

No dia 28 de abril de 2022 o MCT e a sua Oficina da Poesia & Criação realizaram um sarau poético em homenagem ao Dia dos Povos Indígenas. O evento ocorreu no SESC de Teresópolis e contou com ampla participação de vários tipos de manifestações artísticas .

Dessa forma o Movimento Conservacionista Teresopolitano manteve viva a chama inapagável do poder transformador da Arte e da resistência frente aos incansáveis ataques políticos-ideológi-

**A Oficina de Poesia & Criação** convida para sarau poético em homenagem ao dia do Índio.

**Dia 28/04/2022 as 19hs** na Biblioteca do Sesc Teresópolis.

Poetas, escritores, músicos, atores, artistas plásticos e amantes das artes estão convidados Venham e tragam sua família e amigos.

**Vamos viver momentos de magia poética!**

Realização: Apoio cultural:

Sesc GMP URS

ARTE: DANI GERVASINI

*Programação do Sarau Poético do MCT e da sua Oficina da Poesia & Criação de abril de 2022*

cos fascistas que a cultura e a arte têm sofrido.

Reforçamos o nosso compromisso de não somente sermos resilientes aos atentados as liberdades, mas sim sermos resistência combativa as opressões perveras, míopes e totalitárias que tentam calar os artistas.

**Nunca nos calaremos!**

**Se não resistirmos, morreremos!**



# Lançamento do Livro “A Culinária da Feira: A base da gastronomia da Feira de São Cristóvão”

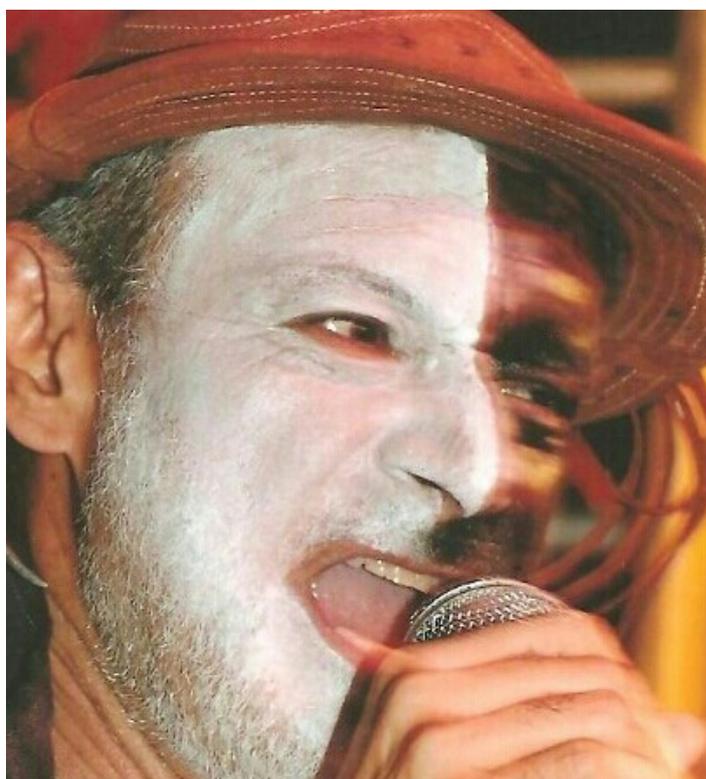
*Thaís Parméra*

Em **março de 2022**, um dos membros lendários do MCT, **Gilberto Teixeira**, lançou seu livro “**A Culinária da Feira: A base da gastronomia da Feira de São Cristóvão**” no Planetário Rio na Gávea com uma sessão de autógrafos.

O autor, que também é um cantor, psicólogo, produtor cultural e idealizador do projeto **Humano Novo**, descreveu

e cantou histórias, episódios e personagens da Feira de Tradições Nordestinas sediada no bairro de São Cristóvão da cidade do Rio de Janeiro.

Houve também a participação do grupo **Caraforró** que é uma banda da moderna música nordestina que versa sobre a resistência, resiliência e criatividade do nordeste.



# **Você quer ser um voluntário?**

**Junte-se ao Programa de Voluntariado Benfeitores da Humanidade!**

**Quer saber mais?!**

**Acesse:**

**<https://shortest.link/1mhC>**

# CONECTE-SE AO MCT!

Fique por dentro das novidades, projetos e campanhas através das nossas mídias sociais!



Movimento Conservacionista Teresopolitano



<http://resistenciaverde.blogspot.com>



@ mct.ong



@ mct\_ong



